

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

O AFETO ALÉM DOS MUROS E PORTÕES: O APEGO A VIZINHANÇAS NA  
CIDADE DO NATAL

Tadeu Mattos Farias

Natal

2011

Tadeu Mattos Farias

O AFETO ALÉM DOS MUROS E PORTÕES: O APEGO A VIZINHANÇAS NA  
CIDADE DO NATAL.

Dissertação elaborada sob orientação do Prof. Dr.  
José de Queiroz Pinheiro e apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte, como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal

2011

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Farias, Tadeu Mattos.

O afeto além dos muros e portões: o apego a vizinhanças na cidade do Natal / Tadeu Mattos Farias. – Natal, 2011.

140 f.: il. -

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Natal, 2011.

Orientador: Prof. Dr. José de Queiroz Pinheiro.

1. Afeto (Psicologia). 2. Vizinhança – Natal (RN). 3. Comunidade. I. Pinheiro, José de Queiroz. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 159.942

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A dissertação “O afeto além dos muros e portões: o apego a vizinhanças na Cidade do Natal”, elaborada por Tadeu Mattos Farias, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal, RN, 19 de abril de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Dr. José de Queiroz Pinheiro (Presidente)

Dra. Isabel Fernandes de Oliveira

Dr. Hartmut Günther

Dra. Gleice Elali (Suplente)

*A vida copia a poesia*

Rubem Fonseca

Aos meus *Pais*, verdadeiros educadores e à minha *Irmã*,  
grande amiga e intelectual.

## Agradecimentos

*Here I stand, head in hands*, com a tarefa mais justa dessa longa e tortuosa (porém agradável) estrada. Está ficando difícil ser alguém, mas tudo tem funcionado bem com uma bela ajuda dos que agradeço neste pequeno pedaço de papel:

À *Leila, Armando e Clarissa*, pelo *limitless undying love* ao meu redor como milhões de sóis.

A *Zé e Gleice*, por me ensinarem a enxergar através de *bent backed tulips e glass onions*.

A *Fred*, grande mestre e amigo. *Jai guru deva om*.

Aos amigos e irmãos dessa nossa banda do Clube dos Corações Solitários: *Breno (blackbird)*, *Beijo (nowhere man)*, *Marcel (his inside is out when your outside is in)*, *Albert (day tripper)*, *Raphael, Mariana e Cris*, responsáveis pelo meu apego a Natal e não tanto pela minha sanidade mental. *Will they still need me, will they still feed me, when I'm sixty-four?*

Aos membros mais recentes dessa banda, *Zezinho, Anna, Hildon e Kallyne*, que não me deixam ficar preocupado.

À *Lyna, Berit e Karinne*, três das minhas quatro loiras favoritas.

Às companheiras de GEPA, viagem e Mattos' Angels, *Raquel, Fernanda e Hellen*, por fazerem valer o espírito GEPA 2010 (só entra quem agüenta).

À *Keyla*, por todo apoio logístico e intelectual durante a pesquisa, e as longas, mas já nem tão constantes conversas que sempre nos levam de volta à *USSR*.

Aos mestres de sempre, *Isabel, Alex, Doriana e Fívia*, pelos conhecimentos que me rodeiam como *restless wind inside a letter box*.

A *Achmed*, companheiro das grandes jornadas de estudo.

Aos eternos companheiros de pensamentos *Léo, Rafael* (Maldito), *Cândida* (Malditinha *with the devil in her heart*).

Às companheiras de saga: *Martha, my dear, Helô in the Sky with diamonds, Bel, Shyrley e Adriana*, por tamanha empatia de angústias e alívios nesses dois anos.

Aos companheiros de GEPA: *July, Patrícia, Zeca, Luna, Raul, Dandara, Cíntia, Eduardo, Lorena e Rachel*, por todas as contribuições e participações na pesquisa.

Aos *participantes* da pesquisa, pela disponibilidade e atenção.

Ao *PPgPsi*, pela filosofia.

À *Capes*, pela concessão da bolsa de estudos.

Aos viajantes *Clóvis, Rafael e Felipe*, que nunca deixam meus pensamentos saírem da estrada.

À *Déborah, Larisse, Poliana e Carol Pinheiro*, pelo acolhimento e hospitalidade cearenses.

E *Carol*, a quem devo todas as melodias dos últimos três anos, que me deu vida *under calico skies*.

*Maybe I'm amazed at the way I really need you.*



## Sumário

Lista de Tabelas .....	x
Lista de Figuras .....	xi
Resumo .....	xii
Abstract .....	xiii
Apresentação .....	14
Introdução .....	16
1. Vizinhanças .....	19
1.1. A casa, a vizinhança e a cidade .....	21
1.2. Definindo os limites .....	24
1.3. Vizinhança e comunidade .....	30
1.4. Os vizinhos e a rua .....	35
1.5. O lugar das vizinhanças .....	37
2. O apego ao lugar .....	41
2.1. Conceitos paralelos e delimitações teóricas .....	42
2.2. Dimensões do apego ao lugar .....	53
2.3. A importância do apego .....	58
3. Proposta de estudo .....	61
4. Ouvindo especialistas .....	66
4.1. Método .....	66
4.1.1. <i>Participantes</i> .....	67
4.1.2. <i>Procedimentos</i> .....	67
4.2. Resultados e discussão .....	69
4.2.1. <i>Elementos de vizinhança</i> .....	70
4.2.2. <i>Elementos facilitadores</i> .....	73

4.2.3. <i>Elementos dificultantes</i> .....	77
4.2.4. <i>Apego</i> .....	79
4.2.5. <i>Indicações</i> .....	80
5. Ouvindo moradores .....	84
5.1. Método .....	84
5.1.1. <i>As vizinhanças investigadas</i> .....	86
5.1.2. <i>Participantes</i> .....	88
5.1.3. <i>Procedimentos</i> .....	89
5.2. Resultados e discussão .....	91
5.2.1. <i>Apego às vizinhanças</i> .....	91
5.2.2. <i>Dimensões do apego ao lugar</i> .....	96
5.2.3. <i>Elementos das vizinhanças</i> .....	107
6. Discussão Geral .....	115
7. Considerações Finais .....	125
Referências .....	132
Apêndices	

## Lista de Tabelas

Tabela		Página
1	Indicações de vizinhanças apegadas	83

## Lista de Figuras

Figura		Página
1	Mapa administrativo da região metropolitana de Natal	85
2	Representação esquemática das duas vizinhanças investigadas	88

## Resumo

O apego aos lugares é um laço afetivo positivo entre pessoas e ambientes cuja principal característica é a necessidade de permanência em contato com o lugar de apego. As vizinhanças, por sua vez, são espaços próximos à residência, que variam em função de características ambientais, sociais e culturais. Diante do quadro contemporâneo de enfraquecimento das relações de vizinhança e de sua importância para o entendimento do contexto sócio-ambiental das cidades, o presente trabalho teve como objetivo a investigação do apego a vizinhanças na cidade do Natal-RN. Este estudo dividiu-se em duas etapas. A primeira etapa consistiu em investigar, por meio de um painel de especialistas, quais as principais características de vizinhanças apegadas, quais fatores contribuem para o desenvolvimento de tais vizinhanças, quais dificultam, bem como buscar indicações de vizinhanças na cidade do Natal que possam ser identificadas por esses elementos. Na etapa seguinte entrevistei 11 moradores de duas vizinhanças indicadas no bairro do Alecrim para compreender melhor quais as principais características desse apego e quais elementos de contexto favorecem seu desenvolvimento. O conteúdo das entrevistas, categorizado e avaliado por juízes, indicou que, para os 10 especialistas participantes, as principais características de vizinhanças apegadas contemplam elementos de socialização, cooperação, utilização do espaço físico, intimidade e identidade. Para eles, são características favorecidas por fatores temporais, de enraizamento, pelo contato espacial, pela familiaridade entre vizinhos, além da herança cultural. As entrevistas com moradores mostraram que o apego às vizinhanças estudadas está especialmente calcado na rede de suporte e cooperação entre moradores, na satisfação com a proximidade de serviços, e no vínculo a aspectos simbólicos e tradições locais. Além de facilitadas pela organização espacial, pelo pouco deslocamento dos moradores e pela história do próprio bairro, as relações nessas vizinhanças são fomentadas por uma intenção em estabelecer esse tipo de laço, advinda de valores culturais.

Palavras-chave: apego ao lugar; vizinhança; comunidade; painel de especialistas; bairro do Alecrim.

## **Abstract**

Place Attachment is a positive affective bond between people and environments, and its main characteristic is the desire to maintain closeness to the place of attachment. Neighborhoods, in turn, are spaces close to the dwelling, which varies according to environmental, social and cultural characteristics. Facing the contemporary scenario of diminishment of neighborhood relations and its importance to the understanding of cities' social-environmental context, the present work aimed to investigate the attachment to neighborhoods at the city of Natal-RN. This study had two stages. The first stage consisted on investigating, through an experts panel, the main characteristics of attached neighborhoods, aspects that contributes to the development of these neighborhoods, the ones that difficult, as well as look for indications of neighborhoods at the city of Natal that may be identified by these elements. In the following stage I interviewed 11 residents of two indicated neighborhoods at the district of Alecrim, to better comprehend the main characteristics of this attachment and the elements of the context that enable its development. The content of the interviews, categorized and evaluated by judges, indicated that, due to the 10 participant experts, the main characteristics of attached neighborhoods encompass elements of socialization, cooperation, physical space usage, intimacy and identity. According to them, these are characteristics enabled by temporal and rootedness aspects, by spatial contact, familiarity between neighbors, and cultural inheritance. The interviews with residents showed that attachment to the studied neighborhoods is specially grounded on support and cooperation networks between neighbors, on satisfaction with the proximity of services, and on the bond to symbolic aspects and local traditions. In addition to be enabled by spatial organization, by low displacement of residents, and by the district's history, relations at these neighborhoods are fostered by an intention to establish this kind of ties, carried by cultural values.

**Keywords:** place attachment; neighborhood; community; experts' panel; Alecrim District

## Apresentação

Segundo o escritor João do Rio (1908/2007), é no flunar, no perambular com inteligência, que alguém pode entender a rua. A rua é a nossa própria existência, diz ele. Nela se “fazem negócios, nela se fala mal do próximo, nela mudam as idéias e as convicções, nela surgem as dores e os desgostos, nela sente o homem a maior emoção” (p. 27). A rua é agasalhadora de misérias, faz as celebridades e as revoltas, é transformadora de línguas. Flunar é ir por aí e ver, perceber e sentir. É “admirar o menino da gaitinha na esquina”, conversar e ouvir o que as ruas têm a dizer.

Lembro-me de ouvir os primeiros versos de *Penny Lane*, dos Beatles, quando pequeno, e visualizar mentalmente a mesma cena que visualizo ao ouvir a música nos dias de hoje. Curiosamente a imagem do bairro onde “o barbeiro mostra fotos de cada cabeça que teve o prazer de conhecer” aparece um pouco no sentido onírico e um pouco quimérico. Ainda me lembro das brincadeiras de rua da infância, de conhecer todos os moradores que viviam por perto e, no entanto, sinto como se em algum momento esse sentimento não passasse de uma fase relativa apenas à infância.

É nesse sentido que parece fantasia. Desde a transição para a vida adulta, pouco vi pelas ruas que parecesse com aquela vida que conheci infante. Parece-me como um grande salto de gerações em um intervalo pequeno de anos. Poucos anos diferenciam as ruas dos jogos de computador, as praças dos muros enormes dos condomínios, o campinho de futebol do MSN.

Por esse motivo, o que traz as perguntas a serem feitas nessa dissertação diz respeito a algo caótico que envolve infância, experiências universitárias e inquietações resultantes de conversas com amigos em mesas de bar. Quando pensei em discutir algum tema que envolvesse a falência de alguns elementos da vida pública, mais do que

pensar se alguém mais se questionava sobre esse tema, queria questionar algo que realmente me fosse caro.

Este projeto de pesquisa é uma linha pequena no espectro de frequências que se relacionam com o mesmo incômodo. Pensar no tipo de relação que hoje temos com os espaços feitos para a “con-vivência” é pensar em como privatizamos cada âmbito de nossas vidas. Pagamos não apenas por segurança, saúde e educação, mas pagamos para ter relações sociais, pagando para que nossos filhos sejam “cuidados”, pagando para que a culpa pelo que fazemos ao nosso mundo seja distanciada de nossos olhos. Em outras palavras, assassinamos as ruas.

Entretanto, apesar de o incômodo com essa forma de existência não ser suficiente para que um grande número de pessoas procure mudá-la, essa realidade está estampada e acredito ser de conhecimento incondicionado. Partindo disso, duas grandes - e nada simples - perguntas surgem: Por que esse processo apenas cresce e poucos se colocam na linha de combate? E; Se esse tipo de vida se apodera de tantos lugares no mundo, como e por que alguns ainda são como a *Penny Lane* cantada?

Claro que responder a tais perguntas é uma tarefa árdua, especialmente em uma dissertação de mestrado. Mesmo assim a curiosidade que move a presente proposta de estudo busca por algumas pistas sobre a segunda pergunta.



## Introdução

A proposta de estudo a ser apresentada e detalhada é a investigação do *apego ao lugar* em vizinhanças da cidade de Natal. Tal investigação pretendeu abarcar tanto o impacto do ambiente físico em relação ao sentimento mencionado, como o dos laços sociais, dentre outros fatores que venham a se mostrar importantes. Pretendi abarcar na investigação vizinhanças que fossem reconhecidas socialmente como envolvidas por um sentimento de apego.

Se pedirmos a qualquer pessoa para que relate uma experiência importante da vida, provavelmente poucas não situarão o local onde ocorreu. Seja uma experiência de raiva, desgosto, grande alegria, fuga, tristeza, terá um significado para a pessoa que a relata, e o local vinculado a essa experiência não estará dissociado de tal sentimento. Isso, pois, se por um lado não estamos desligados do ambiente, por outro ele receberá o peso de cada qualidade de experiência.

É perceptível a presença da palavra “experiência” no parágrafo anterior. Isso não se dá por acaso. Nas palavras de Tuan (1983): “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor.” (p. 6). Tal valoração está estritamente relacionada às experiências, abastecida pelos mais diversos significados situados temporalmente. A experiência que dá sentido a um espaço e o diferencia em *lugar* é, acima de tudo, experiência situada num espectro temporal, o que implica dizer que cada experiencição de um lugar é única, pois absorve sensações diversas provocadas pela relação entre o espaço, a pessoa, ou pessoas envolvidas.

Essas experiências, que por sua vez geram valores atribuídos, não são exclusivamente de contato físico. Mesmo sem esse último, a formação de uma relação de lugar com algum espaço físico é possível. Essa diversidade é expressa nas situações

em que se fala “lugar da infância”, “lugar de trabalho”, “o meu lugar não é aqui”, “o lugar dos sonhos”. Alguns lugares se destacam por despertar fantasias, como é o caso de Paris, que é o lugar dos sonhos de muitos que nunca lá estiveram. Outros são negativamente referenciados pela frase “naquele lugar não voltarei mais.”

Os lugares estão envolvidos no desenvolvimento de indivíduos não apenas quando estes se lembram de terem estado ali ou ao dizerem que gostariam de ir para lá. O espaço físico faz parte da constituição da identidade, da constituição de relações comunitárias e do desenvolvimento de sentimentos culturais de nacionalismo.

Ademais, as características físicas de um bairro, como presença de áreas livres, campos, ou alta urbanização influenciam de maneiras variadas cada indivíduo, assim como esses modificam e fazem parte do processo de constituição do espaço físico à sua volta. A identidade de uma comunidade pode, também, se organizar em torno de características físicas como o bairro de Cidade Nova, em Natal, que cresceu contextualizado na presença do antigo “lixão” da cidade, tendo a atividade econômica local intensamente ligada a esse fator. No caso das cidades e países, são inúmeros os símbolos físicos que desenvolvem tanto sentimentos de afeto pelos lugares, como defesa hostil de tais simbolismos no caso dos patriotismos extremos. As montanhas do Rio de Janeiro, o Morro do Careca em Natal, e as grandes cidades organizadas próximas às margens dos principais rios da Ásia e África, que tiveram esses rios como símbolos econômicos e históricos, são exemplos disso.

O que fica claro é o fato de lugar ser um conceito necessariamente atrelado à atribuição de valor e relacionado com qualidades de experiências, assumindo uma posição de destaque como elemento constituinte do cotidiano e um potencial objeto científico, especialmente nos estudos das interações pessoa-ambiente, já que essencialmente parte de uma relação psicológica entre pessoa(s) e ambiente(s).

Se um lugar pode estar vinculado a diversas formas afetivas e cada uma dessas está ligada ao tipo de relação estabelecida, cada laço terá propriedades que o distingue dos demais. Esses sentimentos, valores, atitudes, variarão em função do lugar em questão e os resultados dessa interação entre afeto e espaço formam outro universo de possibilidades. Para o desenvolvimento desse trabalho, uma especificidade de sentimento em relação a lugares receberá destaque e será constructo-chave, o *apego ao lugar*, e o tipo de lugar que receberá atenção será a *vizinhança*.

## Capítulo 1: Vizinhanças

As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. (Guatarri, 1990, p. 7)

Ao tratarem do conceito de *territorialidade*, Valera e Vidal (2010) diferenciam territórios primários, secundários e públicos a partir da possibilidade do usuário “exercer controle sobre ele e a centralidade de cada território sobre a vida diária” (p. 137). Nessa diferenciação, levando em conta a intimidade com a residência, a rua ou a vizinhança estariam um degrau abaixo na relação de controle e significação.

Para o sociólogo Roberto Da Mata (1997), as ruas têm significado político, são “domínios culturais institucionalizados”. Isso implica dizer que significamos e somos significados, seja pela rua, pela casa, ou qualquer ambiente em que convivemos. Os significados que damos e laços que formamos com as vizinhanças já não são os mesmos de outras épocas e não são os mesmos em diferentes vizinhanças.

As vizinhanças, em um determinado formato que, ao longo deste texto passarei a chamar de “vivas” guardam, em si, um contra-senso em relação à sua presença em grandes centros urbanos; enquanto a cidade grande favorece a liberdade do indivíduo e o meio utilizado para isso é a reserva em relação aos outros indivíduos (Simmel, 1903/2005), as vizinhanças são espaços de convivência próxima, de intimidade, onde a privacidade perde espaço para a sociabilidade em sua forma lúdica, como tratada por Simmel (1917/2006).

Assim, é difícil caracterizar, a partir do comportamento de territorialidade se a vizinhança é um território secundário ou público, já que essa relação não é homogênea nas características citadas mais acima. A territorialidade entre um grupo social e a

vizinhança à qual pertencem pode ser extremamente sutil ou, em outro caso, deveras significativa. A dificuldade presente na aplicação de um conceito como *territorialidade* no âmbito de *vizinhança* está calcado na nebulosidade sobre esse segundo conceito. Ao percorrer a literatura sobre vizinhanças é possível encontrar muitas definições implícitas em uma grande indefinição sobre o que diz respeito a essa porção de espaço urbano.

Muitos estudos abarcam as vizinhanças por se desenrolarem nesse ambiente, mas há uma variedade muito grande de tipos e, nessa variedade, residem problemas conceituais e, principalmente, no entendimento das relações entre as pessoas e tais ambientes. A vizinhança, por vezes, é abordada por sua relação com o desenvolvimento de crianças, outras vezes, pela dificuldade em definição de seus limites, já que as delimitações feitas pelo poder público nem sempre coincidem com a percepção desses por parte dos moradores. Além disso, alguns fenômenos isolados (alguns específicos das relações de vizinhanças e outros contextualizados em tal lugar) são tratados nesse âmbito. Ou, ainda, a importância de alguns elementos físicos ou aspectos do uso desses espaços são abordados na literatura.

No entanto, como mencionei mais acima, não há uma definição clara do que está por trás do que os autores chamam de vizinhança. Ainda assim, tais fenômenos, abordagens e contextualizações, dão elementos para situar algumas qualidades de vizinhanças. O propósito deste capítulo é fazer um passeio por essas diferentes formas de abordar as vizinhanças e tirar delas qualidades de vizinhanças que serão importantes para este estudo; é discutir o papel das vizinhanças nas relações pessoa-ambiente, tentando abarcar a compreensão e os valores que são atribuídos a essa escala de ambiente, os personagens que fazem parte desse contexto e como interatuam. Para tanto, discutirei uma série de conceitos que se sobrepõem, se confundem, se completam

e, por vezes, se contradizem, quando relacionados a esse âmbito da experiência cotidiana.

### **1.1. A casa, a vizinhança e a cidade**

Os indivíduos convivem em escalas diferentes de ambientes no dia-a-dia, saindo de suas casas, passando pelas ruas de seu bairro, circulando por diferentes partes de uma cidade, ou até se deslocando de uma cidade a outra.

Não há como separar a experiência do espaço a ela associado, os ambientes fazem parte de todas as atividades cotidianas e são influenciados/modificados pela ação humana, bem como as pessoas são influenciadas por esses ambientes. No entanto, há um questionamento conceitual nessa afirmação. Quando se diz que o ambiente é tudo aquilo no nosso entorno e há mútua influência, está-se a tratar de ambiente no sentido tradicional (Hissa, 2006). Segundo o autor, esse tipo de definição coloca o ambiente em posição exterior ao humano, e ele questiona se as pessoas não são o próprio ambiente e vice-versa, lidando com o fato de que a matéria física que os constitui é a mesma e todo ambiente está carregado de valores, significados e sentimentos.

Dessa forma, quando lidamos com escalas diferentes de ambientes, surge a questão de em que medida esses “são” os indivíduos que nele convivem. Na própria definição de lugar que abordei na introdução fica claro que os lugares possuem uma condição que é dada pelos sentidos a eles atribuídos, ou seja, possuem muito mais que qualidades físicas. Essas relações passam por “construções de sentido e significado que se baseiam também no valor simbólico conferido ao ambiente construído pela cultura, pelas relações sociais, pelo jogo de poder” (Jodelet, 2002).

Nos sentidos atribuídos culturalmente, nos sentimentos que transformam um lugar, casa, vizinhança e cidade serão partes diferentes no que constitui as pessoas e

esses indivíduos serão peças diferentes em cada ambiente, cumprindo papéis diversos na existência desses. Em outras palavras, é na relação com indivíduos, meio social, cultura e com a história que os ambientes urbanos ganham vida. Esse destaque para os ambientes urbanos é justificado no fato de que são, necessariamente, produção da sociedade na história. No sentido discutido, a própria denominação de escala é limitada, pois trata apenas da dimensão espacial, como se a diferenciação desses ambientes fosse de tamanho, sendo a casa uma miniatura da dinâmica maior da cidade.

Apesar de terem conexões em diversos níveis, casa, vizinhança e cidade constituem relações diferentes nas vidas das pessoas. A casa é o local primário de vínculo social, das relações mais íntimas, das recordações mais centrais do passado, e onde o indivíduo possui mais controle. O conceito de *lar* tem a conotação de refúgio, de propriedade e de afeto (Amérigo, 2010) e tal identificação é uma busca humana e recai sobre a casa, por ser, em nossa cultura, o ambiente onde o indivíduo tem o maior poder de personalizar, transformar e configurar um lugar de refúgio e acolhimento. A casa é, então, um local em potencial para refugiar-se dos principais incômodos da vida urbana.

Apesar de ter uma imagem de organização, a cidade é um corpo caótico, heterogêneo, complexo e por isso, de inúmeras incertezas. As cidades têm uma face própria que Ramírez (2010) classificou como:

Um produto histórico, um complexo cruzamento de forças e interesses sociológicos e econômicos, uma distribuição e acomodação geográfica peculiar de um grande número de indivíduos em um espaço restrito, e a variedade cultural e psicológica que caracteriza a grande parte da população das sociedades ocidentais atuais (p. 259).

Assim, a cidade constitui um conjunto da organização da vida diária. Ela procura ser fornecedora dos elementos que constituem a vida de cada morador, enquanto casa e vizinhança são incompletas em si. A cidade grande, assim, é viva na medida em que

oferece possibilidades e liberdade. Essa liberdade pode ser enxergada tanto no sentido de permitir uma reserva e indiferença em meio à multidão (Simmel, 1903/2005), ou liberdade em relação ao peso coletivo “das rotinas e dos costumes, que autoriza as inovações e experimentações” (Jodelet, 2002, p. 38).

A heterogeneidade da cidade desenha uma identificação mais distante do controle de cada indivíduo, com grandes propriedades culturais com as quais cada um se identifica, enquanto a casa é o mais próximo da personalização e recebe interferência forte da identidade do morador.

Assim como a residência, a vizinhança possui uma realidade social mais homogênea, pois está restrita a limites sócio-econômicos e características físicas e sociais que atraem pessoas com critérios de escolha semelhantes. Mesmo assim, dentro da cidade as vizinhanças são de características diversas, o que dificulta entender o papel de tais espaços na vida de cada um. As relações supracitadas de segurança e conforto em casa e atendimento às demandas na cidade não se aplicam, via de regra, às vizinhanças.

Mesmo essa última afirmação remete ao questionamento sobre de qual vizinhança se está falando. Existem vizinhanças completamente incorporadas ao modelo da cidade grande, que funcionam como um verdadeiro anexo para cumprir não suas próprias funções, mas as da cidade. Dessa forma acabam resguardando o caráter *blasé* e de impessoalidade que é característico das grandes cidades (Simmel, 1903/2005). Todavia, partindo dessas vizinhanças, não se poderia identificar uma vida própria de lugar nas mesmas.

Por esse motivo, as sessões seguintes procurarão identificar um sentido vital nas vizinhanças, identificar quais características fazem de vizinhanças um lugar que cumpre



uma função social, humana e histórica, articulada ao longo de uma história própria, que produz e carrega significados.

## **1.2. Definindo os limites**

É um tema constante o processo de decadência das relações de vizinhança, a partir de um rumo comum que as cidades grandes vêm tomando. A facilidade de mobilidade entre pontos mais distantes, os longos períodos dentro de ambientes de trabalho, o medo das ruas, o crescimento do número de grandes supermercados e shoppings, o papel de socialização infantil sendo direcionado para as escolas, são sintomas das sociedades contemporâneas e estão associados a essa descaracterização de uma dinâmica de vizinhança.

Entretanto, mesmo diante desse processo de privatização da vida pública, algumas vizinhanças ainda acomodam relações tradicionais provendo aos residentes serviços básicos (Rivlin, 1987). Em certas vizinhanças as padarias locais, a entrega de leite, as pequenas lojas, praças e eventos locais, ainda dão o tom prosaico no cotidiano dessas localidades. Uma suposta decadência da comunidade vem sendo contestada há algum tempo por estudos etnográficos que identificam vizinhanças urbanas com fortes relações e sentimentos entre seus viventes (Hummon, 1992).

Apesar de tais relações serem muito marcantes em bairros de renda baixa, cidades como o Rio de Janeiro favorecem essa relação em bairros tradicionais de renda média, como o bairro das Laranjeiras. Provavelmente isso se deve, em parte, ao fato de serem bairros que se constituíram há bastante tempo, num contexto de menor mobilidade, com a presença de várias gerações de famílias morando ali. Além disso, o Rio de Janeiro possui uma forte tradição de identidade de bairros com clubes

desportistas, escolas de samba e canções populares, fortalecendo as ligações afetivas com esses lugares.

Muitos lugares possuem uma ligação forte no desenvolvimento de cada indivíduo e esses, por sua vez, fazem parte da identidade dos lugares. Twigger e Uzzell (1996) identificaram duas formas de expressão de identidade por parte de uma pessoa em relação a um lugar: como uma categoria social ou no que concerne ao conceito de *place identity*. No primeiro caso a referência ao Lugar faz parte da mesma lógica de identidade social, como se referir como pertencente a um grupo social ou a uma cidade, é o caso de dizer-se natalense, carioca ou madrileno. Já a segunda forma expressa uma categoria independente na constituição da identidade pessoal, a partir da interação com o próprio meio físico.

Identidade de lugar (*place identity*) foi um conceito introduzido por Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983). Esse conceito pode ser estendido para a dimensão da vizinhança e, por vezes, facilmente identificado em conversas com moradores mais antigos, que contam histórias sobre lembranças nas praças, nas brincadeiras de rua, nas árvores em que subiam para colher frutos, e sobre a relação com outros moradores ou donos de serviços locais.

Mas tal identificação com o lugar vincula-se ao grau de intimidade estabelecida ao longo do tempo presente ali. Como já foi dito, existe uma grande variedade de características que diferenciam as vizinhanças, e tais características se correlacionam com a qualidade da relação de lugar entre as pessoas e a localidade. De vizinhanças onde não se encontram serviços básicos, menos ainda relações de “calçadas”, àquelas que possuem uma interdependência grande entre moradores, com alto nível de participação desses na resolução de problemas locais, os tipos de vizinhanças são extremamente heterogêneos.

Classificações que levam em conta o grau de contato interpessoal, índice de participação e identificação de moradores pecam no sentido de não darem o devido crédito aos aspectos ambientais que têm efeito sobre as relações locais, além de não enfatizarem as conseqüências dessa heterogeneidade, dando a impressão de que são “extremamente homogêneas cultural e socialmente” (Rivlin, 1987, p. 4). Para a autora, as vizinhanças podem, ainda, envolver pessoas que não vivem na mesma, mas fazem parte do contexto local, seja oferecendo serviços, ou mesmo pessoas que dormem nas calçadas das redondezas.

Apesar de uma vasta possibilidade de definições sobre o que é a vizinhança, essa indefinição esteve geralmente focalizada na dimensão que pode alcançar, ou seja, identificar até onde chega a denominada vizinhança. Esse limite pode ser maior ou menor a partir da escolha do delimitador.

Essa delimitação recebe atenção especial no campo do planejamento urbano. Há três maneiras principais pelas quais as vizinhanças foram definidas nas ciências sociais: como uma unidade social, como unidade física, e como uma rede de relações, associações e padrões de uso (Chaskin, 1997). O autor aponta alguns elementos característicos das vizinhanças que são importantes para qualquer uma dessas perspectivas, a saber: são sistemas abertos, conectados com outros sistemas e de mútua influência; os indivíduos são membros de vários desses sistemas ao mesmo tempo e a importância dada a cada afiliação é situacional e flexível; o reconhecimento de uma identidade de vizinhança e a presença de um sentimento de comunidade detém valor por prover os moradores de conhecimento sobre as circunstâncias coletivas; vizinhanças são experienciadas de forma diferente por diferentes populações e são utilizadas de formas diferentes por populações diferentes; relações instrumentais entre vizinhos são comuns

e; estabilidade residencial favorece o desenvolvimento de redes interpessoais entre vizinhos.

É a partir de tais características que se procurou entender como localizar os limites de vizinhanças. Mesmo o crescente número de estudos sobre vizinhanças tem sido subsidiado por delimitações administrativas estabelecidas por órgãos gestores (Coulton, Korbin, Chan & Su, 2001). No entanto, os autores indicam que esse hábito vem sendo vastamente questionado na literatura, com a sugestão de que levar em conta a percepção dos moradores dos limites de sua vizinhança pode produzir resultados mais representativos do construto em questão.

Nesse sentido, por meio de mapas feitos pelos moradores, já foi identificado que as diferenças e o consenso nas delimitações dadas por moradores para sua vizinhança estavam em características físicas e institucionais, questões étnicas e de classe social, identidades simbólicas apropriadas pelos moradores e proximidade de ameaças e crimes, sejam internas ou externas à vizinhança (Campbell, Henly, Elliot & Irwin, 2009).

Há, também, indícios do peso dado a alguns desses critérios como as diferenças étnicas e de status sócio-econômico, que em determinadas circunstâncias são responsáveis pela mudança de moradores para outro lugar (Schaake, Burgers & Molder, 2010).

Os resultados encontrados por Campbell et al. (2009) também mostraram que a percepção de risco alta reduz os limites estabelecidos por moradores, e um resultado disso pode ser o isolamento. Alguns respondentes argumentavam que a vizinhança representava uma forma de vida e uma série de valores agregados, e não era apenas um espaço de moradia. Em um dos bairros investigados foi observado um alto grau de identidade, apego e atividade em relação à vizinhança. Nesse mesmo bairro, o sentido

simbólico e a menção a uma conexão histórica com o local foi fortemente referida. O entendimento subjetivo da vizinhança por parte de seus moradores, se apropriando dos limites, problemas e dos usos pode ser um fator de efetivo empoderamento e engajamento locais (Chaskin, 1997). A própria percepção de limites e diferenças nessa, por parte dos moradores pode explicar alguns resultados fracos encontrados em estudos sobre efeitos de vizinhança (Coulton et al., 2001).

A diferença na percepção da vizinhança dada por diferentes populações é evidente quando se trata de crianças, no uso e nos valores que elas atribuem à vizinhança. Crianças atribuem valor aos lugares em termos de acessibilidade e conexões entre lugares, suporte para brincadeiras, possibilidade para privacidade e senso de territorialidade, oportunidade de encontrar e brincar com outros amigos e, possíveis riscos sociais e físicos (Min & Lee, 2006). Nesse sentido, crianças acham um determinado lugar importante na medida em que são propícios para o que elas gostam de fazer (Min & Lee, 2006). Isso, aliado aos fatores mencionados mais acima como critérios de definição por parte de adultos (classe social, etnia, valores simbólicos, segurança e marcos físicos e institucionais), fazem com que a identificação dos limites da vizinhança por parte das crianças seja bem diferente, se comparado com a percepção dos adultos (Burton, Price-Spratlen & Spencer, 1997).

Essa faceta do significado da vizinhança é interessante por seu sentido instrumental completamente diferente da vida adulta. Crianças não compartilham das mesmas intenções de adultos em relação aos *settings*, elas possuem intenções particulares e esses propósitos determinam a forma como se comportam nesses ambientes. As *affordances*, sentidos de uso dados aos ambientes e objetos (Gibson, 1986), transformam a interpretação que crianças fazem de seu ambiente de ação.

Ferenc Molnár nos oferece uma bela tradução desse universo infantil da interação com os ambientes em sua obra *Os meninos da Rua Paulo*, de 1906. Numa disputa entre dois grupos de crianças (meninos da Rua Paulo *versus* Camisas-Vermelhas), o *ground* (um terreno baldio) é pleiteado à base de bolas de lama e lanças. No contexto dessa disputa estão envolvidas táticas de guerra, eleições, intrigas, traições, reconciliações, e a construção da identidade de crianças.

Além da construção de identidade, há outros fatores de vizinhança vastamente discutidos sobre influência de tal contexto. No âmbito desse tipo de pesquisa e discussão,

a vizinhança não é boa ou ruim para funcionamento familiar e desenvolvimento infantil apenas por características individuais de seus residentes, mas também, pelas características estruturais da vizinhança, suas instituições e as forças sociais e culturais operando dentro dela, independentemente promovem ou minam resultados de desenvolvimento positivo dos residentes. (Campbell et al., 2009, p. 462)

Na busca por entender a implicação das relações sociais e processos subjetivos na construção dos limites da vizinhança, e estudar os efeitos desses lugares sobre os moradores, o tema tem sido tratado em outros dois sentidos mais evidentes: a) caracterizando vizinhança pela proximidade física entre moradores e, a partir daí, tratando de fenômenos isolados, como *identidade* (Mannarini, Tartaglia, Fedi & Greganti, 2006) e *neighboring* (Farrel, Aubry & Coulombe, 2004) ou; b) homogeneizando o fenômeno de vizinhança e se dedicando a evidências presentes de suas características, deixando de lado os processos históricos implicados em sua constituição. Dessa forma, a vizinhança é vista como um set de atores, facilidades, organizações, e as redes entre vizinhos dentro de um espaço de atividades específico (Chaskin, 1997).

Todavia, além de um recorte espacial com uma comunidade local, a vizinhança favorece a formação de uma vida social local e possui uma história sócio-política que gera identidade coletiva (Elliott, Menard, Rankin, Elliott, Huizinga & Wilson, 2006).

### **1.3. Vizinhança e Comunidade**

Se tratarmos por rede de relações, pela homogeneidade de população, ou características físicas, acabamos por trabalhar com limitadores da extensão. Alteram-se esses limites, inclusive, em função da visão de quem está analisando - como foi discutido no tópico anterior -, entre os próprios moradores, ou na dicotomia moradores/não-moradores. No entanto, o ponto comum é que a vizinhança começa no espaço imediato à porta da casa, ou seja, é o nível físico de relações mais próximo ao da residência. Logo, é um ambiente de interação constante, o que dá um papel importante a esse espaço, o de extensão do lar (Amérigo, 2010). Nesse sentido, a vizinhança tem características essenciais como o compartilhamento ou conflito de interesses entre vizinhos, o compartilhamento do espaço físico e a relação com a supervisão alheia. Por algumas dessas características, a vizinhança, juntamente com a família, é um dos poucos contextos no qual pode emergir uma comunidade sem intervenção externa (Völker, Flap & Lindenberg, 2007).

Sendo assim, tais características podem estar circunscritas em um sentimento de comunidade, “o senso de que se é parte de uma rede de relacionamento disponível mutuamente apoiadora” (Sarason, 1974, p. 1), mas vizinhança e sentimento de comunidade nem sempre estão interligados. Essa questão é importante para entendermos o que está em jogo no conceito de vizinhança. Por esse motivo, essa parte do capítulo terá o contraste/relação entre vizinhança e comunidade como uma forma de caracterizar melhor a primeira.

Na comunidade, está implicada uma qualidade de relações, que pode acontecer presencial ou difusamente, e o sentimento de comunidade está calcado nos seguintes elementos: sentir-se membro, perceber-se influente, integração social e preenchimento de necessidades (McMillan & Chavis, 1986). São propriedades do sentimento de comunidade, que podem não existir em uma determinada vizinhança.

Em revisão sobre o conceito de *sentimento psicológico de comunidade*, Amaro (2007) mostra que vários autores concordam em diferenciar comunidades geográficas e relacionais, destacando o fato de as ligações comunitárias poderem acontecer de outras formas, que não geograficamente. Vale ressaltar que há uma concordância acerca da existência do sentimento psicológico de comunidade em ambos os casos, tanto comunidades geográficas como relacionais. Nesse aspecto, nem toda vizinhança é relacional, mas é, necessariamente, uma instância física. Ainda assim, muitos pesquisadores classificam e caracterizam vizinhanças e comunidades pelo grau de sentimento de comunidade que demonstram (Kingston, Mitchell, Florin & Stevenson, 1999).

Guest e Wierzbicki (1999) sugeriram três formas de comunidade que continuam existindo na sociedade contemporânea: a comunidade perdida (*lost community*), na qual indivíduos possuem poucos laços sociais, sejam locais ou extra-locais; a comunidade liberada (*liberated community*), em que os indivíduos possuem, primeiramente, laços sociais fora da vizinhança e; a comunidade salva (*saved community*), na qual indivíduos se relacionam com outros, primeiramente, em suas vizinhanças.

A comunidade é, assim, uma rede de relações multifuncionais que facilita o alcance das metas de bem-estar de seus representantes, e o contato entre vizinhos é uma pré-condição para seu surgimento, mas não uma dimensão daquela (Völker et al., 2007).



Como consequência desse caminho, algumas pesquisas têm se dedicado ao estudo de sentimento de comunidade como uma categoria maior nas relações de vizinhança (Glynn, 1986; Kingston, et al, 1999; Mannarini et al, 2006). Se forem consideradas vizinhanças menos integradas e com menos elementos característicos, as qualidades de sentir-se membro, ter influência, haver integração e preenchimento das necessidades, realmente se posicionam como um ideal de relações. Entretanto, há muitos outros elementos a serem considerados em relações de vizinhança que dialogam e/ou ultrapassam essas quatro dimensões do sentimento de comunidade.

Dentre as pré-condições oportunas para a emergência de sentimento de comunidade, estão: oportunidades que as pessoas têm, especialmente de se encontrarem; motivações pessoais diferentes dentro da vizinhança; ter ou não outras alternativas de construção de relações de comunidade; o grau em que as pessoas dependem umas das outras para alcançar metas centrais na vida (Völker et al., 2007). Ainda assim, mesmo a oportunidade e a formação de certos laços sociais podem não gerar um vínculo mais efetivo entre vizinhos (Günther & Flores, 1995).

Essas características estão relacionadas com o tempo investido por indivíduos dentro da vizinhança, a relação entre vizinhança e trabalho (proximidade ou distância), as condições espaciais que podem ou não favorecer o encontro. No entanto, a comunidade está calcada na força dos laços interpessoais estabelecidos e sua funcionalidade. Apesar de um forte qualificador de relações de vizinhança, o sentimento de comunidade não sintetiza tal conceito, logo, não pode ser o único fator de classificação ou de ordenação de tipos de vizinhança.

O mesmo pode ser dito do conceito de *neighboring*, troca de suporte social entre moradores próximos (Farrel et al, 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Weiss, 1982). Muitas

conceituações de comunidade enfatizam esse fenômeno, comumente indicado pelo número ou qualidade de relacionamentos intra-vecinais (Völker et al., 2007).

É um fenômeno importante dentro do contexto estudado, mas fica restrito às dimensões social e comportamental de tal contexto. Nesse sentido, é importante lidar com vizinhança num espectro mais amplo, contemplando dimensões sócio-culturais, históricas, psicológicas e ambientais.

Um exemplo da nocividade da sobreposição desses constructos é o fato de os elementos físicos não estarem fortemente correlacionados a atitudes e comportamentos em relação às vizinhanças (Kingston et al, 1999). Ora, se considerarmos a multidimensionalidade das relações de vizinhança, o espaço físico permeia diversos comportamentos de socialização e formação de identidade.

Os resultados encontrados por Völker et al. (2007) mostram que para emergir o sentimento de comunidade é mais significativo a interdependência entre vizinhos e a consideração de investimento, além da intenção de permanecer no local, que leva a isso. No entanto, o fato de ter filhos fortalece os laços com o local, como os autores indicaram, e a própria apropriação do espaço por parte das crianças são elementos do contexto da vizinhança.

Talvez pelo axioma sobre a decadência das relações de vizinhança, sucumbindo aos padrões da modernização e da individualização, haja um conformismo em não buscar tal complexidade. No entanto, ao explorar o contexto de desenvolvimento de diversos tipos de vizinhanças, um leque se abre e é possível vislumbrar sua complexidade e a importância de ainda se apostar nesse tipo de estudo.

A própria dificuldade de visualizarmos vizinhanças em sua multicomposição está na forma como os elementos “anti-vizinhança”, como especulação imobiliária e busca por privacidade, podem interferir nos fatores que unem cada vizinhança. Nessa

direção, as vantagens econômicas atuam fortemente como fator de escolha de moradia, além da busca de privacidade que, no contexto atual, leva pessoas a se mudarem de suas vizinhanças, dificultando o enraizamento em cada local (Erkip, 2010).

Naquelas vizinhanças em que o comércio interno e a proximidade do trabalho outrora funcionaram como fator de agregação, a instabilidade atual das relações de trabalho, além das próprias facilidades de mobilidade social, pode desfazer ou enfraquecer os elementos que unem a mesma. Entretanto, vizinhanças que foram construídas a partir de laços parentais e/ou por pessoas que carregaram uma tradição de cidades menores, podem sobreviver por mais tempo.

Aparentemente, esse tipo de instabilidade das vizinhanças está ligado à ascensão social e recai sobre boa parte das vizinhanças formadas mais recentemente. Mas tal análise retoma o ponto que destaquei mais acima de uma homogeneização do fenômeno da vizinhança, não o tratando como tal (fenômeno) e sim como um compartimento dos ambientes do cotidiano.

Na relação entre satisfação residencial e apego à vizinhança, por exemplo, o melhor modelo de análise desse apego estava na integração de características das relações sociais, características urbanas e arquitetônicas, além de características contextuais (Bonaiuto, Aiello, Perugini, Bonnes & Ercolani, 1999).

A vizinhança pode ter um conjunto de relações sociais, comunitárias, algumas pessoas que se relacionam mais ou menos qualitativa ou quantitativamente, crianças podem usar mais o espaço físico, a vizinhança pode ser carregada de símbolos históricos ou momentâneos, grupos, gangues, figuras folclóricas ou marcos. Seja como ela for constituída e como esses fatores interajam, há um produto que emerge, um fator formado da convergência dessas características e pode ser chamado de fenômeno de vizinhança.

No próximo tópico serão exploradas algumas dinâmicas características de vizinhanças, a relação entre os vizinhos, e a importância e os malefícios atribuídos a determinados tipos de características de vizinhanças.

#### **1.4. Os vizinhos e a rua**

Ainda que o limite físico de uma vizinhança seja variável em descrições, bem como o nível de interação social, vizinhos certamente compartilham um espaço em comum e algum nível de contato. Esses dois elementos surgem em pesquisas de formas variadas. A qualidade da residência (Bonaiuto et al., 1999) e a presença de espaços recreativos (Kingston et al., 1999) são bons preditores de uma avaliação positiva da vizinhança, bem como a existência de uma rede social de suporte entre vizinhos mostrou-se um indicador de qualidade de vida (Farrel, et al., 2004).

Além disso, uma relação local intensa oferece suporte cotidiano em várias simplicidades, como olhar a casa do vizinho contra possíveis assaltos, cuidar de crianças do outro em alguma emergência, ajudar com algum problema (Altman & Wandersman, 1987).

Ou seja, por mais diversa que seja a dinâmica em diferentes vizinhanças, o que torna difícil a conceituação única desse espaço, algumas características presentes se relacionam com aspectos positivos no desenvolvimento de sentimento de comunidade, de comportamentos de comprometimento com a qualidade ambiental local. Isso implica dizer que, a proximidade física não faz da vizinhança uma comunidade, mas essa mesma proximidade permite a possibilidade dos moradores compartilharem interesses e experiências, o que faz do local uma comunidade em potencial.

No entanto, ainda que relacionados social e fisicamente, vizinhos não compartilham do mesmo valor pelo local, nem do mesmo grau de participação. Essa

questão da participação e envolvimento nos processos decisórios de uma comunidade ou vizinhança é controversa em várias dimensões. Churchman (1987) alertava para as diferentes posições sobre o que seria participação de cidadãos, já que esse assunto é largamente tratado por áreas de conhecimento muito diferentes (p. 116). Dentre as definições elencadas, vale ressaltar a diferença de abordagem entre as ciências políticas e os estudos pessoa-ambiente. No primeiro caso, aquela autora destaca uma definição que resume a participação na escolha democrática de representantes políticos, enquanto para o segundo caso, nos estudos das relações pessoa-ambiente, se refere a um “indivíduo tomar parte nas decisões em instituições, programas e no ambiente que o afetam” (p. 116).

A primeira definição não parece condizer com o tratamento dado pelas ciências políticas no Brasil, especialmente por aquelas voltadas para a vida comunitária. A própria literatura sobre educação ambiental tem se voltado para o envolvimento comunitário e formação de residentes críticos e politizados, no sentido de se responsabilizarem pela busca de mudanças locais e globais. Nas palavras de Mohr e Schall (1992), a educação ambiental passa a ser um “momento de reflexão e questionamento das condições de vida, suas causas e conseqüências, e se tornando um instrumento para a construção e consolidação da cidadania” (p. 202).

A questão da participação está ligada ao envolvimento político, nas tomadas de decisões de uma localidade, mas pode-se enxergar a participação no sentido das próprias características que dão vida a uma vizinhança. Além de moradores, a vizinhança pode envolver comerciantes, instituições locais, ou mesmo instituições e indivíduos de participação temporária, como as ONGs com atuação no local. Essas diferenças dependem do processo histórico de constituição da vizinhança, e definem o contexto presente de cada uma. Isso implica dizer que a identidade de uma determinada

vizinhança está vinculada às determinações sócio-ambientais num processo histórico e entender o contexto dessas localidades implica entender essas determinações, esses elementos das relações sociais e características físicas.

Nesse sentido, a vizinhança não é apenas uma ampliação das dinâmicas da escala residencial, assim como a cidade não é a soma de várias vizinhanças. Cada vizinhança é uma rede de relações complexas situadas historicamente e que criam identidade, a partir de instituições, relações sociais, econômicas, características ambientais e envolvimento de cada indivíduo. Estudar vizinhanças, nessa perspectiva, lida com a necessidade de se aprofundar no que cada uma tem de identitário.

### **1.5. O lugar das vizinhanças**

Como apontei no início deste capítulo, a indefinição sobre de que vizinhança se está tratando pode dar a impressão de homogeneidade de um espaço e, no entanto, vizinhanças podem ser lugares, no sentido mais complexo que o termo pode ter. Em outras palavras, as vizinhanças podem ter vida e significados tão carregados simbólica, social e historicamente, quanto outros ambientes já consagrados por essas características.

As vizinhanças podem estar envolvidas por um sentimento de comunidade (McMillan & Chavis, 1986) e abarcar uma rede de suporte entre seus moradores, ou *neighboring* (Farrel et al, 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Weiss, 1982), o que lhes confere qualidade e quantidade das relações sociais, respectivamente. Podem, ainda, se caracterizar por laços de identidade de lugar (Proshansky et al., 1983), com sua importância na formação da identidade de crianças a partir do contato e uso dos espaços e socialização local (Min & Lee, 2006), ou pela presença de marcos físicos e sociais que lhes confirmam identidade no imaginário social (Coulton & Korbin, 2007). Tais marcos

sociais podem ser uma referência positiva ou mesmo negativa, como gangues, muito comuns como identificadoras de *neighborhoods* nos filmes estadunidenses. Entretanto, podem ser elementos sociais simples como contadores de história locais ou transeuntes conhecidos que localizem a vizinhança espacial e culturalmente (vendedores, moradores de rua, poetas de rua).

Diante dessa complexidade do que pode ser considerada uma vizinhança viva, surgem dois questionamentos importantes: quais processos conferem essa “cara” a esses espaços de convivência e o que eles significam dentro da realidade urbana das cidades grandes?

Como também mencionei no início do capítulo, esse tipo de vizinhança parece não condizer com o espírito das grandes cidades. Nessas, passar despercebido dá uma sensação de liberdade de agir, de expressão pura da personalidade individual, enquanto em tais vizinhanças os conteúdos da interação social são menos significativos, sob o ponto de vista sociológico, do que o ato da socialização, em si.

A sociabilidade entendida por Simmel (1917/2006) é a forma de relação entre indivíduos que se livra das personalidades individuais, que ganha vida própria em si mesma, pelo seu exercício, e livre dos conteúdos. Nesse sentido, nas atividades que alimentam a sociabilidade, está-se alimentando significativamente o espaço em questão, no sentido social e ambiental. Nas palavras de Simmel (1917/2006), “resulta do conjunto desses contextos o fato de que também o ato de contar histórias, piadas, anedotas possa exibir um tato sutil, no qual soam todos os motivos da sociabilidade” (p. 76).

Essas relações são conduzidas no espaço e atribuem sentido e identidade a ele, e são resgatadas na relação com o mesmo. Ou seja,

a memória coletiva se apóia em imagens espaciais e não existe memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. A significação do espaço é marcada pela cultura e pela história, e as significações subjetivas que lhe emprestam seus ocupantes têm a ver com a biografia e a história de seu grupo. (Jodelet, 2002, p. 32)

Nesse sentido, conferir significado ao lugar vizinhança passa por um processo de diversas formas de sociabilidade, em relação com o espaço físico local, numa trajetória histórica que se renova nessas interações. Nessa idéia processual da relação entre pessoas e lugares, está presente uma pulsação, uma dinâmica de vida, à qual me referi anteriormente, justamente pelas formas de significações presentes nessa relação. Ora, o que confere essa vitalidade é o tempo experiencial. Não apenas a “quantidade de tempo” que se passa em determinado ambiente, mas um tempo com qualidades associadas às formas de experienciar um determinado lugar.

O tempo dessa vizinhança viva é um tempo de saliência no passado, que pode se orientar para a perspectiva de continuidade de interação no futuro, e ter um andamento mais lento se comparado com os espaços ligeiros da vivência cotidiana das cidades grandes, com seus padrões de eventos locais que se repetem ritmicamente. Essas qualidades temporais estão permeando todas as transações pessoa-ambiente (Werner, Altman, & Oxley, 1985). Assim, uma vizinhança sem tempo é uma vizinhança sem sentido de lugar.

O tempo da vizinhança que me proponho a evidenciar aqui é, ainda, o tempo da espontaneidade. Esse tempo também coloca tais vizinhanças em confronto com o desenvolvimento das cidades que prevê, em grande medida, um controle espacial e arquitetônico da gestão urbana, que “desafia a visão tanto do espaço quanto do tempo através da eliminação da diferenciação qualitativa do tempo, que é sempre um sedimento de tempo igualmente diferenciado e, portanto, histórico” (Bauman, 1999, p. 47).



Esse processo de criação de realidade local, através do tempo e do espaço das vizinhanças confere a elas a face de localidade, outro contra-senso dentro da cidade grande. Somente nessa relação é possível se engendrar a “rua mentirosa” ou a “rua ruim”, ou a “rua da paz”, com a existência que mostrou João do Rio (1908/2007).

Essa conexão dos sentidos atribuídos na experiência de lugar situados no tempo e no espaço da vizinhança está permeada, dentre outras coisas, pelos laços afetivos que vão se firmando entre indivíduos e o lugar. Nesse sentido de vizinhanças vivas, os desdobramentos dos processos de sociabilidade, do uso e significação do espaço, podem se configurar em laços como o de apego às vizinhanças. Assim, o próximo capítulo tratará do apego aos lugares como um dos possíveis laços firmados entre as pessoas os ambientes nos quais convivem.

## Capítulo 2: O apego ao lugar

*There are places I remember all my life, though some have changed. Some Forever, not for better, some have gone and some remain.* (John Lennon e Paul McCartney)

Como mencionei na introdução, a experiência de lugar pode acontecer de diversas formas. Essas experiências podem tomar forma em diferentes conceitos, como *sentimento de lugar*, *topofilia*, *dependência de lugar*, *sentimento de comunidade*, e *identidade de comunidade* (Rollero & De Piccoli, 2010).

Morgan (2010) anota que as teorias sobre lugar têm seguido três abordagens na literatura: 1) abordagem humanista e fenomenológica, que enfoca o profundo significado de lugar na existência humana e as qualidades subjetiva e emocional das relações entre pessoas e ambientes; 2) a abordagem psicométrica, que explora essas relações atribuindo valores numéricos para traduzir fenômenos sociais e; 3) a abordagem do construtivismo social, que propõe explicações dos fenômenos referentes às relações pessoa-ambiente com base na construção social.

Para o autor, essas abordagens, independentemente, são incompletas. A primeira vem sendo “criticada por falta de bases empíricas, a segunda por dar uma perspectiva reduzida de fenômenos complexos e a terceira por deixar de lado aspectos individuais e a própria natureza da experiência subjetiva” (Morgan, 2010, p. 11). Em sentido complementar a isso, é possível evidenciar três principais eixos de interesse no entendimento das relações entre pessoas e seu entorno, a saber: lugares e processos de significação, processos de identidade e sua relação com os lugares, e os vínculos que as pessoas estabelecem com os lugares (Vidal, Valera, & Peró, 2010).

Um dos principais conceitos no último grupo mencionado acima, e que vem ganhando cada vez mais interesse na literatura sobre os fenômenos da interação entre

peças e ambientes, é o *apego ao lugar*. Uma evidência disso é que, em um levantamento bibliográfico feito no periódico *Journal of Environmental Psychology*, constatou-se que foram 26 publicações entre 2000 e 2010 que continham o conceito mencionado no título, sendo 11 delas do ano de 2010.

Ainda assim, é um conceito que traz muitas controvérsias, tanto em suas proposições teóricas como em suas abordagens empíricas, seja na definição do fenômeno, na diferenciação dele em relação a outros conceitos relativos aos lugares, ou no entendimento de suas propriedades e funções.

O propósito desse capítulo é trazer o apego ao lugar como figura e discutir tal conceito com suas qualidades próprias, diferenciando-o de outros que costumam caminhar próximos nos estudos de laços entre indivíduos/grupos e os ambientes. É importante, aqui, ficar claro qual a especificidade do apego ao lugar, ou seja, que funções esse constructo terá para o presente estudo, e que tipo de características ele possui, separando-o de outros conceitos, além de explorar as dimensões e implicações dessas propriedades na dinâmica cotidiana do apego aos lugares.

## **2.1. Conceitos paralelos e delimitações teóricas**

Ao tratar de apego, inúmeras questões surgem, justamente pelo tom prosaico que a palavra evoca. É utilizada em diversos momentos do dia-a-dia, em relação a pessoas, objetos, lugares e justificado por fatores também inúmeros, como símbolos de vivências pessoais, por qualidades físicas aprazíveis, por haver grande identificação com o objeto de apego, dentre outros fatores. As questões que se põem inicialmente, a partir do intuito de delimitar tal conceito são: (1) o que é realmente sentir apego por algum lugar, algo ou alguém? Ou seja, qual é a característica básica que faz esse termo existir e ser diferente de outros laços? ; (2) O apego tem as mesmas propriedades em seus vários

objetos, ou seja, o apego por uma pessoa é da mesma natureza do apego a uma residência de infância ou a um objeto querido?

Para o presente trabalho o interesse principal é responder à primeira pergunta, pois é importante separá-lo dos demais tipos de laços e, por conseguinte, caracterizar o apego aos lugares. Igualmente, responder a essa pergunta pode deixar pistas para a segunda questão, pois entendendo uma natureza do conceito, a variação se dá em sua superfície, na intensidade, na direção, e não no significado. Nesse sentido, uma pesquisa de Giuliani (2003) identificou características semelhantes entre apego a lugares e a pessoas, o que indicaria uma natureza em comum. Por outro lado, Hidalgo (2000) obteve resultados que indicam diferença na classificação dos *estilos de apego* em relação aos lugares e a estilos de apego interpessoal adultos, mas indicou a necessidade de mais estudos sobre o tema, pois outras pesquisas contradizem esse resultado. Entretanto, esse é um salto adiante no propósito deste capítulo. Voltando ao ponto inicial, como definir apego ao lugar?

Eis um conceito que não diverge em utilização apenas cotidianamente. Na literatura científica ele já tomou diversos rostos. Além disso, muitos conceitos possuem interface ou confundem-se com esse, como *sentimento de lugar (sense of place)*, *identidade de lugar (place identity)*, *dependência de lugar (place dependence)*, *sentimento de comunidade (sense of community)*, e *sentimento de perda (sense of loss)*.

Em revisão sobre alguns significados já atribuídos ao apego ao lugar, Giuliani e Feldman (1993) identificaram conflito entre as definições. Segundo os autores, as diferenças nas definições envolvem vários componentes: (1) O conteúdo da ligação (afetivo, cognitivo, e/ou simbólico); (2) A valência da ligação (positiva ou também negativa); (3) a especificidade do apego, que pode ser uma “categoria superior para designar um sistema de afetos em relação ao ambiente” ou, para outros autores, “um

afeto específico” (p. 272). Em relação a isso, assertam que as definições que apresentam o apego como um conceito mais amplo, abarcando outros afetos, trazem problemas no entendimento da natureza dos processos cognitivos e afetivos que significam as ligações entre pessoas e lugares. Essas definições são interessantes no sentido de descrever laços afetivos entre pessoas e ambientes, mas são contraproducentes por serem ambíguas, não nos permitindo “diferenciar apego de outros conceitos próximos, como *satisfação residencial*.” (Hidalgo & Hernández, 2001, p. 274).

Numa recente revisão das definições de apego ao lugar, Scannel e Gifford (2010) identificaram semelhante falta de consenso na literatura sobre o tema. Para os autores, a raiz dessa característica está na multidimensionalidade do construto e no crescente interesse dos estudiosos das relações entre pessoas e ambientes. Dessa forma, diversos estudos “enfocam diferentes processos, lugares e pessoas envolvidas nessa relação” (p. 2).

A partir dessa análise, os referidos autores propuseram um modelo tripartite que ilustre as diversas dimensões abarcadas nas definições até hoje propostas na literatura sobre apego ao lugar. O modelo é composto por três eixos dimensionais, a saber: ator ou atores, processo psicológico em questão, e objeto do apego. Tal ilustração é semelhante ao gráfico do escopo dos estudos de relações pessoa-ambiente, proposto por Moore (1984), que organizou o campo de estudos nos eixos dos indivíduos, do fenômeno estudado e do ambiente onde ocorre.

A semelhança pode parecer obviamente explicável, mas é importante ressaltá-la para reforçar a complexidade de um conceito como o de apego. Além disso, sendo um fenômeno que, na literatura, possui sua própria dimensão de processos psicológicos diferentes, evidencia-se um dos porquês da dificuldade de definição e dos atravessamentos conceituais comuns: várias dessas dimensões compõem outros

fenômenos contidos no eixo dos fenômenos do gráfico de Moore (1984). Em outras palavras, uma dimensão do apego aos lugares para alguns autores, pode ser outro conceito *per se*. Essa análise se assemelha à caracterização do apego ao lugar feita por Altman e Low (1992), que o analisam como integrador de padrões de vínculo, lugares, relações sociais e aspectos temporais.

É por contemplar com clareza a complexidade do conceito de apego aos lugares que usarei o esquema sugerido por Scannel e Gifford (2010) para discutir algumas diferenças conceituais e justificar uma escolha conceitual que se aplique ao presente trabalho. Para os autores, na literatura sobre apego ao lugar, a dimensão do ator contempla quem está apegado, podendo ser uma pessoa ou um grupo. Sendo que o apego individual parece estar relacionado à experiência pessoal, enquanto o grupo está substanciado por um valor simbólico compartilhado, como o caso de um lugar religioso (Scannel & Gifford, 2010). A dimensão dos processos psicológicos, por sua vez, diz respeito à natureza da relação psicológica estabelecida entre indivíduos e o local em questão. Essa interação pode ser de natureza afetiva (felicidade, orgulho, amor), cognitiva (memória, conhecimento, esquemas, significado), ou comportamental (manter proximidade, reconstrução ou cuidado). Já a dimensão dos ambientes aos quais o apego está relacionado envolve tanto ambiente físico como social.

Talvez um dos principais pontos de indefinição seja na dimensão dos processos psicológicos. Kyle, Grafe, Menning e Bacon (2004) e Williams e Vaske (2003) consideram o apego aos lugares como composto pela dimensão afetiva (dependência de lugar) e uma dimensão cognitiva (identidade de lugar). Essa proposta teórica dá conta de diversos processos envolvidos na relação de apego, como a percepção de mudanças no meio natural e o sentimento em relação às mesmas (Kyle et al., 2004).

Por outro lado, identidade de lugar e apego ao lugar podem ser vistos como conceitos diferentes e que têm sido misturados de quatro formas diferentes na literatura: como se fossem o mesmo fenômeno; um como componente do outro (como o caso citado no parágrafo anterior); ambos os fenômenos como dimensões de um construto maior, como sentimento de lugar ou; considerando apego como um construto multidimensional que incorpora fatores como identidade, dependência do lugar e laços sociais (Hernández, Hidalgo, Salazar-Laplace & Hess, 2007).

Hernández e colaboradores (2007) vão além e sugerem que é possível haver, em função do contexto, independência entre esses processos o que contrapõe a idéia de Proshansky et al. (1983). Para estes, o sentimento de pertencimento ao lugar (*place belongingness*) é resultado da identidade de lugar.

Esses dois conceitos costumam se confundir, pois os grupos pesquisados são, geralmente, nativos que residem há muito tempo em determinado lugar. Além disso, algumas variáveis podem ser comuns a ambos os conceitos, como tempo de residência e a forte presença do ambiente físico, em alguns casos (Hernández et al., 2007).

Para solucionar tal problema, esses autores (Hernández et al., 2007) pesquisaram nativos e não-nativos com diferentes tempos de residência e conseguiram evidências de que esses laços se desenvolvem independentemente. Um exemplo disso é o fato de que alguém pode se apegar a um lugar sem possuir relações de identidade, sem mesmo ter vivido muito tempo no local. Por outro lado, alguém pode se identificar com um lugar, inferir semelhanças com sua própria identidade pessoal, e não se dizer apegado. Em concordância com tais achados, resultados sobre as implicações da mobilidade residencial no desenvolvimento tanto do apego como da identidade confirmam a idéia de que são processos diferentes, ainda que muitas vezes, relacionados (Vidal et al., 2010).

Os resultados encontrados por Hernández et al. (2007) e Vidal et al. (2010) ajudam a sustentar a proposta multidimensional de Scannel e Gifford (2010), na medida em que condicionam características da dimensão psicológica (identidade, por exemplo) ao lugar em questão. Em outras palavras, pode ser que o apego a um determinado lugar se desenvolva mais na dimensão afetiva, devido a mais presença de fortes laços sociais, a identidade com o lugar pode se desenvolver em função de características físicas, ou que ambas as características (laços sociais e aspectos físicos) façam parte do construto apego. Essa idéia concorda com o entendimento das relações pessoa-ambiente de um ponto de vista transacional (Stokols & Shumaker, 1981), já que o apego, no sentido mencionado, não é generalizável para o lugar ou para o processo (seja cognitivo, afetivo ou comportamental), mas para o complexo processo da interação.

Devido à enorme variabilidade dos aspectos sócio-demográficos, é necessário mais de um conceito de apego ao lugar (Lewicka, no prelo). A autora argumenta que um dos problemas está no fato das pesquisas serem comumente realizadas com estudantes, uma população relativamente homogênea, o que direciona os achados em favor de algumas variáveis como idade e grau de instrução. Como resultado, a maioria dos resultados reforça a idéia de apego ligado a indivíduos mais velhos, mais conservadores – no sentido de resguardar certos valores culturais – e menos instruídos. Nessa direção, vale ressaltar a menção de Hernández et al. (2007) aos resultados contraditórios que são encontrados com relação a uma variável já consagrada nos estudos de apego, o tempo de residência. Isso reforça a pertinência dos questionamentos mencionados.

Tais reflexões levam à indagação sobre se outras variáveis não podem ser tão significativas em outros contextos e, igualmente, gerar algum tipo de laço entre pessoas e ambientes que possa ser chamado de apego (Lewicka, no prelo). Em sua pesquisa, Lewicka (no prelo), propões 5 tipos de relações entre pessoas e seus ambientes de



residência, a partir da tipologia elaborada do Hummon (1992). Além disso, teve como objetivo identificar o perfil dos indivíduos que se adéquem a cada uma das nomenclaturas.

Assim, os tipos de relação entre pessoas e seus ambientes podem ser: *apego tradicional (traditional attachment)*, *apego ativo (active attachment)*, *alienação (alienation)*, *ausência de sentimento de lugar (placelessness)*, e *relatividade de lugar (place relativity)*. Os dois primeiros, como relação de apego, envolvem enraizamento, enquanto os demais são sentimentos caracterizados pela ausência de apego (Lewicka, no prelo).

Essa diferenciação proposta pela autora também fortalece o esquema proposto por Scannel e Gifford (2010), pois esboça diferentes características nas diferentes dimensões, que possuem qualidade de apego. Um exemplo disso é a diferença entre o apego ativo e o apego tradicional. Enquanto o primeiro é caracterizado pelo alto índice de identidade europeia (no caso do contexto da pesquisa), de confiança em outras pessoas (mesmo distantes geograficamente), além de grande capital social e cultural, o segundo caracteriza-se por alto índice de confiança em pessoas próximas, baixa mobilidade, sistema de valores mais conservador e apego proporcional à idade (Lewicka, no prelo).

Nessa perspectiva, ambos os tipos sugerem ser fortemente apegados, mas as dimensões dialogam de forma diferente com cada tipo de apego. A dimensão comportamental relativa a manter proximidade com o local de apego (Scannel & Gifford, 2010) é mais evidente no apego tradicional, devido à baixa mobilidade ou até como causa dessa. Por outro lado, essa mesma dimensão comportamental pode se expressar num comportamento restaurador com relação ao lugar de apego (Scannel & Gifford, 2010), característica mais comum ao apego ativo (Lewicka, no prelo).

Hernández e colaboradores (2007) também deram indicativos de que é pertinente a diferenciação entre um enraizamento cotidiano e um ideológico (Hummon, 1992), o que é o correlato dos apegos tradicional e ativo, respectivamente (Lewicka, no prelo).

Apesar de tratar de diferentes tipos de apego, Lewicka (2005, 2009, 2010, no prelo) considera esse construto como uma relação afetiva entre pessoas e os ambientes. Nessa mesma linha de pensamento estão Rollero e De Piccoli (2010), Hernández et al. (2007), Hidalgo e Hernández (2001) e Vidal et al. (2010). Para Rollero e De Piccoli (2010), a relação entre pessoas e ambientes possuem um aspecto emocional (apego ao lugar) e um aspecto cognitivo (identificação com o lugar). Jorgensen e Stedman (2001) acrescentam o aspecto conativo, ou de dependência de lugar, que diz respeito ao grau em que o lugar é percebido como funcional.

Assim, as relações cognitiva e comportamental podem ser consideradas como outros construtos à parte (por exemplo, identidade de lugar) ou como dimensões do apego ao lugar. Isso implica dizer que, nessa perspectiva, outras instâncias psicológicas, como memória, conhecimento, significados, podem ser fatores que se relacionam com o apego, engendrando-o ou arraigando-o, mas não são o constructo em si. Ou seja, os valores que o indivíduo ou grupo possui sobre um lugar, as imagens gravadas na memória, ou familiaridade com o ambiente físico, podem estar ligados ao desenvolvimento do apego por determinado lugar, mas esses elementos se relacionariam gerando um laço afetivo. Nesse sentido, o apego pode ser entendido como um laço afetivo positivo entre pessoas e ambientes, cuja principal característica é o desejo de permanência em contato com o objeto de apego (Hidalgo & Hernández, 2001).

Essa especificidade não exclui a inter-relação entre os conceitos expostos. Como já mencionado, algumas pesquisas indicam identidade de lugar e dependência de lugar como componentes de apego ao lugar (Kyle et al., 2004, Williams & Vaske, 2003).

Tampouco esta proposição conceitual ignora as diversas dimensões discutidas nos estudos sobre apego (Scannel & Gifford, 2010), como mencionei mais acima, ao tratar de diversos elementos que podem estar intrínsecos no desenvolvimento desse laço afetivo. Além disso, o conceito de sentimento de perda, que ainda não foi discutido aqui, está fortemente ligado ao apego no sentido que trato neste trabalho, pois o afastamento do objeto de apego está relacionado a esse sentimento.

O referido sentimento de perda foi discutido pioneiramente no estudo com pessoas realocadas na cidade de Boston (Fried, 1963). Esse conceito é relativo à literatura sobre *deslocamento* (*displacement*), que tem mostrado a dimensão afetiva entre pessoas e seus lugares de residência, quando são obrigadas a deixá-los, em função de desastres, emigração, relocação (Scannel & Gifford, 2010).

Outro ponto importante de ser ressaltado é a *valência* do apego. A literatura sobre as relações afetivas entre pessoas e ambientes demonstra uma dedicação intensa aos sentimentos positivos dessa interação (Giuliani, 2003). No entanto, deve ser dada atenção para as relações que envolvem experiências negativas, bem como as relações de ambigüidade (Manzo, 2003). O foco no ambiente da residência e a visão romantizada dessa escala de lugar, que culturalmente acabou por abrigar a metáfora “lar” de forma literal, são as causas dessa visão positiva das experiências de lugar (Manzo, 2003).

Outra definição de apego ao lugar que parece seguir um caminho parecido é a de Milligan (1998) por caracterizar como laço emocional e indicar um sentido positivo. Esse sentido positivo está no fato de esse laço ser formado na relação do passado interacional e no potencial interacional. Essa perspectiva é especialmente interessante no que diz respeito a dimensionar a importância da orientação temporal no desenvolvimento do apego. A demarcação entre passado, presente e futuro, e a forma

como isso varia nos diferentes períodos da vida é um referencial importante na relação com os lugares (Speller, 2005).

Entretanto, a própria casa pode ser local de sentimentos ambíguos ou de desconfortos, como no caso de um ambiente hostil, de brigas ou confinamento (Manzo, 2003). Outro ponto levantado pela autora é quando uma experiência de um lugar é positiva em contraposição a outro lugar que propicie experiência negativa, um lugar de fuga, por exemplo.

Em relação a essas duas perspectivas, pode-se dizer que o conceito de apego não se aplica. Apesar da idealização da casa, os indivíduos podem, realmente, não ser apegados a ela, e o tipo de relação estabelecida é outro, o que necessitaria outra definição conceitual. Ademais, o apego em relação a um lugar de fuga não deixa de ser sentimento positivo, apesar de ser gerado na oposição a um sentimento de ameaça exterior a esse local.

Por outro lado, pode haver relação de apego entre indivíduos e lugares que gerem sentimentos negativos (Manzo, 2003). Por exemplo, lugares que lembrem tragédias, memoriais de guerra, cemitérios. Apesar de sentimentos angustiantes que podem ser proporcionados por esses lugares, muitos continuam visitando e prestando suas homenagens. Entretanto, também cabe a indagação se essa relação seria de apego. Talvez pela proximidade que indivíduos tentam manter com esses lugares, possamos assim conceituar, mas será que esse tipo de relação tem as mesmas propriedades e dimensões do apego? Nesse sentido, a noção de que mais atenção deve ser dada a sentimentos negativos em relação a lugares é apropriada (Manzo, 2003).

Talvez a indefinição com relação a alguns desses conceitos se dê pela falta de bases empíricas. A revisão de Manzo (2003) teve como alicerce autores de base fenomenológica, então os conceitos discutidos estão presos às qualidades emocionais e

subjetivas na relação ontológica com o indivíduo. Essa perspectiva, como foi dito no início do capítulo, vem sofrendo muitas críticas pela falta de bases empíricas (Morgan, 2010). Talvez sejam necessárias mais evidências empíricas para discutir essas conceituações ainda confusas da valência dos laços afetivos entre pessoas e lugares.

A idéia de ser um laço positivo condiz com a sugestão de que o apego a um lugar leva a uma percepção positiva tanto do ambiente físico como do social (Rollero & De Piccoli, 2010). Além disso, essa valência pode ser vista no modelo de desenvolvimento do apego em crianças, a partir da ativação de uma interação de cuidado positiva entre o objeto de apego e a criança. Esse modelo busca, ainda, integrar os conceitos de apego interpessoal e apego aos lugares (Morgan, 2010).

Como foi visto ao longo desta seção, ainda é confusa e imprecisa a delimitação conceitual acerca dos laços afetivos entre pessoas e ambientes. O interesse no tema é crescente e pode ser justificado de várias formas, como a própria necessidade de definições mais precisas. No entanto, vale salientar que faz parte do próprio desenvolvimento da ciência e da sociedade o interesse voltado para os sentimentos humanos (Gonçalves, 2009). Os literatos também fizeram parte do direcionamento do pensamento psicológico para a dimensão afetiva, mais especificamente, na relação afetiva com os lugares, a partir do foco no “lar” (Manzo, 2003).

Essa característica tem acompanhado a psicologia em suas diferentes perspectivas. Nesse sentido, é importante lembrar que os estudos da relação pessoa-ambiente importam diversos conceitos – como o de apego – da psicologia. Esse processo é óbvio por ser, a psicologia, uma disciplina dedicada à subjetividade humana, mas há um risco em jogo: os conceitos já arraigados na psicologia são, em sua maioria, conceitos que não se apropriam do ambiente e sua relação complexa na formação da subjetividade. Esse é um dos problemas da relação interdisciplinar, já que, “para que

exista articulação entre ciências, num sentido forte, é necessário que a materialidade de certo nível não seja mero sustentáculo, pressuposto ou condição dos processos de outra ciência” (Leff, 2002, p. 34).

Em suma, talvez um dos maiores motivos para a dificuldade de precisões conceituais no estudo de relações afetivas entre pessoas e ambientes seja o fato de estudarmos um objeto diferente da psicologia e usar conceitos da mesma. A subjetividade em questão não é a mesma subjetividade tradicionalmente estudada em psicologia. É uma subjetividade estabelecida na interação com o ambiente e indissociável desse. Isso implica dizer que os conceitos importados da psicologia precisam ser redefinidos para esse objeto que é a relação pessoa-ambiente, com evidências empíricas e contextualização sócio-política, para, por fim, termos conceitos mais claros e apropriados. Na mesma direção, se por um lado há a vantagem de um conceito ganhar em consistência e alento tendo o caráter multidisciplinar, pode perder em profundidade e ser enfraquecido em sua definição operacional (Speller, 2005).

Ainda assim, posições teóricas sistemáticas e certo grau de clareza conceitual só podem ser conseguidos “numa tradição de investigação que se aproxima do paradigma positivista, e a falta de clareza conceitual não reflete o grau de desenvolvimento de um tema interdisciplinar” (Vidal et al., 2010, p. 303). Isso mostra como é importante a atenção que tem sido dada para o conceito de apego ao lugar e o desenvolvimento das bases empíricas que buscam discutir e sustentar redefinições do mesmo.

Com a delimitação do que está sendo chamado de apego ao lugar, o próximo passo é explorar esse conceito, identificando suas dimensões e a existência desse apego aos lugares em espaços variados e com dinâmicas diferentes.

## **2.2. Dimensões do Apego ao Lugar**

A partir da idéia de que desenvolvemos sentimentos especiais pelos espaços físicos, vivenciando-os presencialmente ou não, com valor positivo ou negativo e tomando por parâmetro a noção de que o apego é um sentimento específico desses, com características específicas, como valência positiva e vontade de permanecer em contato com o lugar de apego, cabe o questionamento sobre como se engendra esse tipo de sentimento. Ou seja, quais são os elementos das experiências de lugar que nos fazem desenvolver o apego e como esses elementos atuam em diferentes ambientes?

No tópico anterior foi mencionada a multidimensionalidade do apego ao lugar. O sistema complexo proposto na revisão da literatura por Scannel e Gifford (2010) aponta diversas dimensões nos eixos de pessoa, processo e ambiente. Segundo esses autores, as dimensões que serão tomadas no conceito dependem do foco da pesquisa em questão.

Um exemplo disso é a já citada decomposição do conceito de apego nas dimensões de dependência de lugar e de identidade (Kyle et al., 2004). Como a pesquisa desses autores envolveu percepção das condições ambientais e sociais de um *setting* natural, o apego esteve intimamente associado às relações estabelecidas pelas pessoas que viviam a realidade do mesmo. Em outras palavras, pelo tipo de ambiente em questão (um *setting* natural ao longo da *Appalachian Trail*), a identidade com o espaço físico ou a funcionalidade dele na interação se sobressaem na edificação e identificação do apego.

As atitudes em relação às mudanças nas condições ambientais e sociais variam de acordo com a dimensão mais expressiva em cada indivíduo ou grupo. Por exemplo, indivíduos em que a dimensão de dependência, que é relacionada ao uso do ambiente como meio de conquistas pessoais ou coletivas, quando mais expressiva, é mais significativa, não costumam sentir como ameaçadoras mudanças no ambiente, em

primeira instância (Kyle et al., 2004). Isso é mais propício a acontecer em pessoas ou grupos nas quais a dimensão da identidade se sobressai, justamente por essa identidade ser gerada no que há do ambiente (social ou físico) que gere sentimento de pertencimento a eles.

É provável, também, que o apego ativo (Lewicka, no prelo) se relacione com a dimensão da identidade de uma forma e com a dimensão da dependência de lugar, de outra. A dimensão da dependência é caracterizada pelo quanto o ambiente favorece o alcance de metas por parte de indivíduos ou grupo (Stokols & Shumaker, 1981), e como dimensão afetiva, está fortemente ligada ao apego ativo. Por outro lado, indivíduos nos quais o apego é especialmente direcionado pela relação de identidade (cognitiva), podem sentir mais ameaçadoras as mudanças no *setting*, mas estão mais aptos a utilizar estratégias de adaptação, como *coping* (Kyle et al., 2004).

Essa composição do apego parece adequada ao propósito da pesquisa de Kyle et al. (2004), mas se pensarmos em outros contextos, poderemos afirmar que o apego está formado “apenas” por uma dimensão de identidade e uma de dependência? Os próprios resultados de Hernández e colaboradores (2007), discutidos na seção anterior, mostram que identidade e apego podem se desenvolver separadamente. Além disso, Speller (2005) questiona a relação e a direção da causalidade entre o laço afetivo e o de identidade. A autora discute se o laço emocional é precursor ou base da identidade com o lugar, ou se a identificação de um indivíduo com o lugar precede o estabelecimento de uma relação afetiva. Os achados de Vidal e colegas (2010) indicam que o apego antecede a identidade. Se por um lado esta necessita mais tempo de interação para se desenvolver, aquele pode se desenvolver mesmo sem o contato físico duradouro, por propriedades simbólicas.



Quando perguntado sobre o que mais sentiria falta ao deixar um bairro, ou uma cidade, alguém pode responder que sentirá mais falta dos amigos, ou dos churrascos que fazia aos sábados em casa, bem como dizer que sentirá mais falta de sentar debaixo da árvore na calçada e ler o jornal. A questão é que o apego tem diversas facetas, que dependem do local em questão. No contexto de relações de vizinhança, discutido no capítulo 1, podemos considerar que nem sempre tal contexto oferece recursos para um sentido fortemente utilitário de lugar, e mesmo assim pode ser que as pessoas se apeguem a esse. Por outro lado, enquanto um indivíduo se apega a sua cidade por ter vivenciado coisas importantes pessoalmente, um grupo de indivíduos, ou mesmo a população, podem sentir orgulho da história da cidade, numa interação simbólica. Além disso, num ambiente natural, como foi o caso da pesquisa de Kyle et al. (2010), o pequeno grau e a fugacidade das interações sociais podem fortalecer a presença de dimensões que estão atreladas ao ambiente físico (identidade e dependência).

Por outro lado, Hidalgo e Hernández (2001) ressaltam que, revisando os estudos sobre apego ao lugar, o lugar referido é considerado, via de regra, apenas no espectro das redes de relações sociais, identificando apego a partir da existência de relações sociais. Por outro lado, os autores apontam que, apesar do forte valor dado a essas no desenvolvimento do apego, alguns estudos indicam tanto essa dimensão social como a dimensão física como presentes no sentimento de apego ao lugar.

Acerca de estudos sobre os preditores de apego ao lugar, Lewicka (2010) aponta não apenas a presença de preditores do ambiente físico para o apego ao lugar, como indica diferenças de expressão das dimensões física e social nos diferentes ambientes. Hur, Nasar e Chun (2010) constataram a relação entre satisfação com a vizinhança e a percepção da presença de espaços abertos e áreas naturais.

Diante disso, os estudos evidenciam que tanto a dimensão física, como a social, bem como os fatores sócio-demográficos estão implicados no desenvolvimento do sentimento de apego por um lugar. O balanço entre essas dimensões aparece de forma distinta em diferentes locais. Por exemplo, espera-se que a dimensão física se sobressaia no apego a um ponto turístico no caso de um indivíduo que vai visitá-lo como tal. Por outro lado, alguns estudos indicam maior intensidade da dimensão social em apego a ambientes residenciais (Brown, Perkins, & Brown, 2003).

Ainda assim, o mesmo ambiente turístico pode significar uma relação diferente para um morador ou grupo de moradores, havendo uma forte identidade tanto com aspectos físicos como sociais e até uma relação de cuidado. Na própria pesquisa de Kyle et al. (2010), os autores propõem que os resultados estão ligados ao fato de que a motivação da maioria das pessoas que visitam o local é recreacional, e pode ter sentidos diferentes para pessoas em que a experiência do mesmo local vá além dessa relação.

Mais uma vez, ainda que diferentes dimensões para o construto sejam propostas ao longo da literatura, elas parecem mais complementares do que excludentes. Isso é consequência da complexidade do conceito. O estudo de Lewicka (no prelo) deu indicativos da existência de mais de um tipo de apego aos lugares e seus questionamentos partiram justamente da variabilidade dos fatores que podem gerar o apego. Então, faz sentido que não se possa trabalhar com dimensões rígidas para esse fenômeno. Se por um lado pensar na dimensão cognitiva dos significados permite analisar a relação simbólica, especialmente no caso de um grupo, a noção de dependência de lugar dá um lugar central ao ambiente físico na questão do apego (Stokols & Shumaker, 1981).

Além disso, da mesma forma que tratar o apego como uma relação de cunho afetivo não desconsidera outras funções psicológicas, focar as dimensões social e

ambiental do apego pode englobar outras dimensões distintas na proposição esquemática de Scannel e Gifford (2010). Em outras palavras, se tomarmos apego aqui como uma relação afetiva entre pessoas e seus ambientes, que pode se desenvolver por influência do ambiente físico e natural, estamos tratando também de comportamentos em relação a esses ambientes, de valores, de memória, de identidade, e de compartilhamento de símbolos.

### **2.3. A importância do apego ao lugar**

O apego ao lugar, dentro dessa delimitação, compartilha de características fundamentais com o apego interpessoal. O objeto de apego recebe qualidades afetivas e funcionais que o diferenciam dos demais, de forma que se torna único, insubstituível, o que, segundo Giuliani (2003), possibilita diferenciar apego de satisfação. Além disso, o apego se relaciona com as sensações de segurança e conforto.

Dessa forma, estudar apego ao lugar dá uma justa importância para os ambientes físicos como presentes na formação e na existência dos processos psicológicos das pessoas, já que dedica atenção a um afeto de qualidade positiva nas relações entre pessoas e ambientes. Por outro lado é possível identificar, por meio desse conceito, como a vida em cada âmbito de lugar contemporâneo tem se configurado em relação aos espaços. Em outras palavras, estudar apego ao lugar pode dar algumas pistas sobre como temos nos relacionado com espaços físicos e localizar alguns benefícios e malefícios dessas relações a partir de suas dimensões.

Os perfis pessoais para cada tipo de apego (Lewicka, no prelo) podem dar diversas pistas de como as pessoas têm se relacionado não só com seus espaços, mas umas com as outras. Cada tipo de perfil envolve valores (como benevolência, tradição, hedonismo), além de identificar envolvimento em atividades culturais, capital social e

cultural, grau de confiança em outros indivíduos, com ou sem proximidade física, identidades local e continental, interesse em raízes familiares, dentre outras características. Além disso, os perfis englobam o nível de satisfação com a própria vida por parte de cada indivíduo.

Ou seja, uma análise apurada de como se distribui uma determinada população na tipologia do apego pode nos dizer muito sobre aspectos sociais, ambientais e psicológicos de determinada sociedade. Claro que essa possibilidade é limitada e depende do grau de complexidade e fluidez cultural de determinado local, mas não reduz a importância do conceito de apego como uma forma de análise. Essa perspectiva é interessante também na amplitude conceitual que dá ao apego, já que o considera dentro de uma esfera político-social, e não é possível entender uma relação afetiva entre as pessoas e seus ambientes sem considerar como ela está implicada em um dado contexto e como implica culturalmente e politicamente esse contexto (Manzo, 2003).

As principais funções atribuídas ao apego na literatura dizem respeito à sobrevivência e segurança, suporte para o alcance de metas, e continuidade temporal e pessoal (Scannel & Guifford, 2010). São funções que, via de regra, recaem sobre a sensação de segurança e, por conseguinte, bem-estar. As funções de continuidade, de propiciar sensação de pertencimento, de propiciar o alcance de metas, dentre outras, parecem sugerir uma espécie de homeostase dos processos psicológicos, ou seja, objetos de apego são objetos restauradores.

Além disso, devem-se considerar as relações afetivas com os lugares como processos tanto conscientes como não-conscientes (Manzo, 2003). Isso implica dizer que essas relações podem ser “maneiras pelas quais expressamos nossa visão de mundo” (p. 53). Ou seja, há um processo ativo quando estabelecemos vínculos afetivos

com algum lugar, e esse sentimento, podendo ser consciente, é pressuposto da nossa própria relação comportamental.

Apesar disso, o prognóstico para o apego aos lugares não é dos melhores. Dentre a população jovem, o apego tradicional aparece infimamente (Lewicka, no prelo). No entanto, o apego ativo mostrou uma presença significativa na mesma população e uma correlação positiva com grau de instrução. Ou seja, é difícil precisar qual o futuro do apego em geral, mas sem dúvida sua configuração nas populações tende a se transformar continuamente. Isso implica dizer, por exemplo, que o crescimento do apego ativo na população jovem pode conduzir a sociedades implicadas globalmente, contudo localmente mais apáticas, de acordo com os perfis estabelecidos.

Dessa forma, pode-se dizer que o estudo sobre apego aos lugares exerce uma função de síntese/análise, bem como uma função de prognóstico. Como construto de síntese, ele permite, a partir de suas dimensões (afetiva, cognitiva, comportamental, conativa, a depender do contexto de estudo), entender como a relação das pessoas com seus ambientes tem se dado. É um construto que pode dimensionar o enraizamento ou desenraizamento que indivíduos vêm tendo em seus espaços cotidianos, permite entender quais grupos étnicos, etários, de gênero ou conceituais têm se apropriado dos espaços e como as relações entre pessoas/grupos e ambientes vêm sendo moldadas nos novos contextos de desenvolvimentos global e local. Por características intrínsecas, o estudo do apego aos lugares possibilita também enxergar sintomas (positivos ou negativos) da realidade no presente e prognosticar as conseqüências futuras. Em outras palavras, é possível ter idéia de quem, onde e dos porquês no desenho de um futuro dos laços afetivos entre pessoas e ambientes e, dessa forma, prever a transformação do espaço e das relações sociais e culturais com este.

### Capítulo 3: Proposta de estudo

Se a casa é primeiro lugar de contato íntimo e importância, a vizinhança vem logo em seguida. Essa afirmação poderia ser verdadeira para alguns, mas é extremamente incerta dentro da gama de qualidades de vizinhanças existentes.

Por ser o lugar imediato à porta da casa, deveria exercer papel fundamental como ambiente de socialização tanto de crianças como de adultos, deveria ter papel fundamental na história de vida de moradores e mais, deveria ser óbvio o desenvolvimento de conexões afetivas entre as pessoas e suas respectivas vizinhanças. Mas diante das dimensões expostas, que potencializam o desenvolvimento dos afetos pelos lugares, o contexto de cada vizinhança desempenha papel fundamental.

Quando Giuliani e Feldman (1993) propuseram que fosse mudada a ênfase nas pesquisas sobre ligação entre pessoas e lugares para um modelo que levasse em conta a transformação desses laços durante a vida das pessoas, os autores estavam defendendo a contextualização desses sentimentos, situando na esfera do desenvolvimento e nos aspectos culturais que envolvem tais laços.

Muitas vizinhanças atuais são estáticas socialmente, e há a supervalorização dos muros que separam as residências das ruas. Temos um contexto já explicitado em que os cotidianos não acontecem mais dentro do espaço da vizinhança, mas nos supermercados e shoppings. O espaço público tem perdido espaço para o pagamento pela possibilidade de socialização, em clubes e condomínios fechados. Até mesmo o processo educativo dos filhos é “terceirizado”, sendo delegado quase que completamente às escolas. Nesse contexto, o cuidado com a vizinhança e a implicação para as relações locais pode ser visto se deteriorando ao mesmo tempo em que se instalam as cercas elétricas.

Na arquitetura dos centros urbanos vemos se arraigar uma segregação social, fundamentada basicamente no poder de compra de espaço físico, sob o argumento da privacidade e da segurança. O espaço urbano vem sendo moldado, na verdade, por quem pode pagar e por quanto passa a valer determinado local. Esse processo, necessariamente, exclui a possibilidade do “localismo” e do desenvolvimento de vizinhanças no sentido que apontei no primeiro capítulo: a vizinhança viva, que se desenvolve na dinâmica social significando o espaço físico num processo ao longo da história, conferindo identidade, afetos e temporalidade ao lugar.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o direito à privacidade e ao conforto e segurança são básicos. O problema é que não passa mais por uma opção, e está-se sedimentando a separação daqueles que não podem pagar por esse direito, “a distribuição dos grupos sociais no espaço já nos dá um panorama do que é a distribuição social das classes e das camadas sociais em relação ao acesso ao centro ou à periferia” (Jodelet, 2002, p. 35).

Trago esse sintoma do desenvolvimento urbano por ser um processo que despotencializa a localidade. Não só há uma preferência maciça por espaços de moradia que não possuem a dinâmica de vizinhança intensa, mas aqueles que optam ou são obrigados a permanecer numa realidade local, enfrentam o enfraquecimento das facilidades locais, com a disputa desleal entre os mercados locais contra as grandes redes de supermercado, a distância dos locais de trabalho e dependência de péssimos serviços de transporte público, o abandono dos espaços públicos pelos órgãos governamentais. Nas palavras de Bauman (1999):

Se a nova extraterritorialidade da elite parece uma liberdade intoxicante, a territorialidade do resto parece cada vez menos com uma base doméstica e cada vez mais com uma prisão – tanto mais humilhante pela intrometida visão da liberdade de movimento dos outros (p. 26).

Nesse sentido, as vizinhanças que busquei caracterizar no primeiro capítulo podem ser consideradas resistências frente a um processo que sub-valoriza a socialização, já que “a cidade – que favorece o individualismo e a abstração coletiva – dificulta a criação de laços sociais e o estabelecimento de relações simbólicas com os outros” (Jodelet, 2002, p. 33). Nesse jogo está envolvida a descaracterização dos espaços públicos, a segregação urbana, e a própria relação de significação que as pessoas e grupos possuem em relação aos outros, a lugares e a objetos. Se temos a tendência de atribuir valor aos lugares, pessoas e objetos, diferenciando-os dos demais, por ser um processo que desencadeia bem-estar psicológico, o que acontece numa realidade na qual “o significado e o valor da distinção das coisas são sentidos como nulos” (Simmel, 1903/2005, p. 581)?

Algumas pesquisas que abordam o apego ao lugar em diferentes escalas mostraram resultados que indicam menor apego à vizinhança quando comparado às dimensões de residência e cidade (Hidalgo & Hernández, 2001; Hernández et al., 2007; Lewicka, 2010). Os estudos sugerem um gráfico em *U*, indicando a amplitude do apego para residência, vizinhança e cidade, no qual as duas pontas do *U* (maiores índices) se referem ao apego à residência e à cidade, e a região inferior do gráfico (menor índice) ao apego à vizinhança. Além disso, o grau de localismo de indivíduos influencia no desenvolvimento de apego e de identidade com o bairro (Vidal et al, 2010). Assim, o apego a vizinhanças depende do grau de interação entre moradores dentro desse contexto.

Por outro lado, sabe-se que existem vizinhanças com uma dinâmica intensa, alto nível de contato diário entre moradores, onde se vêem moradores engajados em problemas locais, em busca da melhoria de condições locais, e/ou com extrema articulação de uma rede social que compartilha interesses e apoio mútuo. Sabe-se ainda,



que algumas pessoas desenvolvem grande afeto por suas vizinhanças e não sentem vontade de sair, outras, que saíram, gostariam de voltar algum dia, ou lembram com muito carinho. Ou seja, o apego às vizinhanças ainda pode ser identificado com certa facilidade em alguns lugares.

É nesse sentido que o apego às vizinhanças pode apontar indícios importantes para sabermos o que está em jogo na vinculação afetiva aos lugares. Elas carregam a tradição e a contradição dos grandes centros urbanos, como um limbo temporal, e entender a realidade desses locais é poder elucidar elementos básicos (ou mais simples) das relações pessoa-ambiente. As vizinhanças são fenômenos que se desenvolvem essencialmente na relação entre as pessoas e o espaço físico e, dentro de sua variedade, se distribuem entre as que vêm se des-significando, se re-significando e as que ainda carregam significados primordiais.

Nessa profusão de contradições que há no mundo das vizinhanças, as dimensões que sustentam o apego podem ajudar a entender como estão se situando as vizinhanças no desenvolvimento das cidades grandes, como ficam as redes sociais e identidades locais, a dependência local frente aos desafios espaciais e econômicos, os símbolos locais frente à globalização da cultura. Em outras palavras, o apego pode dar pistas sobre qual foi, qual é e qual pode vir a ser o lugar das vizinhanças na vida cotidiana das pessoas.

Ainda que haja uma boa gama de estudos sobre limites e relações sociais em vizinhanças, de um lado, e sobre apego nas escalas de residência e vizinhança, de outro, esses aspectos aparecem muito difusos, e ainda não é possível compreender o que engendra os laços afetivos nessa escala, nem o significado que se está dando às vizinhanças encontradas nesses estudos, se está para além da rede social e se acontece de forma diferente dos laços afetivos com residência e cidade.

Dessa forma, este foi um estudo exploratório cujo objetivo geral foi identificar esses elementos de apego a vizinhanças indicadas pela presença desse vínculo afetivo, procurando entender o que tornou ou torna possível o desenvolvimento do mesmo.

Os objetivos específicos de tal proposta foram:

- (a) Identificar vizinhanças da cidade do Natal caracterizadas pelo forte sentimento de apego ao lugar;
- (b) Identificar as principais características sociais, ambientais e culturais de vizinhanças consideradas apegadas;
- (c) Compreender quais os principais fatores que favorecem e quais dificultam as relações de vizinhança;
- (d) Identificar e caracterizar as dimensões constituintes do apego às vizinhanças;
- (e) Contextualizar as vizinhanças estudadas dentro de características que favorecem esse apego.

Para abarcar os objetivos indicados, a pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira teve o propósito de identificar, a partir de um painel de especialistas, vizinhanças na Cidade do Natal caracterizadas pela presença de apego, e está descrita no capítulo 4 deste trabalho.

Como forma de melhor compreender o contexto das vizinhanças e relacioná-lo ao desenvolvimento do apego, a segunda etapa contemplou entrevistas com pessoas-chave de duas das vizinhanças indicadas. Tais pessoas foram indicadas pelos próprios moradores ou ex-moradores como exemplos de indivíduos apegados àquele lugar e conhecedores da realidade local. Essa etapa está descrita no capítulo 5 deste trabalho.

## Capítulo 4: Ouvindo especialistas

### 4.1. Método

Realizei entrevistas com pessoas consideradas especialistas em elementos sócio-urbanos da cidade do Natal, usando a técnica do painel de especialistas descrita por Taylor, Zube e Sell (1987). Tal *expertise* podia ser ligada à experiência profissional na realidade urbana da cidade ou pelo histórico do entrevistado em relação a vivenciar essa realidade de vizinhanças possivelmente apegadas. No primeiro caso, as áreas de planejamento urbano, meio-ambiente e urbanismo, ou mesmo história da cidade e de seus bairros, eram fatores para escolha dos entrevistados. Já no caso da “*expertise* vivencial”, busquei indicação de pessoas que tivessem vivido em bairros sugeridos em outras entrevistas e que fossem qualificadas como indivíduos que gostem de viver e falar sobre lugares da cidade.

Um dos motivos para a adoção das entrevistas como etapa preliminar é o fato de haver uma limitação nos estudos feitos com vizinhanças usando delimitações oficiais para identificar ambientes de estudo (Farrel et al., 2004; Kingston et al., 1999; Coulton et al., 2001). O problema dessa abordagem está em perder-se a heterogeneidade das vizinhanças a partir dessas classificações amplas (Farrel et al., 2004). A utilização de um painel de especialistas centra numa delimitação a partir de qualidades, o que direciona melhor o estudo para a escolha de locais delimitados sócio-culturalmente. Ou seja, é uma técnica que reforça o sentido de idiosincrasias de cada vizinhança, o que é pertinente dentro do caráter exploratório do estudo. Além disso, é muito complicado delimitar a vizinhança “correta”, pois nem sempre coincidem as fronteiras oficiais entre vizinhanças e as consideradas pelos próprios moradores (Kingston et al., 1999).

Ainda, pode-se argumentar que, ao considerar que intervenções em vizinhanças que pretendam a adesão e participação dos moradores na solução de problemas, “só serão efetivas se atentarem para a riqueza do construto em cada *setting* em particular” (Kingston et al., 1999, p. 689). Ou seja, mesmo para um estudo exploratório e não-interventivo, a busca por entender melhor o construto deve existir. Parte disso está em entender as experiências e ações humanas em tal lugar, algo facilitado pelo recurso da entrevista (Günther, 2008).

#### *4.1.1. Participantes*

Dentre participantes ligados ao critério de especialidade, foram entrevistados dois arquitetos voltados ao setor de habitação da cidade, um tecnólogo ambiental com experiência em meio ambiente e urbanismo, um planejador urbano, um comunicador social e um folclorista. Ainda assim, a maioria desses possui um histórico de vivência pessoal nos bairros da cidade, fator importante para o objetivo das entrevistas. Além desses entrevistados, participaram quatro pessoas que, apesar de não possuírem vínculo profissional com temas da cidade do Natal e seus bairros, são reconhecidos conhecedores da realidade de alguns bairros, por tempo de convivência e qualidade de convivência em alguns deles.

#### *4.1.2. Procedimentos*

Foram realizadas dez entrevistas, no período compreendido entre março e maio de 2010, visto que este número foi suficiente para abarcar as informações necessárias para a etapa subsequente. Cada entrevistado foi contatado previamente *via* telefone e perguntado sobre o interesse e disponibilidade para participação.

Todos os entrevistados, ao serem contatados e no encontro para a entrevista foram informados sobre os propósitos do estudo, o tempo estimado de duração da entrevista, foi explicada a natureza voluntária da participação e garantido o anonimato, seguindo os princípios éticos para estudos envolvendo seres humanos (American Psychological Association, 2002). As instruções foram apresentadas e, antes de iniciar cada entrevista, as dúvidas foram esclarecidas.

A partir da primeira indicação balizada pelos professores do grupo de pesquisa do qual faço parte, as demais indicações foram feitas pelos próprios entrevistados que, após a participação, cientes dos objetivos das conversas, eram instados a sugerir alguém que pudesse contribuir ao máximo para o alcance dos objetivos do estudo. Os participantes eram considerados por sua relação de conhecimento sobre o local, podendo ser considerados “informantes locais”, aptos a indicar outros potenciais entrevistados. Por esse motivo, mesmo os entrevistados que não possuíssem a expertise profissional, surgiram da indicação desses especialistas, passando pelo crivo dos mesmos.

Para conduzir tais entrevistas utilizei um roteiro semi-estruturado (Apêndice A) que visou levantar informações sobre os seguintes aspectos: a) Identificação de elementos que possam caracterizar vizinhanças apegadas; b) Identificação de fatores que contribuem para que as vizinhanças sejam ricas em tais elementos, bem como fatores que dificultem essa riqueza; c) identificar as formas de expressão do apego às vizinhanças; d) Indicação de vizinhanças na cidade do Natal que ainda possuam muitos desses elementos e possam ser caracterizadas pelo apego por parte dos moradores.

Esse roteiro foi desenvolvido inspirado em escalas e questionários aplicados em outros estudos sobre apego aos lugares (Hidalgo & Hernández, 2001; Lewicka, 2010), por ter orientação teórica semelhante a respeito de tal construto.

Tais entrevistas foram agendadas mediante a disponibilidade dos participantes e em locais escolhidos pelos mesmos. Tiveram a duração média de trinta minutos e foram gravadas em áudio. As gravações foram transcritas para um banco digital e, posteriormente, transferidas para o software para análise qualitativa QDA-Miner, a partir do qual foi feita a categorização guiada pelos objetivos supracitados (um exemplo das entrevistas transcritas está no Apêndice B deste documento).

As entrevistas foram analisadas a partir da análise de conteúdo clássica (Bauer, 2002; Sommer & Sommer, 1997) e se deu com base nas categorias emergentes. Nesse sentido, a leitura das transcrições foi feita buscando categorizar as falas que possuíssem elementos comuns na direção dos objetivos da etapa de pesquisa. As falas destacadas receberam códigos assinalando à qual categoria de análise pertenciam, de acordo com o sentido do seu conteúdo.

Para assegurar fidedignidade, a categorização foi submetida à avaliação de juízes (*coders*), como preconizam Sommer e Sommer (1997). A fidedignidade é indicada pela concordância entre os juízes na interpretação dos códigos e do conteúdo codificado (Bauer, 2002). Participaram 5 (cinco) juízes, que leram a transcrição das entrevistas e submeteram-na à interpretação e codificação. Após a discussão entre os cinco juízes sobre cada uma das 160 codificações atribuídas a trechos das entrevistas, o índice de concordância foi de 99,6%, considerado muito alto (Bauer, 2002).

## **4.2. Resultados e discussão**

Nesta seção de resultados percorrerei informações levantadas no total das entrevistas feitas e de acordo com a sequência de objetivos elencados acima, englobando um grande conjunto de características do cotidiano que fizeram as pessoas entrevistadas considerarem algumas vizinhanças como “vivas”, e discutindo as

indicações sob a luz dos fatores levantados como facilitadores e dificultantes dessas relações de vizinhança.

#### 4.2.1. Elementos de Vizinhança

As características elencadas como sendo parte de uma vizinhança “viva” foram agrupadas em cinco conjuntos de indicadores: *socialização*, *intimidade*, *cooperação*, *utilização do espaço* e *identidade*.

Elementos de *socialização* dizem respeito àquelas atividades que subjazem à interação social. Algumas dessas, indicadas nas falas dos especialistas foram:

Os meninos pegando tanajura e brincando na rua. (Especialista 1)

Se reunindo na frente da casa, com as cadeiras na calçada, conversando no início da noite, no meio da noite, etc. (Especialista 3)

Aglomerção de pessoas, normalmente em bar. (Especialista 5)

Também tinha muito alguém, um contando história pra todos na calçada. (Especialista 8)

Essas atividades, juntamente com as de *cooperação*, podem ser inseridas no conceito de *neighboring* (Farrel et al, 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Weiss, 1982), a troca de suporte social entre vizinhos. Além das falas mencionadas também foram referidas as festas comemorativas como o São João e churrascos, organização de festas para crianças, prática de esportes no espaço local, colocar a televisão fora de casa e juntar-se aos vizinhos para assistir ao telejornal, novelas, esportes, além de pequenos blocos locais de carnaval que passam de porta em porta convidando os moradores a participarem do evento.

Outro exemplo interessante de tal contexto de socialização pode ser visto na seguinte frase:

Na minha rua, quando minha mãe fazia um bolo, imediatamente ia levando de porta em porta para os vizinhos. O mesmo acontecia quando alguém fazia pamonha, doces e tudo mais. (Especialista 10)

A categoria de *cooperação* está composta por ações de ajuda mútua, como emprestar ferramentas, comida, ajudar a pintar a casa, a consertar algo, ou até cuidar dos filhos do vizinho quando este se ausenta.

As duas categorias acima, apesar de semelhantes, podem funcionar separadamente, de acordo com a qualidade de cada vizinhança. É, justamente, pela diversidade de realidades, que podem ser evidenciadas tantos tipos de relações intra-vizinhanças.

Os indicadores de *intimidade* estão diretamente ligados ao grau de participação de um ou mais vizinhos na vida de outros, ou ao grau de amizade que é experimentado no contexto de vizinhança. Essa definição acabou sendo dada por um dos especialistas, na seguinte frase:

Aquele vizinho que você participa da vida dele e ele da sua, de convidar pra tudo quanto é festa. (Especialista 6)

Dentre as características de intimidade, foram mencionadas: frequentar a casa de vizinhos; participar de eventos que envolvam as famílias dos mesmos, como comemorações de Natal e ano novo; conhecer suas famílias e conversar sobre aspectos íntimos do outro (conjugais, familiares, de trabalho e problemas pessoais). Tanto esses elementos de intimidade, como os de socialização envolvem formas de sociabilidade



lúdica (Simmel, 1917/2006), já que operam independente do conteúdo, se repetindo ciclicamente em função do relacionamento social.

As características de *utilização do espaço* dizem respeito a ações em que os aspectos físicos da vizinhança são centrais em tais atividades, tais como: colocar cadeira na calçada e ficar descansando à noite, frequentar os bares e mercadinhos locais, utilizar quadras locais ou mesmo jogar futebol na rua ou em terrenos ainda sem construções.

Algumas menções a essas atividades centralizadas no espaço foram as seguintes:

Essa vivência de calçada, de amigos ainda acontece em frente às praças. Constroem ali uma churrasqueira às vezes ou levam a sua. Às vezes constroem bancos. Quando a praça não existe, quando a prefeitura não construiu a praça, dependendo da casa, eles próprios constroem os bancos de alvenaria. (Especialista 4)

Você vê aquelas pessoas na calçada, de noite, tomando ar fresco, balançando nas cadeiras. (Especialista 5)

Ginásio Sílvio Pedroza era um centro catalisador disso. Um sem-número de jovens que faziam dali um pedaço da sua casa, havia uma convivência diária. (Especialista 6)

Ainda pode ser considerada como utilização do espaço físico das vizinhanças a presença de feiras livres ou mesmo vendedores ambulantes que passam alguns dias da semana com verduras, doces caseiros, dentre outros produtos.

Por indicadores de *identidade* compreendi símbolos que carregassem o nome ou a referência na memória dos indivíduos de determinado bairro ou vizinhança. Desde blocos de carnaval que identifiquem de onde são oriundos até times de futebol ou festas representativas. Exemplos mencionados foram as festas de Santos Reis no bairro das Rocas e São Sebastião, no Alecrim, bairros situados na zona administrativa leste da

cidade. Apesar de ainda haver o time de futebol que carrega o nome do bairro do Alecrim, foi mencionado o antigo Mauá como outro clube que identificava o bairro.

Além desses eventos sociais, foram mencionados tipos sociais que costumam ser identitários de alguma vizinhança, como o “cego da rua” ou “o doido”. Há essa referência a figuras marcantes também na seguinte fala:

Eu me lembro que as frutas e verduras, a gente comprava quando passavam os balaieiros ou verdureiros. (Especialista 5)

Esses fatores que criam identidade local, seja para a população ou para quem é externo à vizinhança, foram considerados como uma das dimensões críticas de vizinhança por Elliot et al. (2006) e Campbell et al. (2009).

#### 4.2.2. Elementos facilitadores

No que concerne aos fatores que favorecem essas relações vicinais, os depoimentos relataram elementos bastante variados, que agrupei nas seguintes categorias: enraizamento, temporais, comércio/trabalho, contato espacial, familiaridade e herança cultural.

A categoria de *enraizamento* diz respeito a um conjunto de fatores que faz com que um indivíduo se identifique pessoalmente com aquela vizinhança. Nesse sentido, foi mencionado construir a própria casa, ter memórias afetivas importantes, ter criado os filhos no local, dentre outros. Farrel e colaboradores (2004) acharam indícios de que o enraizamento está ligado ao engajamento em comportamentos caracterizados como *neighboring* e no desenvolvimento do *sentimento de comunidade*. Entretanto, tais autores consideraram o enraizamento apenas na dimensão da estabilidade, abrindo mão ou não mencionando da discussão da apropriação do espaço.

Chamei de fatores *temporais* as indicações de que o intervalo de tempo morando em determinada vizinhança favorece as relações de vizinhança. Para Bonaiuto et al. (1999), “a duração da residência em determinada vizinhança influencia o apego a essa, independentemente de outros aspectos de avaliação que dizem respeito à mesma vizinhança” (p. 345). Na fala seguinte, isso também fica evidente:

Mas sempre há pessoas antigas nessas vilas, que se apegam, se apegam à vizinhança. (Especialista 4)

Algumas referências foram feitas à presença de ambientes comerciais na vizinhança. No entanto essas referências tomam duas linhas de influência. A primeira é o fato de pessoas se mudarem para uma determinada vizinhança para ficarem próximas ao trabalho, como pode ser visto na seguinte sentença, dita por um arquiteto:

A centralidade, a proximidade do trabalho é fundamental. As pessoas preferem pagar aluguel caro em uma casa pequena em Nova Descoberta do que pagar mais barato numa casa formal num conjunto da Zona Norte, às vezes. (Especialista 3)

As vilas também foram apontadas como favorecedoras dessa centralidade por terem sua origem “rentista”, em função de pessoas irem morar lá com contratos menos formais para estarem próximas ao trabalho, muitas vezes temporário.

O segundo aspecto relacionado ao comércio está na própria história do bairro e suas vizinhanças. Em algumas vizinhanças citadas, segundo um entrevistado, muitos moradores estabeleceram seus comércios no local, o que caracteriza a própria atividade comercial voltada para a população local, fator que favorece a relação entre os moradores. O comércio acaba sendo um facilitador da socialização, como nas menções a seguir:

Acho que tem uma coisa do bairro ser... Tem vários bares, tem comércio, que é muito urbanizado, um dos primeiros que foram urbanizados. (Especialista 2)

Esses bairros construídos a partir de conjunto não tinham nada, então as pessoas foram construindo padaria, salão de beleza, um armazém, uma pequena escola, uma creche. (Especialista 4)

Esse aspecto foi discutido também por Guest e Wierzbicki (1999), indicando como fator que direciona o âmbito das relações sociais, o local de trabalho. Nesse sentido, aqueles com trabalho local ou dentro de casa, tendem a desenvolver mais laços sociais na escala de vizinhança.

Um dos fatores mais mencionados que favorecem a interação de vizinhanças é a facilitação dessa pelas características espaciais locais. Ou seja, localidades em que o espaço físico acaba por impulsionar, ou até obrigar, um grau de convivência maior, permitem uma dinâmica mais rica de elementos de vizinhanças como os já citados. Essa facilitação em função da condição do espaço pode ser ilustrada na seguinte fala:

Eu acredito que tem a ver com o fato de ser voltada pra dentro. Até fisicamente meio isolado. Elas viveram e cresceram muito fechadas ali dentro. (Especialista 1)

De acordo com Farrel et al (2004), a falta da mediação do espaço físico está entre as explicações para o baixo sentimento de comunidade em vizinhanças verticais. Além disso, tais autores acreditam que a proximidade entre casas e a utilização dos espaços da rua, acabam por reduzir as distâncias entre vizinhos, ao facilitar o contato social. Ainda assim, a distância entre casas parece ser significativamente menos interveniente nas relações de vizinhança do que outras características físicas do local. Freeman (2001) assera que a expansão da vizinhança está mais conectada à diminuição dessas relações quando mediada pelo constante uso de carro para deslocamento de seus moradores. Isso corrobora a afirmação de um dos entrevistados de que em alguns locais

o indivíduo “participa da vida de vizinhos que tinham uma distância enorme, às vezes duas quadras de distância”. Ou seja, uma vizinhança pode ser ampla e possuir relações entre vizinhos distantes, caso eles tenham contato, algo que acontece menos em casos de vizinhos que costumam ir e voltar do trabalho de carro.

Ainda no que concerne ao espaço físico como integrador de vizinhança, com referência às vilas, tem-se a seguinte afirmação:

Nas vilas os espaços são exíguos dentro das casas, então, há uma tendência da pessoa fazer uma socialização no exterior das casas, no beco da vila, ou na rua da favela. (Especialista 4)

Outro fato relacionado à dificuldade de utilização do espaço da casa está ligado a uma prática ainda preservada em muitas famílias de manterem gerações dentro do mesmo espaço residencial. Um dos participantes, baseado em pesquisas que fez em conjuntos habitacionais, diz o seguinte sobre um dos bairros indicados:

As casas ali são até de terrenos grandes, mas as pessoas ao longo dos anos usam o terreno e constroem um puxadinho para o filho que casou, uma garagem para os carros que comprou, vai faltando espaço dentro de casa para esse tipo de coisa, e aí coloca na frente. (Especialista 4)

A *familiaridade* diz respeito ao grau de intimidade que as pessoas que habitam uma mesma vizinhança já possuem. Um exemplo que foi mencionado em relação ao início de alguns bairros é de famílias que constroem casa na mesma rua, ou que convidam parentes para morarem na vizinhança quando vaga alguma casa, como na fala:

As pessoas saem de uma vila e vão pra outra no próprio bairro (Especialista 5)

Às vezes, amigos de outros ambientes são convidados para uma mesma vizinhança. Já em determinados casos, outros fatores, como o já mencionado tempo de vizinhança, favorecem o desenvolvimento de certa familiaridade com vizinhos, o que logo leva a outros níveis de desenvolvimento da vizinhança.

Além disso, nos relatos das entrevistas também foi mencionada uma *herança cultural* que descende de uma tradição familiar ou mesmo tradição de outros locais levados até outras vizinhanças, como nas falas seguintes:

O migrante quando vem pra cidade ele ganha urbanidade, se adapta a um modo de vida, como ele também traz muitos dos seus hábitos de origem. (Especialista 4)

É a casa da minha cunhada, por sinal, no centro da cidade, onde uma conversa de calçada se prolonga há mais de 40, quase 50 anos. Uma tradição que vem ainda dos pais dela. Pessoas vindas, às vezes, de ruas relativamente distantes. Mas é uma coisa que é tão tradicional, tão familiar, que ali as pessoas – a despeito de existir hoje televisão, internet, informação em tempo real, etc. – ainda mantêm o hábito. (Especialista 5)

#### 4.2.3. Elementos dificultantes

Mesmo com o recurso da memória e o intenso nível de vivência das pessoas entrevistadas na evidenciação de dinâmicas características de vizinhanças, foi notória a posição de que esses elementos são cada vez mais raros e praticamente reduzidos a bairros de baixa renda média. Os principais elementos responsabilizados foram os oriundos do próprio crescimento da cidade e conseqüente “modernização”: mercado imobiliário, urbanização e segurança. Hur e Morrow-Jones (2008) evidenciaram que *crime* tem sido um dos critérios mais populares e mencionados na literatura sobre vizinhanças. Esses fatores atingem e impedem diretamente a atuação dos elementos elencados como favorecedores de boa relação de vizinhança, como pode ser visto nas seguintes afirmações:

Antigamente, para encontrar uma casa, você se informava se a família estava disposta a vender, quem teria construído aquela casa, pedia permissão para entrar para ver. Hoje em dia você compra a casa na planta. (Especialista 5)

Ainda assim, pela crônica policial tão assustadora que a gente tem contato diariamente pelos meios de comunicação, mantém-se esse hábito com uma certa cautela. (Especialista 5)

Elementos como a familiaridade com a vizinhança ficam subjugados à atividade do mercado imobiliário. Este ainda está relacionado com a alta mobilidade das pessoas, que tendem a permanecer pouco em suas vizinhanças, contrapondo a possibilidade de ocorrência de processos de *enraizamento* ou de *temporalidade*.

Um elemento importante abordado foi o tipo de *relação interpessoal* mais comum dentro desse contexto de modernização das cidades.

Porque as pessoas, ou moram em casas literalmente cercadas por aparatos de segurança da mais variada ordem e entram em casa e ficam em casa, se comunicando com as outras através de telefone ou via internet, ou então residem em edifícios onde, possivelmente, desenvolvem esse tipo de relacionamento mais amistoso quando se encontram nas áreas de lazer. (Especialista 5)

As relações já se dão mais entre amigos estabelecidos, amigos do trabalho e parentes, não tem mais essa vivência da rua. Os edifícios são isolados, têm muros altos, as pessoas entram e saem de carro, então as pessoas não têm uma relação de vizinhança muito próxima. (Especialista 4)

A busca por privacidade, o isolamento, a “compra” dos espaços de lazer substituindo o espaço da rua, foram identificados como a nova ordem dentro dos espaços urbanos. Há evidências suficientes de que “a busca de privacidade pode levar pessoas a se mudarem de uma vizinhança, e isso indica uma quebra dos valores comunitários tradicionais” (Erkip, 2010, p. 97). Além disso, as facilidades de

comunicação e deslocamento proporcionados pela tecnologia têm direcionado boa parte das relações sociais independentemente do encontro no mesmo espaço ou da distância (Guest & Wierzbicki, 1999). É importante ressaltar, também, que esse deslocamento e afastamento dos serviços e das redes de relações sociais têm diluído e dificultado as relações locais (Bauman, 1999).

Ora, esses fatores fazem oposição ferrenha à familiaridade, ao contato espacial com a vizinhança, e dificilmente permitem a edificação de elementos de vizinhança como intimidade e cooperação. Apesar disso, ainda foi relatada alguma relação de socialização nos espaços condominiais, mesmo assim vinculado a uma segregação velada por igualdade econômica, ou seja, os indivíduos escolhem se relacionar com um grupo social de mesmo padrão econômico nesses espaços privativos.

#### *4.2.4. Apego*

Ao se falar sobre apego a essas vizinhanças, houve diferentes características apontadas pelos entrevistados como indicadores do mesmo. Alguns relatos indicaram que entendiam que as pessoas eram apegadas por demonstrarem uma identidade expressada em dizeres “bairristas” como, por exemplo, “eu tenho orgulho de morar aqui em Ponta Negra, com essa praia aqui”. Outras relações de identidade com o lugar foram mencionadas como mudar-se para diferentes casas dentro da mesma vizinhança ou, simplesmente relatar que escolhe morar ali por gostar da vizinhança. Tal identidade foi referida, muitas vezes, relacionada a elementos físicos da vizinhança como: a presença da praia, de áreas verdes, a distância dos centros urbanos, o gosto pelos estabelecimentos locais (bares, mercados, feiras) e o contato com os vizinhos pelos espaços de convívio.



Outro tipo de visão dada sobre identificar apego foi a coesão, evidenciada em reuniões feitas entre os próprios moradores para resolver problemas, ou realizar eventos, além do próprio corporativismo do discurso quando se estabelece uma ligação prévia entre pessoas pelo simples fato de terem morado ou morarem no mesmo bairro ou vizinhança.

Mesmo com enfoques diferentes, é possível identificar no entender dos entrevistados semelhança com a perspectiva teórica acerca do Apego aos Lugares que adotei neste trabalho. A idéia de identidade (ou bairrismo) e a de coesão carregam as dimensões física e social verificadas por Hildalgo e Hernández (2001). Além disso, o próprio formato das entrevistas não visava se aprofundar em entender um elemento comum no fundamento do apego, e sim identificar as formas de expressão do mesmo nas realidades das vizinhanças.

Houve, ainda, indicações de que esse apego estaria em contraposição àquela dinâmica moderna de distância interpessoal nos espaços reclusos das casas. Nesse caso, a oposição foi mencionada como o compartilhamento de interesses em comum por parte dos vizinhos, em nome de um fenômeno supra-individual que é a vizinhança. Isso foi citado dentro do contexto de participação em associações de bairros e efetividade dessas associações e, também, a união de pessoas das vizinhanças para melhorar direta e deliberadamente o ambiente em que vivem.

#### *4.2.5. Indicações*

O panorama urbano pintado pelos entrevistados sobre a cidade do Natal foi, em grande parte, de escassez de vizinhanças com a riqueza de elementos levantada no conjunto dos depoimentos. A opinião em comum foi a evidência de que tal dinâmica se reduz, praticamente, a bairros de baixa renda média. Ainda assim, alguns não crêem que

possa ser encontrada a “vizinhança de antigamente”, tendo sido boa parte daquelas práticas reduzidas aos moradores mais antigos ou perdidas em consequência do medo da violência.

No entanto, houve depoimentos com indicações de lugares na cidade onde boa parte desses elementos pode ser encontrada (Tabela 1). Dentre as indicações, estão algumas feitas num tom de incerteza, baseadas na crença pessoal de que certos lugares podem resguardar as práticas de vizinhança. Isso pode ser visto no seguinte exemplo: “Acredito que isso ainda acontece na periferia. Na vila de Ponta Negra você pode encontrar. No bairro das Quintas. Não sei se na zona norte.” (Especialista 2).

Outras indicações tiveram um caráter de certeza, porém com pouca precisão geográfica, normalmente fazendo referência a bairros como, por exemplo, Nova Descoberta, Alecrim, Mãe Luiza e Santa Catarina.

Mas, confluindo com os objetivos do trabalho, houve indicações mais precisas que fizeram referência direta aos elementos de vizinhança discutidos mais acima. Dentre elas estão a Vila de Ponta Negra; a região central de Cidade Satélite; a Avenida Itapetinga, na região norte; as ruas por trás do colégio União do Povo, no bairro de Cidade Nova; a região do bairro de Petrópolis que fica afastada da área dos grandes prédios e clínicas, por trás do Mercado de Petrópolis; a Rua Potiguarana, em Nova Descoberta; as avenidas 9 e 10, no Alecrim, em seus respectivos pontos mais residenciais.

A Vila de Ponta Negra está situada no bairro de Ponta Negra, zona sul da cidade e, apesar do crescimento do bairro e aumento da renda média local, resguarda uma imagem de remanescente da cultura local, de pescadores e moradores mais antigos. Nova descoberta (N.D.) também faz parte da região sul. Já Cidade Satélite e o bairro de

Cidade Nova estão na região oeste da cidade, Petrópolis, na região leste, bem como o Alecrim, como já mencionado anteriormente.

Todas essas indicações tiveram como pontos em comum as dinâmicas de conversas na calçada e relações de intimidade entre os vizinhos, o fato de todos se conhecerem e a utilização do espaço da vizinhança pelos moradores para lazer. A região indicada no bairro de Cidade Satélite foi mencionada como um lugar com alto grau de apropriação do espaço externo às casas, com restauração de elementos das praças por parte dos moradores e recriação de verdadeiros espaços de convivência, onde eventualmente acontecem churrascos, festas de São João e aniversários. O bairro de Nova Descoberta foi ressaltado pela intensidade do comércio interno, feito pela população local e voltado para a mesma. Outra especificidade que foi mencionada foi a de elementos de identidade das avenidas 9 e 10, no Alecrim, ambas com festas próprias, além de terem sido referenciadas em músicas de artistas potiguares.

Nesse sentido, também houve uma tendência a indicar o bairro de Petrópolis que, segundo um dos especialistas, mesmo num crescente processo de verticalização, possui moradores empenhados em manter e resgatar identidade, retomando os velhos carnavais “de rua” ou algumas tentativas de brigar contra esse processo de verticalização. Ainda que seja um fator importante, a menção feita a essa característica cultural do bairro mostrou uma prática reduzida aos saudosistas que, em grande parte, não moram mais no bairro e tentaram reativar essa vivência nos últimos anos. Mesmo assim, o antigo funcionamento foi mantido, e as paradas em frente às casas com a banda tocando e convidando moradores da vizinhança para se juntarem foram lembradas.

É importante ressaltar que, apesar da dificuldade de precisão geográfica com relação a suas vizinhanças, os bairros das Rocas, Quintas e Alecrim, foram citados em quase todos os depoimentos.

Como um dos propósitos desta etapa foi direcionar o segundo estudo, apontando vizinhanças onde ainda seja possível encontrar um contexto específico, escolhi duas vizinhanças, a partir do conjunto de qualidades sugeridas pelos especialistas. Pela riqueza de informações dada pelos participantes acerca da realidade do bairro do Alecrim, tanto no passado quanto no presente, optei por duas vizinhanças nesse bairro, para que essas características pudessem ser mais bem exploradas e discutidas sob o ponto de vista dos moradores.

Apesar da diversidade de indicações, boa parte dos especialistas mencionou o bairro do Alecrim como um lugar que agregava boa parte dos elementos de vizinhança aqui discutidos. Dessa forma, o próximo capítulo diz respeito ao estudo feito em duas vizinhanças no bairro do Alecrim, a partir de entrevistas com moradores desses locais.

Tabela 1  
*Indicações de vizinhanças apegadas*

<b>Categoria</b>	<b>Indicação</b>
<b>Incertas</b>	Talvez nos bairros periféricos. Talvez nas quintas Pode ser que no próprio Tirol. Acho que na velha Ribeira. Não sei se na zona norte.
<b>Abertas</b>	Alecrim Rocas Mãe Luiza Nova Descoberta Os bairros populares Petrópolis Conjuntos mais antigos Quintas Bordos do alecrim
<b>Precisas</b>	Vila de Ponta Negra Rua Napoleão Veloso Cidade Nova (aquelas ruas ali por trás do colégio União do Povo) Avenida Itapetinga Rua Potiguarana O passo da pátria Cidade Satélite, tem um espaço central, onde construíram seis torres agora Na Candelária, perto da Igreja, perto do centro comunitário Avenida Dez Avenida nove

## Capítulo 5: Ouvindo moradores

### 5.1. Método

A partir das indicações feitas pelos especialistas na etapa anterior, escolhi o bairro do Alecrim para a investigação do apego a vizinhanças e suas características. A perspectiva não foi de confrontar os tipos de conhecimento, mas de compreender os diferentes pontos-de-vista sobre os fenômenos estudados e o quê os fundamenta. Entender as aproximações e distanciamentos entre a perspectiva dos especialistas e de “leigos” ajuda a entender a direção que se está tomando em termos de desenvolvimento urbano (no caso do tema da presente pesquisa) e quais os reais impactos desse contexto (Bonnes, Uzzel, Carrus, & Kelay, 2007).

Foram duas as vizinhanças estudadas e, ainda que pertencentes ao mesmo bairro, possuem características sócio-físicas bem distintas e que serão elucidadas mais adiante. A escolha se deu, em primeiro lugar, pelo número de indicações feitas (todos os especialistas, com segurança ou suspeita, afirmaram que o Alecrim é um bairro que preserva o apego às vizinhanças). Além disso, é um bairro com peculiaridades que despertaram a curiosidade para entender o apego local: é geograficamente central em relação aos bairros da cidade (ver Figura 1), centraliza parte do comércio da cidade e, ao mesmo tempo, se mantém com uma proporção grande de área residencial. O bairro, ainda, possui a maior feira popular da cidade, também freqüentada por moradores de diversos bairros. O bairro dá nome a um clube de futebol tradicional da cidade e completará cem anos em 2011 (os moradores comemoram o aniversário local anualmente com uma festa, fato confirmado nas entrevistas feitas com moradores).



Figura 1. Mapa administrativo da região metropolitana de Natal. (Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo)

Outra característica interessante do bairro do Alecrim está no nome das ruas. Antes da oficialização do bairro, em 1911, as principais avenidas nos sentidos norte-sul e leste-oeste receberam a numeração que vai de 1 a 18. Essa nomenclatura foi alterada oficialmente nas décadas de 30 e 40. Assim, algumas avenidas receberam nomes em homenagem a figuras políticas, como a Avenida Presidente Quaresma, antes chamada de Avenida 1, e outras receberam a nomenclatura em homenagem a tribos indígenas,

como é o caso da rua dos Paianases, antiga Avenida 10 (ver Figura 2). Apesar da mudança, tanto moradores do bairro como os externos a ele mantêm o costume de se referir às ruas por meio da antiga nomenclatura (um quadro com os nomes oficiais e numeração antiga está no Apêndice C deste documento).

É importante, também, salientar que foi um bairro de melhor logística para a realização da pesquisa. Como as entrevistas foram feitas com moradores, geralmente em suas casas, foi fundamental já conhecer alguém familiar (ex-morador) que pudesse amenizar uma possível desconfiança dos contatados.

Apesar de ter recebido indicações abertas (os especialistas se referiram ao bairro como um todo), escolhi me deter na avenida conhecida como Avenida 10 e na Rua José Francisco dos Santos. A escolha da primeira se deu por ter sido a única indicação específica do painel de especialistas e a segunda vizinhança foi indicada por uma pessoa conhecida que já viveu no local.

Por se tratar de um estudo exploratório, a intenção não foi comparar as vizinhanças. Como foi aludido anteriormente, grande parte dos estudos sobre apego a vizinhanças se dá na realidade de países europeus e ficou claro, a partir do painel de especialistas, que há idiosincrasias dessa escala de ambiente que merecem investigação mais profunda. Assim, busquei investigar dados da realidade local na expressão dos próprios moradores para aprofundar o entendimento de como o apego se expressa nesses locais e quais são os determinantes. Diante disso, a seguir pontuarei algumas particularidades de cada uma das vizinhanças.

### *5.1.1. As vizinhanças investigadas*

A Avenida 10 é uma grande avenida, que possui qualidades diferentes nos seus trechos (áreas mais comerciais e outras mais residenciais, por exemplo). Atualmente ela

tem dois nomes: o trecho entre a Avenida Presidente Bandeira e a Rua Presidente Sarmento se chama Rua Leonel Leite; enquanto que da esquina com a Rua Presidente Sarmento em diante recebe o nome de Rua dos Paianases (ver Figura 2). É atravessada por outras avenidas e por pequenas ruas que, por vezes, compõem a vizinhança com seus trechos, como no caso da Rua Alfredo Lira, fato confirmado pelos moradores entrevistados. Mesmo assim, os limites entendidos da vizinhança mudaram de acordo com as relações sociais de cada morador. Além disso, é uma avenida com intenso tráfego e constante movimentação de pessoas que não residem no local. Há uma padaria na vizinhança, na esquina com a Rua Leão Veloso, cujo proprietário é morador local e muitos dos funcionários também moram no entorno.

A Rua José Francisco do Santos, por sua vez, é uma pequena travessa da Avenida 8, ou Rua dos Pajeús, sendo paralela e bastante próxima à Av. Presidente Bandeira (ver Figura 2), mas não possui saída em um dos seus lados. Ela não possui comércio e a vizinhança é claramente delimitada pelo limite da própria rua (o que foi expresso na fala dos moradores), já que as estruturas comerciais da rua perpendicular não são de moradores locais, ao contrário da outra vizinhança estudada. Além disso, a maioria dos moradores vive há muito tempo na vizinhança, são donos da casa onde vivem (segundo uma moradora, apenas uma das casas é alugada), e a grande maioria já é aposentada. Há, também, o fator de familiaridade muito grande, tanto pelo tempo de residência quanto pela composição da rua. Isso, pois algumas famílias possuem diferentes membros morando em diferentes casas locais. Ainda, segundo dois moradores entrevistados, o próprio início da vizinhança se deu pela construção de algumas casas pelo ex-morador (já falecido) que dá nome à Rua e essas casas, até hoje, são dos descendentes da família.





Figura 2. Representação esquemática das duas vizinhanças investigadas (extraído e adaptado de Google Maps)

### 5.1.2. Participantes

O propósito desta etapa foi estudar a perspectiva dos moradores locais sobre as características de suas vizinhanças. Por esse motivo, foi dedicada a entrevistas com informantes locais, pessoas reconhecidas na própria vizinhança por seu envolvimento e conhecimento da realidade local. Na vizinhança da Avenida 10 fiz cinco entrevistas, no período entre novembro de 2010 e janeiro de 2011. Todos os moradores foram contatados por telefone, tendo sido indicados pelo entrevistado anterior. Dentre eles, um entrevistado mora na vizinhança desde que nasceu, três moram há mais de vinte anos e um mora há 19 anos. Além disso, todos criaram seus filhos na vizinhança. O primeiro entrevistado é professor numa escola local e mora no bairro há 34 anos. O segundo, indicado pelo anterior, mora na vizinhança desde que nasceu, tendo passado infância e adolescência na casa dos pais na Avenida 10, e depois mudado para uma casa na

Avenida 5. A terceira entrevistada mora na vizinhança há vinte anos e trabalha numa padaria da vizinhança. Já o último entrevistado, indicado pelo primeiro, mora há 40 anos no bairro, 25 na residência atual e é dono da padaria da vizinhança. A última entrevistada nessa vizinhança mora a 19 anos no local, mas o marido cresceu no local e voltou para a vizinhança depois de ter se casado com ela. Nessa última entrevista houve a participação de uma vizinha que estava na casa da entrevistada.

Na Rua José Francisco dos Santos apenas a primeira conversa aconteceu na casa da entrevistada. O avô dela foi o pioneiro na rua, que deu nome à mesma, e há 52 anos ela vive na mesma casa. Em seguida a essa entrevista, ela me indicou conversar com duas outras pessoas que, no momento em questão, estavam sentadas à frente da casa de uma delas conversando. Assim, a entrevista foi feita na calçada mesmo. Ambas moram na vizinhança há mais de 30 anos e criaram os filhos no local. De forma semelhante foi a conversa seguinte. Num dia posterior, voltei à vizinhança e encontrei as duas entrevistadas anteriores conversando em frente à mesma casa e pedi que me indicassem mais alguém. Uma delas me levou até a frente de outra casa e as duas pessoas que estavam conversando nas cadeiras sobre a calçada foram as entrevistadas. Essas entrevistadas são irmãs, porém, uma delas mora no bairro das Quintas, mas frequenta bastante a rua em questão.

### *5.1.3. Procedimentos*

Em ambas as vizinhanças a primeira indicação foi dada por uma pessoa conhecida minha e dos moradores locais. A eles, pedi que indicassem uma pessoa-chave da vizinhança, que fosse conhecedor e conhecido da realidade local e que fizessem um contato inicial para saber da disponibilidade e disposição para participação. A partir da concordância dos indicados, entrei em contato com esses por telefone e combinei

horário e local para as entrevistas. Também nas duas vizinhanças, ao finalizar a entrevista com cada um, pedi que o recém-entrevistado me indicasse mais uma pessoa com a qual eu pudesse conversar e assim, segui realizando as entrevistas.

Todos os entrevistados, ao serem contatados e no encontro para a entrevista foram informados sobre os propósitos do estudo, o tempo estimado de duração da entrevista, foi explicada a natureza voluntária da participação e garantido o anonimato, seguindo os princípios éticos para estudos envolvendo seres humanos (American Psychological Association, 2002). As instruções foram apresentadas e, antes de iniciar cada entrevista, as dúvidas foram esclarecidas.

Nas duas vizinhanças pesquisadas utilizei o critério de saturação da informação para controle da quantidade de entrevistas. Para conduzi-las, utilizei um roteiro de entrevista semi-estruturado (Apêndice D) que visava evidenciar: (a) a presença ou não do apego, confirmando ou desdizendo a opinião dos especialistas; (b) as principais características desse apego, caracterizando suas dimensões; (c) fatores que, nas vizinhanças escolhidas, favorecem o desenvolvimento e preservação deste apego; e (d) caracterizar as vizinhanças de acordo com os elementos de vizinhança destacados a partir do painel de especialistas, bem como comparar a opinião destes com a dos moradores sobre o que facilita e o que dificulta a emergência desses elementos.

As questões do roteiro foram apoiadas na conceituação de apego ao lugar aqui utilizada (Hernández et al., 2007; Hildalgo & Hernández, 2001; Lewicka, 2010; Vidal et al. 2010), e nos elementos de relações de vizinhança evidenciados a partir do painel de experts. A entrevista também foi a ferramenta utilizada por Hummon (1992) para compreender os tipos de laços afetivos entre pessoas e suas cidade; a tipologia desenvolvida pelo autor para esse tipo de vínculo a partir desse trabalho foi balizada empiricamente por Lewicka (no prelo).

Realizei as entrevistas entre novembro de 2010 e janeiro de 2011 e, com a ajuda de uma aluna do grupo de estudos do qual faço parte, transcrevemos o conteúdo das gravações de áudio para um banco de dados digitais. As transcrições foram analisadas com auxílio do software para análise de dados qualitativos QDA-Miner e, da mesma forma que na etapa anterior, utilizei a análise de conteúdo temática, categorizando o conteúdo das falas de acordo com os objetivos e apoiado na teoria de apego ao lugar utilizada neste trabalho. Além disso, utilizei a categorização surgida a partir do painel de experts para identificar os elementos de vizinhança.

Os resultados encontrados estão descritos a seguir, obedecendo a sequência dos objetivos descritos acima (um exemplo das entrevistas transcritas está no Apêndice E deste documento). A nomenclatura usada para me referir aos moradores (sem identificá-los) vai abarcar os números de 1 a 6 para os moradores da vizinhança na Avenida 10; e de 7 a 11 para os moradores da Rua José Francisco dos Santos. Sempre que necessário maior explicitação, diferenciarei o que é relativo a uma vizinhança e o que diz respeito à outra. Por fim, mesmo naquelas entrevistas que foram feitas com duplas, cada respondente foi identificado com um número diferente.

## **5.2. Resultados e discussão**

### *5.2.1. Apego às Vizinhanças*

O primeiro objetivo desta etapa foi o de identificar o apego às vizinhanças indicadas e selecionadas, apoiado na perspectiva de que este é um laço afetivo positivo entre pessoas e ambientes, cuja característica principal é o desejo de permanecer em contato com o objeto do apego (Hidalgo & Hernández, 2001).

Esse aspecto esteve presente na fala dos moradores, como a seguinte:

Há pessoas que, às vezes se mudam, por um motivo ou outro, para outro bairro e, às vezes, alguns deles voltam. Quando se mudam e chegam a outro bairro muitos deles retornam, principalmente os mais velhos, que são acostumados. (Morador 4)

Outra moradora da Avenida 10 participou de uma entrevista por estar na casa de sua vizinha que eu estava entrevistando e comentou:

Eu já fui e voltei dez vezes daqui. Vou pra outra rua e acabo voltando pra cá quando dá oportunidade. Porque eu moro em casa alugada. Às vezes eu mudo para uma melhor, mas na expectativa de que apareça uma aqui. (Morador 6)

Encontrei características semelhantes do apego à vizinhança na Rua José Francisco dos Santos, como nas falas a seguir:

Olha, essa menina da casa 16: ela tem condições de morar em outro canto, que ela tem outra casa, mas ela não vai porque se acostumou aqui e não vai sair. (Morador 8)

Essa menina mora sozinha nesse casarão. Um tempo desse veio a mãe dela procurar apartamento em outro canto, ela não quis de jeito nenhum, ela preferiu ficar aí. (Morador 8)

Eu acho que são [apegadas]. Minha mãe nunca saiu daqui, de jeito nenhum. Só quando ela morrer. (Morador 7)

O rapaz dela é casado, mas vem sempre. Aquela turma ali, aquelas meninas são irmãs daquela outra ali. Elas não moram aqui, mas elas vêm muito aqui. (Morador 7)

Além disso, todos eles concordaram em terem sido indicados por outros para serem entrevistados. Isso em função do conhecimento que possuem sobre sua vizinhança para passar informações. Assim, para iniciar as conversas eu perguntava se

eles concordavam com a própria indicação para serem entrevistados e com a indicação de suas vizinhanças como vizinhanças que resguardam uma vivência dinâmica. A presença do apego na vizinhança foi confirmada por todos os entrevistados.

Outra fala que ilustra isso é do primeiro entrevistado da Avenida 10, ao se referir a um antigo morador que atualmente é cineasta em São Paulo:

Um cara, que é como diz o ditado, que tá “bem de vida”. Viaja o mundo todo, né? E depois ainda volta atrás das raízes dele pra saber, quer dizer, é uma coisa que quando é boa a gente não esquece. É igual a tua avó. Se você tem sua avó, que você gosta da sua avó, você queria que ela pro resto da vida ela vivesse, né? Que é aquele aconchego bom, você vai à sua avó. (Morador 1)

Aqui há a articulação entre apego ao lugar e apego interpessoal, que ainda gera muitas controvérsias na literatura (Giuliani, 2003). Isso acontece pela característica de conforto e segurança no contato com o objeto de apego (Giuliani, 2003; Hidalgo & Hernández, 2001) e como isso se processa na dinâmica do “distanciamento e retorno”, tanto no apego ao lugar como no apego interpessoal (Morgan, 2010).

Segundo o morador mencionado logo acima, o cineasta referiu-se a sempre voltar a Natal e ir à Avenida 10, onde passou sua infância, dizendo “se eu vier aqui no Rio Grande do Norte e não vier na Avenida Dez, eu não vim a Natal”. Nesse sentido, um dos especialistas já havia mencionado que identificava o apego aos lugares por meio das memórias afetivas que a pessoa pode ter com o lugar. Milligan (1998) propõe o passado interacional como um dos componentes do apego ao lugar, o que corrobora o componente da memória e significado das experiências expresso acima.

Há um aspecto interessante dessas qualidades do apego ao lugar que vale ser destacado. Um dos problemas em comparar o apego aos lugares com o apego interpessoal está justamente nas qualidades de cada um. No caso do apego às vizinhanças estudadas, é possível tomar a questão da segurança como exemplo. No

contexto urbano, falar em segurança normalmente tem um caráter exteriorizado, de segurança pública ou privada, contra roubos, seqüestros, etc. No entanto, se tomarmos o sentimento de segurança, fica mais fácil entender como os ambientes podem ser objeto de apego. No caso da vizinhança, como destacarei mais adiante, um dos aspectos fundamentais encontrado nas entrevistas é a questão da *cooperação*. Nesse sentido, uma moradora mencionou que “isso [a ajuda] é um tipo de segurança”. Isso também pode ser visto na fala:

Eu cuido da minha tia, qualquer coisa que a gente precisar, se eu precisar ir à rua e não tiver essa minha tia aqui, que aquela outra também é minha tia, aí, qualquer coisa eu meto o grito por ela, ela vem, fica aqui enquanto vou ali e resolvo alguma coisa. Olha como é bom! Você num instante vai ali e resolve. (Morador 8)

Dessa forma, o *sentimento de segurança* relacionado ao apego pode ter agentes diferentes, seja a proteção contra invasão (roubo, por exemplo) ou a proteção de outros aspectos da vida, como saber que numa emergência, a pessoa terá ajuda imediata.

Outro aspecto bastante mencionado foi a questão da busca por melhorias na vizinhança. Na literatura não há, ainda, indicativos fortes de correlação entre apego a um lugar e cuidado ou preservação do mesmo. É possível inferir essa ligação em algumas situações. Um dos fatores é o caráter de funcionalidade e dependência local, em que a percepção de mudanças e ameaças está associada à dependência do lugar para os objetivos pessoais ou de grupo (Kyle et al., 2004).

No painel de especialistas, seguindo essa linha, o apego foi qualificado como “pessoas preocupadas com o bem comum”, “pessoas cuidando e se apropriando mais daquele espaço”, ou “objetivos comuns, em benefício daquela avenida, daquela rua, ou daquela comunidade onde mora”.

Essa perspectiva foi encontrada na vizinhança da Avenida 10. A seguir estão duas falas que ilustram isso:

A população se reúne quando tem um problema que tá atingindo... Porque poderia, vamos dizer assim, “rapaz, olhe, só tá atingindo mesmo a Avenida Dez”. Então os outros não precisavam se importar, mas todo mundo se importa porque o problema da Avenida Dez pode estar causando um problema na Avenida Oito que está perto. (Morador 1)

Tinha uma vala aí. A gente foi, comprou o cano e mandou fazer. Da primeira casa pra cá a gente botou um cano e foi saindo pela vala lá de baixo... Então tudo a gente [vizinhos] que faz. (Morador 3)

Tanto nessas falas citadas como na pesquisa de Kyle et al. (2004), o que se evidencia é um caráter de recuperação, de remediação, e não tanto de preservação, como na tese de alguns dos experts. Tampouco se pode afirmar que se trata de uma característica de um *apego ideológico* (Hummon, 1992) ou *apego ativo* (Lewicka, no prelo). O apego descrito pelos moradores e pelos experts está fortemente relacionado ao que Hummon (1992) classificou como *apego do dia-a-dia* (*everyday attachment*), formado pelo próprio contato diário e progressiva vinculação ao lugar. Além disso, a única coisa possível de inferir das falas dos moradores a respeito de reivindicações é uma proteção imediata, em função de problemas presentes. Isso condiz com a realidade local, que já sofreu com constantes inundações, falta de saneamento, dentre outros problemas estruturais que afloram esporadicamente.

Da mesma forma, na outra vizinhança investigada pareceu haver um grau de mobilização proporcional ao que os moradores vêem como problema local. Como fica claro nas seguintes falas:



Aqui não tem conselho. Mas sempre que a gente quer qualquer coisa, sempre reúne, sempre pede tudo e faz. (Morador 8)

Essa rua foi asfaltada porque na época Carlos Eduardo era o prefeito, asfaltou aquela outra, aí essa menina e o marido dela foram lá, falaram com ele. No outro dia ele mesmo já mandou. (Morador 8)

### 5.2.2. *Dimensões do apego ao lugar*

O segundo aspecto contemplado nas entrevistas diz respeito às dimensões do apego às vizinhanças. A partir das falas, foi possível entender o apego às vizinhanças estudadas como composto por três dimensões: *social, física e simbólica*.

O componente social desse apego foi o mais evidente, como nas seguintes falas dos moradores da Avenida 10:

Aqui todo mundo mora em casa e a gente se reúne no Natal, se reúne no São João... Sempre tem aquele “vamos fazer uma fogueira!” Eu acho que isso são coisas que determinados bairros não têm. (Morador 3)

A minha esposa, ela tem uma tradição com outros vizinhos aqui. Faz uma canjica e vai deixar um prato de canjica lá, aí os outros fazem um bolo, aí os outros vizinhos bota pra cá. (Morador 1)

Se eu ‘tô com um problema aqui, e se o problema às vezes não é nem tanto financeiro, mas eu ‘tô precisando dele, ele não nega ajuda. Se for do amigo, às vezes vem um amigo aqui também já precisando de uma ferramenta. (Morador 1)

Eu acho que a lealdade. A lealdade, o vínculo do respeito, da atenção, a solidariedade é o grande forte. O alecrinense é um abnegado pela solidariedade, pra qualquer coisinha ele está estirando a mão, o alecrinense não sabe dizer não. (Entrevistado 4)

Na Rua José Francisco dos Santos, uma moradora disse entender a vizinhança como apegada por ver “elas [as pessoas] vindo na casa uns dos outros, se comunicando”. Além disso, outras falas indicam a socialização na vizinhança:

É bom porque, qualquer coisa, num instante corre um monte de gente. A convivência é de muito tempo, todo mundo aqui junto, o que gera é isso mesmo. Às vezes um tosse, o outro já oferece um remédio. (Morador 8)

É que aqui tem muitos idosos, muitos de idade mais avançada. Mas eu sempre fico aqui na calçada, aí vai chegando vizinho, mais novo, vai sentando, eu vou à casa, ajuda quando precisa. (Morador 9)

Essas falas dizem respeito ao que eles acham que se destaca na vizinhança onde moram. Há dois sentidos principais das relações sociais que emergem das falas: a *socialização* em si, advinda da convivência, e o sentido da *cooperação*. Ou seja, há na *dimensão social* do apego, um sentido quantitativo, que já havia sido apontado nos estudos de Lewicka (2005; 2010) e há, ainda, um sentido qualitativo, que parece estar vinculado à cooperação.

Nessa direção, há um componente de *sentimento de comunidade* (McMillan & Chavis, 1986) que favorece o apego à vizinhança. Esse sentimento fica evidente nas falas:

Se na “hora H” você precisa de algum socorro, de alguma coisa, você sabe realmente as pessoas que você procura. (Entrevistado 1)

Meu vizinho aqui deixa a chave dele. Quando a gente sai deixa a chave com ele. (Entrevistado 1)

Por exemplo, eu já estou lhe protegendo. Você, que é meu vizinho, me protege na hora de eu sair da minha casa. (Entrevistado 2)

[Alguns mais velhos] São muito na deles também. A gente vê que é um povo que gosta de viver mais em casa. Agora, se precisar deles, ela conta com eles. (Morador 11)

Na época que meu marido estava doente quem me ajudou aqui foram os vizinhos. Ele passava mal de repente, nem toda vez achava um taxi, aí meu vizinho me levava. E olha que não é nem um vizinho tão próximo. Conhece, mas não é de estar dentro de casa. Só de lhe conhecer, já está ali. (Morador 5)

Gostaria de destacar, nesses dois sentidos apontados, dois momentos que me chamaram bastante a atenção. O primeiro diz respeito ao aspecto da *socialização*. Quando perguntada sobre o que achava ruim na vizinhança, uma moradora da Rua Jose Francisco dos Santos respondeu:

A única coisa que tenho raiva é no dia de domingo que é muito deserto. Isso aqui é uma casa cheia de gente de segunda a sábado. Quando chega no domingo fica muito deserto. Só a pessoas que moram aqui é que ficam. É um entra-e-sai danado aqui a semana toda. Até sábado é gente pra almoçar, é gente que vem porque vai ao Alecrim, aí vai resolver um negócio, vai resolver outro, meus irmãos que vêm deixar os filhos pra resolver os problemas deles aqui. Aí no domingo não. Fica só eu, minha irmã, minha mãe, e minha filha. (Morador 7)

Essa afirmação aponta para um prazer em alguns aspectos da vizinhança, em especial a socialização. Outros moradores fizeram coro a essa perspectiva:

Às vezes incomoda [certa falta de privacidade], não é sempre. Mas você viver sozinho, isolado, também é muito chato. Eu não quero não. A minha casa mesmo é uma casa que vive cheia de gente. Quando eu 'tô com sono, vou e me deito, e ficam por aí. (Morador 5)

Ainda temos isso de bom, né? Porque o ser humano ainda precisa muito um do outro. É muito ruim a solidão, o isolamento, as pessoas cada vez estão mais solitárias, individualistas. (Morador 11)

Essas falas mostram que há uma intenção por trás da socialização entre vizinhos e, provavelmente está ligada a aspectos culturais, como foi visto no painel de especialistas e será discutido mais adiante na dimensão simbólica do apego. O que chama a atenção nessas falas é que eles fazem da vizinhança, por intenção, um ambiente de socialização, como a *comunidade local* definida por Guest e Wierzbicki (1999). Esse interesse não está só na sociabilidade no sentido da forma sociável pura (Simmel, 1917/2006), mas também centraliza o ambiente da vizinhança como um lugar destinado a isso. Ou seja, tomando por base a natureza democrática da sociabilidade, de permitir a relação social por ser um estado de suspensão das individualidades e equiparação dos indivíduos (Simmel, 1917/2006), essa intenção ainda significa a vizinhança como o “lugar das sociabilidades”, e isso é relevante no sentido de dar vida à vizinhança, pois a diferencia de outros lugares, como o ambiente de trabalho.

Isso também está relacionado ao fato de geralmente existir *familiaridade* prévia entre moradores desse tipo de vizinhança, o que foi mencionado pelos especialistas na primeira etapa desta pesquisa como facilitador das relações de vizinhança. No caso das vizinhanças estudadas, como mencionado mais acima, há famílias com mais de uma casa no local, e alguns desses moradores foram para a vizinhança para ficar perto do familiar. Essa característica merece destaque por ser um contexto de demanda por moradia diferente da tendência atual, na qual fatores econômicos são os principais determinantes na escolha da moradia (Erkip, 2010).

O outro momento que eu gostaria de destacar foi quando, exatamente após uma moradora responder sobre questões de *cooperação* em situações como precisar deixar a chave com um vizinho ou pedir algo emprestado, um morador chamou a atenção dela para a casa da vizinha que tinha ficado aberta. Ele perguntou se era para fechar e ela

disse que sim. Acrescentou que tinha a chave da casa e da casa de outro vizinho também.

Para completar esse marcante aspecto da *cooperação* vale ressaltar que quando perguntados sobre o que há de bom na vizinhança, a primeira resposta de seis dos entrevistados continha ajuda, ou contar com o outro, ou solidariedade. Nos outros casos, a resposta foi a localização, que será discutida adiante.

Outro componente do apego às vizinhanças estudadas é a *dimensão física*. Essa dimensão física apareceu no sentido *funcional* e no sentido da *localidade*. O sentido funcional destacado por todos os entrevistados diz respeito ao quanto a vizinhança favorece o alcance de metas cotidianas, como é visto nas falas a seguir:

Porque aqui tudo é perto, você sai aí, você resolve tudo. Você sai ali na esquina e resolve o que você quiser: supermercado e tudo. Aqui é muito bom. Sai aí, dobra a esquina e é a feira. (Morador 8)

Você tem acesso aqui a bancos, farmácias, padarias, supermercados, o comércio em si, que tem tudo o que você imaginar aqui. (Morador 2)

Um dos pontos que pesa muito é a questão da facilidade. É um bairro que tem quase de tudo. Tem escola perto, tem a farmácia, tem padaria, pontos de ônibus com itinerário para todos os outros bairros. (Morador 4)

Tudo aqui é perto. Tudo aqui favorece você. Somos, vamos dizer assim, privilegiados aqui, porque passa ônibus pra qualquer canto. Nós estamos praticamente no centro do Alecrim. Coisa de dez minutos. Se quiser ir pra Zona Norte também tem meios de transporte. (Morador 1)

Esses depoimentos deixam claro o sentido de *dependência de lugar* que alguns autores apontam como dimensão do apego (Kyle et al., 2004; Stokols & Shumaker, 1981; Williams & Vaske, 2003). No entanto, há outra direção indicada nas falas que vale ser destacada: a *localidade*.

Enquanto o valor funcional dizia respeito à dinâmica interna, a qualidades internas da vizinhança e do bairro, a *localidade* diz respeito à posição estratégica em relação a outros pontos da cidade.

É a localidade. Bairro do Alecrim é um bairro central. (Morador 2)

O Alecrim é um bairro muito estratégico. (Morador 4)

Pra mim é um bairro bom, é um bairro central. Tudo aqui tem de um pouquinho em cada coisa. Não leva 10 minutos, você pega um ônibus e está no centro da cidade. Então, pra mim, aqui é muito bom. Eu acho um bairro central, perto de tudo, tem condução pra muitos outros bairros. (Morador 5)

Ele forma um centro com todas as regiões da cidade. Se você partir da zona norte para a zona sul, zona leste, zona oeste, você passa pelo Alecrim. Ele é um centro que, praticamente, é impossível você se deslocar da zona sul para a zona norte e vice-versa e não ter ligação com o Alecrim. (Morador 4)

Vale ainda destacar a fala da última entrevistada, que não é moradora da vizinhança (é irmã de uma entrevistada e frequenta o local constantemente):

É o melhor lugar de se morar. Ainda é o melhor lugar para se morar porque é um bairro onde tudo é mais fácil, é mais facilitado. Você não paga transporte, pode até ir para a cidade a pé. E é perto de tudo. Tem tudo que você procura. (Morador 11)

As falas acima apontam para o *apego físico* que havia sido destacado por Hidalgo e Hernández (2001). No mesmo sentido apresentado pelos autores, os moradores, no contexto em questão, avaliam o ambiente físico, e não apenas o social. Apesar disso, pouco foi falado sobre outras qualidades ambientais, tais como presença de áreas verdes ou áreas livres, fatores relacionados à *satisfação com a vizinhança* (Hur, Nasar & Chun, 2010; Vemuri et al., 2011). Além disso, é importante destacar que o apego físico demonstrado é difícil de mensurar, pois não está se falando em

características físicas palpáveis como tamanho, extensão, cor ou aspereza. É uma característica intrínseca da complexidade da relação entre pessoas e ambientes, pois consiste em um conjunto de aspectos do ambiente físico que é estruturado pelos indivíduos e só existe na própria relação, que dá sentido a essas características.

A terceira dimensão que emergiu como constituinte do apego a essas vizinhanças foi a *simbólica*. O bairro do Alecrim é um bairro com muitas tradições específicas e a Avenida 10, por sua vez, também é bastante conhecida por suas próprias tradições. Nesse sentido, vale destacar o *Frevo do Alecrim*, música que faz um “passeio” pelas avenidas do bairro e suas nomenclaturas tradicionais, e a música *Avenida Dez*. Destaquei os trechos a seguir para ilustrar:

Na avenida um eu corro, não mato, não morro. Na dois, enxugo o rosto, na três você me deixa. Na quatro, no quarto, na quarta-feira, sem carnaval, acordo sozinho com algum desgosto. (*Frevo do Alecrim*, de Mirabô Dantas e Daillor Varela)

Desde o tempo de menino eu brincava com ar de sonhador. Conheci a natureza beijando meus pés, o movimento da rua, da vila, o ronco do tambor, em todos os arredores da Avenida 10. (*Avenida Dez*, de Babau)

A *dimensão simbólica* do apego às vizinhanças em estudo, do ponto de vista mais externo às ruas está no caráter *mítico* que o bairro e a Avenida 10 possuem. Chamo de mítico por se tratarem de características que amplificam o sentido da experiência coletiva de lugar, em analogia às funções de um mito, os quais dão sentido às experiências no mundo (Campbell, 2005). A feira e o comércio parecem ser os grandes responsáveis por terem dado, historicamente, essa condição, como é visto nas falas a seguir:

É um universo de muitas raças, de muitos aventureiros, muitos esperançosos, então ele é um bairro muito místico, que tem ligações com todos os outros bairros, praticamente. Todos os bairros têm um vínculo com o Alecrim. (Morador 4)

A feira é uma festa no Alecrim. Todos que estão envolvidos, diretamente ou indiretamente, acham uma festa. Já na sexta-feira existe muita mobilização. (Morador 1)

Ambas as falas acima foram de moradores da Avenida 10. Esse aspecto *mítico* do bairro surgiu com menos força no discurso dos moradores da Rua José Francisco dos Santos, entretanto algumas falas apontaram nessa direção:

O bairro do Alecrim é um bairro famoso, faladíssimo. (Morador 11)

Às vezes [acontece o orgulho]. Meu esposo é apaixonado, desde que nasceu. (Morador 10)

Talvez essa relação tenha sido menos expressiva nessa vizinhança em função de posição em relação ao bairro, por ser mais voltada para dentro e menos conectada ao resto do bairro, ao contrário da vizinhança na Avenida 10. Além disso, é uma vizinhança de população mais idosa, que já não interage tanto com o bairro. Mas outros aspectos *simbólicos* tiveram vez nessa vizinhança. Para os descendentes do “fundador” da rua parece haver nisso, um fator que os enraíza no local, tendo se referido a ele, até mesmo, como dono da rua, ou no caso da feira, na seguinte fala:

O sogro da minha irmã foi o fundador da feira do Alecrim. É por isso que o nome da rua é o nome dele. Fizemos uma entrevista com meu cunhado sobre a feira, tem foto e tudo. (Morador 7)



Quando perguntados sobre a visão do morador sobre a “invasão” externa em função do comércio e da feira, eles parecem incorporar isso de forma dividida, considerando bom pelo valor simbólico, mas negativo no aspecto logístico.

Então é motivo de orgulho pro alecrinense. Cada pessoa que, por um motivo ou outro, vem ao Alecrim ou passa, é um motivo de orgulho. (Morador 4)

Eu acho que se torna uma bola de neve, eu acho que vai crescendo, crescendo e espaço... A gente tá sem espaço. (Morador 3)

Eles gostam. Sinceramente, eu não gosto. Eu vou à feira muito pouco. Porque eu acho bem tumultuada. Mas aqui, o pessoal gosta muito de ir à feira. Pessoas que vêm aqui na minha casa, também, que vem do Rio de Janeiro, a gente leva pra conhecer, até gostam porque acham diferente. (Morador 5)

De qualquer forma, esses aspectos formam um imaginário sobre o bairro, seja considerando bom ou ruim. Além disso, a própria Avenida 10 ganha esse sentido por ter sido referência na canção popular já mencionada.

Outra característica que consolida a identidade tanto do bairro como das vizinhanças é o conjunto de tradições, como ilustram as falas:

A de maior destaque é a de São Sebastião. Essa é uma festa que, na verdade, mobiliza milhares de pessoas. (Morador 4)

Aqui no Alecrim temos o cheiro do Alecrim, que é uma banda pré-carnaval, que sai numa semana, duas semanas antes. Vamos voltar os antigos carnavais que é puxado de trator. (Morador 1)

Mas existe de carnaval, quadrilha de São João, de São Pedro, realmente ainda existe, essa cultura ainda é permanente. (Morador 4)

A única festa que ainda há aqui, é uma vez no ano, é no Atlântico. Que é comemorando o aniversário do Alecrim. (Morador 2)

Os Índios Guarani saiam aqui da [Avenida] 7 com a 2. Aí a gente corria pra casa da minha avó pra ver eles desfilarem. Mas agora os cabeças dos grupos morreram, eles não estão mais aí na 7. Aí não tem mais esses blocos assim, não. Agora, o pessoal às vezes ainda inventa. E também porque o pessoal, muitas vezes, vai pra praia. (Morador 7)

Tem ainda a parte religiosa da [festa de] São Sebastião, tem tudo, foi o novenário. Tem a parte religiosa e tem a parte social. É barraquinha, quermesse, às vezes um conjunto vai tocar lá. (Morador 5)

Essas tradições são fatores que agregam boa parte dos moradores do bairro e ligam eles ao local, já que não precisam sair para outros lugares para buscar essas atividades. Coulton e Korbin (2007) mostraram que as estruturas, organizações informais e formais, constituem identidade local já que passam a habitar o imaginário sobre o local. No contexto discutido, as características de tradições e símbolos são conhecidos pelos moradores que, por sua vez, fazem a manutenção desse sistema de símbolos.

Neste ponto vale salientar que a questão do limite da vizinhança é um elemento difícil de manipular neste contexto de pesquisa. Em algumas pesquisas, por terem o foco nas relações sociais, é possível discutir os limites subjetivos (Campbell et al., 2009), mas no caso do presente estudo há digressões nesse limite considerado na Avenida 10, especialmente nas dimensões física e simbólica. Então, a depender do conteúdo do diálogo, os moradores se referiam à vizinhança próxima e, por vezes, ao bairro. Isso acaba por justificar a escolha que fiz nesse trabalho por não trabalhar com vizinhanças num limite físico e sim num campo de relações sociais e espaciais construídas ao longo do tempo, em que tais digressões cabem perfeitamente, já que o que está em jogo são as dinâmicas associadas a esse processo.

Além disso, ficou evidente a identificação ao lugar no sentido de uma categoria social como discutiram Twigger e Uzzell (1996). Muitas falas citaram o *alecrinense*, no mesmo sentido com que se fala *natalense* ou *londrino*: uma forma de dar uma identidade geral sustentada pelo lugar onde vivem.

Como já mencionado, o bairro completará cem anos em 2011 e, segundo um dos moradores, “todo ano tem festa no Alecrim. Faz um bolo de não sei quantos metros. Então, quer dizer, é isso aí que cativa a gente”.

Outro fator que entendi como parte de um *apego simbólico* está na questão dos valores, já que não está diretamente relacionado à rede de amizades ou à qualidade do ambiente físico. No painel de especialistas já havia sido indicado que costumes transmitidos entre gerações de famílias ou trazidos de outra realidade cultural favorecem comportamentos de relação com os vizinhos e apropriação dos espaços da vizinhança. Algumas características semelhantes foram indicadas nas falas dos moradores:

Sempre passo isso aqui pra eles, por exemplo, eles vão crescendo a primeira coisa que a gente faz é eles respeitarem os vizinhos. Procurar, a primeira coisa, respeitar os vizinhos. Brincar respeitando. (Morador 1)

Todo domingo, os filhos - mora cada um no seu apartamento - têm que comer o feijão da mãe na Avenida 10. É uma tradição que já tá passando também pros bisnetos dela. (Morador 1)

Famílias que conservam a questão do nativo. (Morador 4)

Às vezes eu acho que os pais até tentam passar que a gente não pode viver sozinho no mundo, né?! E a gente também não pode ser inimigo dos nossos vizinhos (Morador 5)

Essa tradição a gente mantém da nossa família, da nossa mãe, que era do interior. Aí mantinha essa tradição antigamente, de sentar na calçada, conversar, jogar conversa fora, que é até bom. (Morador 11)

### 5.2.3. Elementos das vizinhanças

Além dos resultados já destacados, nesta etapa da pesquisa procurei entender por que o contexto em questão favorece o desenvolvimento do apego às vizinhanças. Como discuti mais acima, há uma conexão entre as dimensões *social*, *física* e *simbólica* no desenvolvimento desse apego, e essas dimensões emergiram das próprias falas dos moradores. Nas entrevistas com moradores, utilizei o conteúdo levantado como elementos de vizinhança no painel de especialistas como forma de apurar o contexto das vizinhanças que foram estudadas. Assim, todos os moradores foram questionados sobre a existência daqueles grupos de características (elementos de *socialização*, de *cooperação*, de *intimidade*, de *identidade*, e *utilização do espaço físico*).

Dos elementos de vizinhança discutidos na primeira etapa, as vizinhanças pareceram contemplar bem tanto os elementos de *socialização*, *cooperação* e *identidade*, como já foi indicado nas falas apresentadas. Além disso, os entrevistados confirmaram a presença de características de *intimidade* e *utilização do espaço físico*.

Os *elementos de intimidade* foram entendidos como a participação direta na vida dos vizinhos por parte de outros vizinhos. No caso das vizinhanças estudadas, algumas falas indicam isso:

Eu já passei por algumas situações de, como a minha família é longe, meus vizinhos foram a minha família no momento que eu mais precisei. (Morador 3)

Uma festa que tem tradicional, que não pode jamais faltar, é uma festa de quinze anos. Então, quer dizer, todo mundo é convidado. Às vezes é até aquela festa que você leva um presente. Eu levo a bebida, outro leva um galetto, por exemplo, isso ainda existe. Festa de quinze anos. (Morador 1)

Esse nível de integração entre vizinhos pode ser visto como característica de uma *comunidade* existente, já que atinge um status, também, de rede de amizades, não só de socialização e encontros (McMillan & Chavis, 1986).

Na vizinhança da Avenida 10 pareceu existir mais encontro entre vizinhos dentro das casas, no entanto, isso não indica que os vizinhos tenham mais conhecimento entre si do que na Rua José Francisco dos Santos. Essa última é uma rua onde o contato no espaço externo às casas é constante, e as atividades de *socialização* acontecem bastante nesse espaço. Ainda assim, os moradores falaram que ainda participam de algumas atividades familiares de outros vizinhos ou, por vezes, almoçam na casa uns dos outros, apesar de a frequência ter diminuído com o tempo.

Já a *utilização do espaço físico* esteve presente em falas como:

No São João aqui não se deixa faltar uma fogueira. (Morador 1)

Fecha a rua. Se é Dia da Criança, vamos botar os menino tudo pra brincar. Diz “olhe, tá vindo aí o dia das crianças, vamos fechar a rua”. (Morador 1)

De a gente fazer brincadeira, de jogar uma bola e tal, um vôlei aí na rua. Hoje é como eu falei, ‘tá todo mundo grande, todo mundo rapaz, moça, ninguém quer mais. Mas a oportunidade que a gente tem de brincar, de jogar bola, empinar papagaio, eles fazem. (Morador 3)

Mesmo se referindo a essa utilização do espaço na Avenida 10 e adjacências que compõem a vizinhança, alguns moradores comentaram que já não se interage tanto na rua por causa do trânsito, o que não é um problema na Rua José Francisco dos Santos, já que possui características físicas que favorecem isso (não há trânsito e poucos não-moradores frequentam). No entanto, o incômodo com relação a barulho, ou trânsito não

pareceu ser um fator que implicasse na perda do apego, resultado coerente com o encontrado por Erkip (2010).

De qualquer forma, o uso das calçadas e outros espaços locais como ambiente de socialização acontece em ambas as vizinhanças. Além disso, há outra característica que favorece a relação entre vizinhos que já havia sido mencionada no painel de especialistas e foi referida pelos moradores: a estrutura das casas. Esses dois aspectos são vistos nas falas abaixo:

As famílias se confraternizam através da igreja, os instrumentos para isso são as igrejas, os centros comunitários, as associações de bairro, são equipamentos que servem de base para esse tipo de... através desses instrumentos de infra-estrutura, há uma grande frequência nesse tipo. (Morador 4)

As crianças ainda brincam. Meus sobrinhos vêm pra cá, os da rua vêm tudo atrás deles pra brincar. (Morador 7)

O que às vezes a gente faz é na copa. A gente enfeita a rua. (Morador 8)

Mas é super normal a gente sair para um aniversário, por exemplo, e ficar até meia-noite, uma hora, aí bebe, aí chega a hora de vir embora. Aí, quando chega aqui, “ah! Vamos beber mais um pouquinho!” Compra a bebida e fica aqui na calçada. Aí eles pegam a mesa ali dentro, botam aqui na calçada e ficam aí fora. A gente fica ali sem problema, de madrugada. (Morador 6)

Eu acho que, assim, pelo fato de as casas serem mais fechadas [em alguns bairros], muro alto, então não tem aquela coisa de ter contato. Cada um sai de manhã, quando entra... (Morador 6)

O que é visto, então, é o espaço físico mediando e, até determinando quantidade e qualidade de relações sociais, como foi evidenciado no painel de especialistas. Nesse sentido, o *apego físico* pode não ser descrito nesses aspectos, mas eles são fatores físicos que dimensionam o aspecto social. Farrel e colaboradores (2004) haviam

destacado características físicas como proximidade das casas e presença de espaços recreativos como facilitadores de relações sociais. A isso se deve acrescentar a estrutura das casas, que, sem os altos muros, e em conjunto com outros fatores demonstrados como o uso do espaço externo e a rede de cooperação enfatizada, favorece também os encontros.

Esse contexto de alto grau de socialização e troca de suporte social é favorecido pelo contato no espaço da vizinhança, como já mostraram Völker et al. (2007). Essa rede de suporte, por sua vez, foi destacada pelos moradores como uma das principais características do apego à vizinhança. Além disso, é um bairro que favorece esse encontro pelos eventos e instituições, como igreja, feira e as festas temáticas.

Nos resultados do painel de especialistas também destaquei os fatores que favorecem o desenvolvimento de várias das características de vizinhanças. As vizinhanças pesquisadas possuem o aspecto temporal a seu favor. Grande parte dos moradores está há muitos anos, ou são de uma nova geração de uma família que já está enraizada no local.

Além disso, um dos aspectos apontados é da presença intensa do comércio. Os entrevistados mencionaram que muitos dos moradores trabalham próximos ao local de moradia. Isso já havia sido apontado pelos especialistas como favorecedor de relações de vizinhança e potencializa uma das dimensões discutidas do apego: a *dependência de lugar*. É um bairro que satisfaz as necessidades dos moradores de serviços próximos e proximidade do trabalho. Ainda assim, no caso das vizinhanças pesquisadas, essa proximidade do trabalho não foi generalizada. Então, a dimensão de *dependência do lugar* pode se dever, também, ao fato de o bairro favorecer a ida ao trabalho, seja este onde for, ou seja, a *centralidade* já basta.

No painel havia se destacado a presença de comércio local como um facilitador das relações de vizinhança. Isso, pelo que foi dito pelos moradores, pode acontecer de formas diferentes. Na Avenida 10, a padaria da vizinhança pesquisada dá lugar, de fato, a eventos sociais, aos encontros e desenvolvimento de amizades. Já na outra vizinhança, a relação do comércio é justamente de um marco físico de que ali não é mais a vizinhança. O comércio tangencia a rua e parece não ser incorporado a esta no discurso dos moradores.

Essa congruência entre o entendimento dos especialistas e as pessoas consideradas leigas no entendimento das relações presentes no ambiente em questão foi apontada como fundamental para promover a chamada *sustentabilidade urbana* (Bonnes et al., 2007). No presente estudo, essa questão me parece fundamental, já que o contexto atual das políticas públicas relacionadas ao urbanismo e ao meio ambiente demanda forte envolvimento da população local. Abordagens mais participativas são consideradas mais efetivas (Bonnes et al., 2007).

Os especialistas entrevistados foram bastante assertivos quanto ao declínio das relações de vizinhança, apesar de terem feito algumas indicações, enquanto houve uma divisão de opiniões dos moradores em relação à sua própria vizinhança. Desses, alguns consideraram que sua vizinhança ainda é apegada, mas que já perdeu muito desse contexto.

Para outros moradores, no entanto, de ambas as vizinhanças, tanto esse apego quanto as características de vizinhança mencionadas são muito presentes. A percepção de mais ou menos apego, de mais ou menos relações dentro da vizinhança, pareceu estar muito ligada ao quanto o entrevistado é participativo no contexto da vizinhança. Índícios disso podem ser vistos no fato de que os moradores da Avenida 10 que confirmaram que ainda há festas na rua, organizações de eventos e manutenção de



tradições foram o primeiro e o quarto entrevistado. Um deles é responsável pela organização de várias dessas atividades e o outro tem contato freqüente com os moradores e o contexto na dinâmica da padaria.

O nível de satisfação com a vizinhança está relacionado com a percepção da coesão e da participação entre moradores (Dassopoulos & Monat, no prelo). No caso das vizinhanças aqui estudadas, apesar de alguns elementos terem sido apontados como não mais tão marcantes, a coesão e o suporte entre moradores é perceptível para todos, e a percepção desses aspectos tende a aumentar o sentimento de apego (Brown et al., 2003). Além disso, a participação no nível local é positivamente relacionada ao *sentimento de comunidade* (Farrel et al., 2004), o que pode implicar no entendimento, por parte dos moradores citados, de um apego mais forte. Em concordância, a *coesão* foi uma das características consideradas pelos especialistas como podendo representar um apego à vizinhança.

Para os especialistas, também, algo que identifica o apego é a identidade dos moradores com o bairro, às vezes expresso na forma de bairrismo. Os entrevistados da segunda etapa também destacaram esse aspecto usando o “alecrinense” como uma categoria social. Além disso, alguns confirmaram que os moradores do Alecrim mantêm um laço de identidade com o local.

Outro aspecto que é interessante destacar é a opinião dos moradores sobre a diminuição desse tipo de relações. Como já mencionei, os especialistas foram céticos em relação à manutenção desses laços de vizinhança e apontaram tanto a *urbanização* como a forma que as *relações interpessoais* vêm tomando. Na mesma direção, vai a fala de alguns moradores:

Não é mais como antigamente que fulano trazia o pratinho, fazia uma comida, fazia uma troca. Antigamente tinha muito isso. Hoje o povo ‘tá muito na deles. Não sei o

que está acontecendo com as pessoas, estão muito individualistas. Demais, até. (Morador 11)

Porque lá onde eles moram o pessoal faz o muro alto mesmo, se isola, né? Um dia desse eu tava dizendo “rapaz, eu gosto de assistir muito filme medieval”, e hoje, pra quem mora num condomínio, “vige, é uma maravilha!”. É um negócio muito bom, mas eu digo “olhe, isso aí o pessoal antigamente usava essas muralhas até pra divisória. (Morador 1)

Assim, da mesma forma mostrada na pesquisa de Bonnes et al. (2007), tanto em relação ao entendimento do apego local, quanto seus facilitadores, e os fatores que dificultam esse laço, as descrições dos moradores, ainda que sem o conhecimento técnico e teórico, coincidem diretamente com o apontado pelos especialistas.

De uma forma geral, ambas as vizinhanças apresentaram uma forte relação de apego, que se engendrou numa convivência de longos anos, apoiado em tradições e usos do espaço que estão além da geração atual. Por trás desse apego, em ambas as vizinhanças, são marcantes a segurança e o conforto gerado pela rede de cooperação existente, e o sentimento de localidade apoiado nas possibilidades que o bairro oferece em termos de serviços e acessibilidade em relação aos demais pontos da cidade.

O apego a essas vizinhanças se confunde bastante com o apego ao bairro do Alecrim em função da vinculação desses moradores às tradições locais, que também fazem a manutenção do uso dos espaços locais, como as comemorações de rua, as cerimônias religiosas e a própria intenção de socializar nos espaços das vizinhanças. Essas tradições fazem também a manutenção do próprio enraizamento, já que dá suporte para as atividades que os moradores buscam. Tal intenção pela socialização local parece ser fundamental para que exista uma qualidade das relações de vizinhança e está

associada aos valores dos indivíduos, suas raízes culturais, que consideram os vizinhos como parte da rede de relações sociais mais firmes.

Essa socialização é facilitada em uma das vizinhanças pelas condições do espaço físico – sem trânsito de carros, o espaço diminuído em função de não haver saída em um dos lados, o que fortalece a familiaridade e a segurança. Na outra vizinhança o espaço é menos determinante na atualidade do que fora, porém, ainda se mantém mediador das relações, nas tradições de rua, na socialização nas calçadas e no próprio comércio local, que dá lugar à interação de moradores.

Os moradores de ambas as vizinhanças apresentaram, também, uma relação crítica com os modos de vida que acabam por diluir as sociabilidades e favorecer o individualismo e a cultura de medo que tende a justificar os grandes aparatos de segurança que deságuam em segregação social pela via do espaço físico. Esse pensamento foi de acordo com o entendimento dos especialistas participantes da etapa anterior sobre os fatores que vêm escasseando a quantidade e a qualidade das relações de vizinhança.

No próximo capítulo, apresentarei uma discussão sobre o que podem representar esses resultados atrelados aos achados da primeira etapa para o entendimento das relações entre pessoas no e com o espaço da vizinhança e para o significado dessas relações no âmbito da vida cotidiana.

## Capítulo 6: Discussão Geral

Apesar do tom saudosista das entrevistas com os especialistas, os achados desta pesquisa, nas duas etapas, mostram que o apego a vizinhanças é presente e está relacionado a certas condições. Ainda assim, é importante ter em mente que o apego não é uma relação estável e está em constante transformação ao longo do tempo (Giuliani & Feldman, 1993).

Além de ter sido evidenciado nas vizinhanças escolhidas para ser aprofundada a investigação, muitas outras vizinhanças foram indicadas e parecem ter algumas características em comum. Nesse sentido, é possível afirmar que há, mesmo dentro da heterogeneidade, algumas bases comuns no desenvolvimento do apego a vizinhanças.

Como foi visto nos resultados, parece haver evidências de que a natureza da relação entre o *apegado* e *objeto de apego* é semelhante (ou a mesma). A questão da segurança é um bom ilustrativo para a questão. As pessoas se apegam a diferentes lugares e por diferentes fatores, mas as características desse sentimento têm o mesmo princípio. A sensação de segurança em casa pode ter a ver com relação de territorialidade, por ser território primário (Brown et al., 2003; Valera & Vidal, 2010), com alto índice de controle pessoal e personalização, ou mesmo com a possibilidade de criar estruturas que transmitam segurança, mesmo que seja em função de uma cultura de medo. Quando mudamos a escala de ambiente, como é o caso da vizinhança, a segurança demandada no apego é a mesma, mas se estabelece nos laços sociais, como se viu na fala de uma moradora, destacada nos resultados, e outras menções que indicaram uma segurança pelo fato de conhecer e ser conhecido localmente.

Essa idéia mostra como a análise de um fenômeno da relação pessoa-ambiente, como é o caso do apego aos lugares, deve estar bastante atenta para a escala que está em jogo, especialmente quando se pretende a comparação dessas escalas. Isso já havia sido

apontado por Vemuri e colaboradores (2011) no que diz respeito à satisfação com a vizinhança e satisfação com a vida pessoal. Farrel e colaboradores (2004) também evidenciaram que os comportamentos de *neighboring* estão relacionados ao crescimento de um sentimento de comunidade e não de bem-estar pessoal. Nesse sentido, diferentes variáveis operam de forma diferente, gerando vínculos semelhantes, a depender da escala.

Além disso, destacando essas especificidades de escala, foi possível observar na fala dos moradores como o apego funciona em favor de algumas funções psicológicas importantes como a já citada segurança, sobrevivência, suporte para alcance de metas, além da continuidade temporal e pessoal (Scannel & Guifford, 2010). Da mesma forma que, no trabalho mencionado, a segurança está atrelada a uma garantia de suporte, aqui o suporte para as metas pessoais foi bem destacado na questão da localidade e das facilidades oferecidas pela localização das vizinhanças.

Foi visto, como havia sido destacado por Hidalgo e Hernández (2001), que a *dimensão social* tem forte impacto sobre esse apego. Aqui, as evidências apontam que o sentido da *cooperação*, do suporte social é o principal aspecto que cria esse laço afetivo. É um aspecto qualitativo das relações que condiz com o conceito de *neighboring* (Farrel et al., 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Weiss, 1982).

Ainda assim, a essa rede de suporte subjazem as condições facilitadoras do espaço físico. A separação entre apego físico e social fica, então, estabelecida por mera didática, pois até mesmo suas relações com o sentimento de apego são de qualidades diferentes. A *localidade*, principal expressão do apego físico nas vizinhanças estudadas, está vinculada a um condicionamento sócio-econômico, até mesmo pela forma de trabalho desses moradores e o grau de mobilidade, já que boa parte depende de transporte público.

Por outro lado, esses laços de *cooperação* estão subsidiados pelos significados atribuídos ao ambiente da vizinhança por parte dos moradores: eles o entendem como lugar de encontros e de socialização. Além disso, há os fatores simbólicos que as vizinhanças e o bairro carregam profundamente, também significativos no que tange o dimensionamento desse suporte social tão afirmado.

Não é possível afirmar a causalidade entre cooperação e apego. Se por um lado essa relação está, vez por outra, ligada às condições sócio-econômicas referentes a essa população, ela pode surgir como um produto do próprio grau de socialização referente a uma vizinhança como esta. Uma das bases para a emergência de uma comunidade está nas possibilidades que essas pessoas possuem de se encontrarem (Völker et al., 2007), logo, a *cooperação* pode ser apenas um desdobramento das relações sociais.

Outro aspecto que se destacou está relacionado aos valores. Como propuseram Giuliani e Feldmand (1993), a cultura proporciona um conjunto de símbolos para os processos de apego. Além disso, o *apego tradicional* está fortemente relacionado a valores pessoais, como relativo interesse em raízes familiares, boas relações com vizinhos, altos índices de benevolência, e baixo capital cultural (Lewicka, no prelo). As vizinhanças pesquisadas se encaixam nesse perfil e a *cooperação* novamente se destaca, dessa vez relacionada aos valores pessoais, vinculados à tradição familiar. Isso parece indicar que a mudança na cultura das *relações interpessoais* prejudica a relação de vizinhanças, como havia sido destacado no painel de especialistas.

De acordo com as falas dos moradores parece haver, antes de uma socialização “por consequência” dos encontros, uma pré-disposição para estabelecer vínculos com vizinhos. A busca por privacidade é uma das principais motivações para a mudança de vizinhança (Erkip, 2010) e, por trás disso, também, há uma mudança de valores ao longo das gerações em relação ao envolvimento civil (Puntnam, 2000). Nessa direção,

vê-se uma deterioração de relações de vizinhança por duas vias: de um lado as pessoas já parecem estar pouco interessadas em estabelecer vínculos sociais no nível da vizinhança e, num contexto justificado pela busca de segurança, se estabelecem em estruturas de moradia que pouco favorecem os encontros e a socialização.

Há, então, uma tendência social para mais comunidades dos tipos *perdida* e *liberada*, com poucos laços sociais e com mais laços extra-locais, respectivamente (Guest & Wierzbicki, 1999). Em concordância com esses autores, Puntnam (2000) também evidenciou o declínio dos laços informais nos últimos anos, incluindo menos contato com vizinhos. Como a questão da relação de suporte entre vizinhos se destaca no desenvolvimento do apego, faz sentido que essa tendência venha remodelando o apego a vizinhanças. Dessa forma, a relativa inferioridade do apego a vizinhanças em relação à cidade e residência, encontrada por Hidalgo e Hernández (2001) e Lewicka (2010), pode estar relacionada tanto à difusão das redes sociais, como ao desenvolvimento de uma cultura que modifica o significado da vizinhança.

Mesmo assim, essas redes de relações estabelecidas difusamente, como no ambiente de trabalho, merecem mais investigação sobre o grau de intensidade e o quanto estão relacionadas com os laços entre pessoas e ambientes. Nesse sentido, outros fatores, como a competitividade e a volatilidade do mercado de trabalho são apontados como elementos que têm enfraquecido os laços sociais nesses ambientes (Carvalho, 2002). Por esse motivo, seja no ambiente de trabalho, vizinhanças ou demais ambientes, são importantes mais pesquisas que indiquem qualidade de laços sociais no desenvolvimento dos vínculos pessoa-ambiente, como foi o caso do fator *cooperação* no presente estudo, além de o bem-estar social estar relacionado também a uma qualidade de relações, que envolve sentimento de conexão e reconhecimento dentro de grupos (Völker et al., 2007).

Ainda no sentido de uma cultura que favorece o apego à vizinhança, gostaria de destacar uma frase fruto das entrevistas. Ao ser perguntado sobre as pessoas serem ou não apegadas àquela vizinhança, um dos entrevistados confirmou, acrescentando que há uma “alienação em troca das amizades”. Nesse sentido, confirma que a formação da *comunidade* implica, antes de um alto grau de *cooperação*, uma atitude em relação a isso. A frase citada se assemelha ao sentido dado por Todorov (1939/1999) ao vínculo a um grupo. Para o autor, há uma renúncia à autonomia, a alienação da vontade individual em benefício de um grupo. Isso se dá em contraste com os valores associados à vida nas cidades grandes, que favorece os individualismos e a diluição das sociabilidades (Jodelet, 2002). O que foi chamado de “alienação” pelo morador e de “renúncia” por Todorov (1939/1999) pode ser considerado o espírito democrático da sociabilidade (Simmel, 1917/2006), que vem da necessidade, em nome da vida em sociedade, dá renúncia aos propósitos individuais no momento da socialização.

Essa posição, certamente, entra em conflito com a individualização da sobrevivência, ou seja, a crença de que cada indivíduo tem responsabilidade apenas sobre si próprio, e o alcance das metas está relacionado ao mérito individual. Para a presente pesquisa, isso tem implicações no sentido das relações de suporte e de apropriação da vizinhança. Como apresentei no capítulo 1, a vizinhança ganha seu sentido de lugar na história das relações entre indivíduos e desses com o espaço, e tal processo a diferencia dos demais lugares ou, em outras palavras, lhe dá vida. Esse tipo de intenção e ação para com o lugar vizinhança exige uma disposição pró-sociabilidade, a atitude democrática mencionada mais acima. Dessa forma, dificilmente se estabelecerá tal atitude e tal efetividade das vizinhanças nos casos em que ela não é mais do que o espaço próximo a onde se situa o lar, e a “necessidade” (que pode gerar cooperação) ganha feições de fracasso pessoal.



Nessa linha, outro comentário, que merece destaque e vai nessa direção dos valores, foi de uma moradora que afirmou que a sobrinha reclama quando ela pede para que peça açúcar emprestado na casa de algum vizinho, alegando que vai passar vergonha, pois vão dizer que “estão pedindo”. Há nesse discurso, compondo com outras falas destacadas sobre a individualização substituindo a cooperação, um sentido diferente dado a essa última. Um conjunto de valores coloca um fator que se mostrou fundamental para o desenvolvimento de laços – a cooperação, no caso – em uma posição de fraqueza pessoal. O fato de depender de juízo atribuído ficou mais evidente na fala de outra moradora que coloca a mesma questão no outro lado da moeda: “nós ainda somos aquele tipo de vizinho que pede um açúcar emprestado”.

Ainda no sentido dos valores, alguns especialistas entrevistados indicaram o interesse na preservação do bem comum como a evidência do apego. Os resultados aqui encontrados sugerem que é, antes, uma predisposição para o estabelecimento desse apego, justamente em função da rede de solidariedade que pode ser formada por essa alienação do individual em função e em favor do grupo. Além disso, quando necessitam de uma intervenção nessa direção do ambiente comum ou mesmo da manutenção do bem-estar local, a ação não pode ser “terceirizada”, ou seja, ou eles recorrem a órgãos responsáveis, ou intervêm por ações próprias, como no caso de uma “solução” para alagamentos dada pelos próprios moradores da vizinhança da Avenida 10.

Esse tipo de relação direta com os problemas e o envolvimento em sua solução pode ser mais um fator de vínculo ao lugar ou às pessoas. A compreensão dos esforços de preservação pode ser a chave do sucesso na manutenção de uma *comunidade* (Brown et al., 2003).

Os resultados evidenciaram, também, que a *dimensão física* do apego às vizinhanças pode ser mais do que o potencial que o ambiente oferece para alcance de

metas pessoais, sendo um fator que subjaz à integração da vizinhança, social e fisicamente. Ou seja, a dimensão social realmente se sobressai, mas talvez isso se dê pela dissociação com que são tratadas as dimensões social e física. Lewicka (2010), Hidalgo e Hernández (2001), Hernández et al. (2007) e Hur et al. (2010) destacaram o papel do ambiente físico no apego no sentido da avaliação que as pessoas fazem desse. O que ficou evidente, aqui, é que há um papel fundamental de meio para as relações sociais, fator gregário no sentido da solução de problemas, e fator de identidade. Isso implica dizer que, mesmo com menor *apego físico*, o *apego social* depende da forma como o espaço físico é utilizado.

Como meio de socialização, o espaço físico ficou destacado pela quantidade de atividades que produzem relações de vizinhanças. Além disso, o *contato espacial* é fundamental para criar uma identidade de vizinhança, pela homogeneização de alguns comportamentos, já que o acesso visual acaba sincronizando comportamentos e se forma um cenário sócio-espacial (Speller, 2005). Esse cenário é o que gera distinção e o caráter de único que compõem a identidade do lugar (Lewicka, 2008).

Na questão da solução de problemas, já mencionei que não garantem a preocupação em longo prazo e nem em escalas ambientais maiores. No entanto, o uso do espaço engendra um contato diário com problemas e necessidade de solução que acaba proporcionando o cuidado com a esfera pública. Além disso, a eficácia coletiva num contexto de vizinhança coesa tende a aumentar o apego à residência (Brown et al., 2003). Já como fator de identidade, o passado interacional (Milligan, 1998) e a *dimensão simbólica* encontrada pareceram fundamentais.

Por último, a *dimensão simbólica* está vinculada à capacidade de habitar o imaginário tanto da população local como dos visitantes, especialmente na vizinhança

da Avenida 10. Esse caráter, para os moradores é fruto, em grande parte, de tradições locais.

O papel desses elementos simbólicos no desenvolvimento do apego parece ser atuar por um lado como uma dimensão desse e, por outro, elemento de consolidação e manutenção, já que favorece a socialização e a identificação com o local. O aspecto simbólico está mais associado ao apego quando tratamos no nível de grupo, como é o caso da vizinhança (Scannell & Guifford, 2010). Nesse sentido a Rua José Francisco dos Santos, apesar de não ter indicado tanto os elementos desse imaginário sobre o bairro, possui, tanto quanto a Avenida 10, um vínculo com tradições locais. Isso implica dizer que, mesmo não mencionando muito o sentido mítico a respeito da vizinhança, há um caráter da tradição, materializado nos comportamentos rituais, que fortalece o apego ao local.

Ao mesmo tempo, essas tradições são localizadas, ou seja, as pessoas podem ser trocadas, mas a tradição continuará sendo representativa do bairro e, ainda, o próprio apego ao lugar pode ser, em determinados contextos, uma força motivadora para pessoas se inquirem e se apropriarem do passado e da identidade de um lugar (Lewicka, 2008).

Um exemplo desse caráter permanente dos aspectos simbólicos está na nomenclatura das ruas; a numeração é mantida no vocabulário popular apesar de as ruas terem recebido seus nomes oficiais a partir da formalização do bairro do Alecrim, na década de 40. Tal subversão pode ser vista como uma afirmação de identidade local, a partir do momento em que a cidade indiferencia pessoas e lugares, e buscam-se formas de afirmação de identidade nos grupos ou por meio do próprio espaço físico, re-caracterizando-o (Jodelet, 2002; Simmel, 1903/2005). No caso do Alecrim, isso se dá, também, pelo uso de uma nomenclatura extra-oficial para as avenidas, que

necessariamente remete ao bairro, tanto para moradores como cidadãos que não moram no Alecrim.

Como afirmou Giuliani (2003), talvez o fato de as fronteiras de vizinhanças serem mais difíceis de identificar possa implicar em cidades como objetos de apego mais forte. Um dos principais papéis da *dimensão simbólica* está em firmar fronteiras baseadas na identidade comum numa vizinhança, mas são fronteiras flexíveis, que se reconstróem ao longo do tempo e em torno das situações nesses lugares.

Schaake e colaboradores (2010) e Campbell e colaboradores (2009) já haviam destacado o papel das diferenças étnicas e sócio-econômicas para a percepção de limites de vizinhança, mas isso não parece se aplicar no caso das vizinhanças pesquisadas. Por um lado, os bairros vizinhos ao bairro do Alecrim possuem índices sócio-econômicos semelhantes e, por outro, os moradores possuem vínculo muito forte com instituições locais e elementos que identificam o bairro, como a feira e a Igreja de São Sebastião.

Ainda assim, os moradores acabam por criar seus critérios, subvertendo delimitações oficiais a partir de características que julgam identificar sua vizinhança, ou seja, é a *dimensão simbólica* que faz o papel de criar algum senso de homogeneidade e compor o apego. No caso das cidades, esse simbolismo é mais comumente emanado pela própria quantidade de símbolos aos quais temos acesso desde o primeiro contato (os órgãos governamentais aos quais cobramos e aos quais respondemos, a referência que fazemos à nossa origem, dentre outros) e pela ênfase histórica que é dada às fronteiras dessas cidades. Assim, é possível que seja identificado, num bairro com um laço simbólico muito forte, um apego semelhante ou maior que à própria cidade. A dimensão simbólica cria, então, uma maleabilidade nos limites das vizinhanças e acaba por ser a própria expressão da vizinhança como um fenômeno histórico e na relação

peças-ambiente, que se reconstrói nessa relação ao longo do tempo e do espaço e, por esse motivo, as chamo *vizinhanças vivas*.

A partir disso, com relação aos limites de vizinhança, o caráter simbólico presta papel ambíguo. Por um lado ele dá um caráter que distingue bastante o bairro e permite uma identificação consolidada e, por outro, impede que uma vizinhança seja caracterizada num limite físico, o que faz, via de regra, moradores identificarem a unidade do próprio bairro como sua rede de relações de vizinhança.

Por fim, vale destacar que o principal aspecto relacionado ao apego na fala dos moradores, praticamente não foi abordado pelos especialistas: a *cooperação*. Apesar de ter sido apontada, foi um elemento que teve pouco destaque frente aos de *socialização*, ou de *identidade*. Talvez isso explique, em partes, o pessimismo, por parte deles, relacionado à manutenção de relações de apego às vizinhanças na cidade. Todos estão um pouco distanciados dessa realidade. Alguns dos especialistas que denominei vivenciais estão, há tempos, distantes das vizinhanças que conseguiram caracterizar melhor, e os especialistas por atuação profissional possuem a lente do objeto de trabalho, o que pode explicar o porquê de terem diferido tanto dos moradores na definição ou identificação de que tipo de comportamentos e atitudes identificam como expressão do apego a vizinhanças.

## Capítulo 7: Considerações Finais

O propósito deste estudo foi entender o que é estar apegado a uma vizinhança e examinar os elementos que influenciam o apego a esse lugar. As vizinhanças pesquisadas demonstraram um apego consolidado por laços de solidariedade muito fortes, gerados a partir de uma quantidade grande de atividades no local da vizinhança, vinculados a uma “intencionalidade” na convivência que precede o próprio encontro e permeados por um contexto espacial também favorável. Tanto no painel de especialistas como na entrevista com moradores, essa intenção foi sugerida como uma predisposição cultural, ou um conjunto de valores que pode preceder a relação de vizinhança. São valores sobre as relações sociais e sobre os próprios objetivos de vida que vêm se perdendo frente a novos contextos sócio-econômicos e, por conseguinte, culturais.

Esse caráter atitudinal estaria sendo favorecido como também foi visto nos resultados desta pesquisa, por um ambiente organizado social e espacialmente. A disposição e estrutura das ruas do bairro favorecem uma diversidade de dinâmicas e contextos sócio-ambientais que permeiam certas qualidades de vizinhança; são várias ruelas, ruas sem saída e vilas que se misturam às grandes avenidas (ver Figura 2). Isso implica, também, na relação com o comércio e o trabalho, seja pela *localidade*, ou pela estrutura de convívio social em torno desse contexto comercial. Além disso, há os fatores sócio-econômicos que influenciam tanto na formação das vizinhanças, como no tipo de relação dentro das mesmas; esses fatores implicam no tipo de moradia, de moradores, na familiaridade prévia de alguns moradores, na permanência, dentre outras características.

Essas vizinhanças apegadas parecem ser, por enquanto, mantenedoras de um conjunto de atitudes e comportamentos que fazem parte de uma dinâmica cultural bastante específica, desenvolvida em cima de uma base histórica já um pouco distante

no que diz respeito a cidades consideradas metrópoles. No entanto, se preservam em alguns lugares justamente por existir ainda esse vínculo histórico.

No Rio de Janeiro, por exemplo, tive oportunidade de ter contato com contextos interessantes de vizinhanças em antigos bairros, como o bairro das Laranjeiras, Botafogo e Tijuca. São bairros que possuem características culturais próprias, e um convívio formado sobre bases antigas. Além disso, é possível observar como o contexto espacial organiza algumas características sociais desses bairros; as montanhas ao redor das Laranjeiras parecem torná-lo um bairro mais voltado para dentro, o mesmo acontece com algumas áreas da Tijuca, enquanto Botafogo possui um lado de tradição ligado à Lagoa Rodrigo de Freitas. Esses bairros, também em função dos acidentes geográficos da cidade do Rio de Janeiro, possuem muitas ruelas, vilas, ruas que fazem *loopings* dentro do bairro, além dos largos, praças e outros espaços de convivência bastante antigos.

Isso implica dizer que cidades que estão surgindo ou iniciando seu crescimento nesse contexto denunciado, parecem ter um prognóstico negativo em relação a encontrar tais vizinhanças, tanto pelos fatores culturais que tratei como importantes para desenvolver esses laços, como pela modelagem que as cidades estão tomando em função das formas de moradia e fatores sócio-econômicos. Nesse sentido, uma cidade que iniciou seu crescimento recentemente, pouco possuirá de um contexto espacial que favorece tal dinâmica, já que há a preferência pelos grandes edifícios e condomínios, além da necessidade, cada vez maior, de grandes obras de trânsito. Esse último, às vezes cresce numa proporção descontrolada em relação ao crescimento da cidade. Ou seja, mesmo uma cidade que possui a tradição de relações de vizinhança, pode ser bruscamente modelada em função da urbanização.

Por outro lado, algumas transformações culturais não são previsíveis e mesmo o mais ultrapassado conceito pode ser retomado por algum motivo. A cidade de Matera, na Itália, está buscando retomar valores comunitários reconstruindo a vida em contato com a vizinhança (Scamparini, 2010), movimentos em favor de uma *slow life* estão se espalhando pelo mundo (Honoré, 2005). Ou seja, da mesma forma que há o movimento de esmaecimento de certos aspectos importantes tanto para relações interpessoais como nas relações pessoa-ambiente, há o movimento oposto, daqueles que já conviveram com o outro lado e querem voltar. Além disso, ainda há os que não gostariam de perder o que há de vivo em sua vizinhança.

Talvez essa perspectiva possa soar como um idealismo em relação ao passado. Isso não é verdade, por dois motivos principais: o primeiro é que esta pesquisa está no presente e boa parte dos resultados achados também. Mesmo os moradores mais saudosistas mantêm sua relação com o presente na forma como conseguem manter seus valores e atividades mais prazerosas. O segundo motivo é que ela se inspira no passado, leva em conta o presente, para fazer um alerta sobre o futuro.

É aceitável, porém, que se qualifique a perspectiva adotada aqui como localista, no sentido de enfatizar qualidades que não se dão numa dinâmica global, econômica, cultural, social e ambientalmente. Esse localismo foi uma escolha fundamentada, em primeiro lugar, por um interesse em jogar luz sobre uma realidade que é pouco ilustrada no mundo acadêmico e, em segundo lugar, pelas próprias qualidades que possui, que julgo como potenciais de criação e de valorização dos laços sócio-ambientais.

É nos pequenos aparatos sócio-ambientais locais, como casa e vizinhança que é produzida a identidade, pois só no local se diferencia do global - este cada vez mais indiferenciado e indiferenciador. Além disso, mesmo diante de todas as qualidades e



vantagens dos avanços do mundo global, inclusive em criações, o local produz mais e importa menos significados sociais.

Vale ressaltar, ainda, que estamos num processo corrente de desresponsabilização – ou “terceirização” da responsabilidade -, seja social ou ambiental, juntamente com um processo de deterioração dos valores sociais em nome do individualismo e deterioração ambiental em nome do consumo (o valor social mais importado). Nesse contexto, desenraizar-se pode estar significando “lavar as mãos” para o que acontece ao nosso entorno próximo. A escala de ambiente escolhido (vizinhança) abarca uma relação mais próxima, de caráter íntimo, entre indivíduos e lugares. É uma relação na qual todos os sentidos – e, com isso, os sentimentos – básicos estão ativos, algo que merece atenção das ações políticas que costumam ser tão distantes dos elementos que realmente estabelecem vínculos entre pessoas e seus contextos.

Claro que esses processos globais resultam também em atenção para fenômenos globais e criam uma nova espécie de responsabilização, mas fica a dúvida do quanto ela será efetiva já que a falta dos vínculos locais vem associada a valores culturais, como já mencionado, nocivos à comunidade e responsabilidades coletivas e para com a coletividade. Creio que mesmo os novos “implicados globalmente” são, em geral, corruptelas sociais dos “implicados localmente”.

Além disso, se há a constatação de que os tipos de relações aqui destacados estão ficando no passado e, ao mesmo tempo, constata-se uma série de qualidades e potencialidades intrínsecas a essas relações, é importante documentar esse “DNA” para, na pior das hipóteses, haver um registro histórico do que isso pode ter significado para as relações entre sociedade e espaços urbanos.

Entretanto, não gostaria de assumir essa expectativa fatalista. Apesar de haver o saudosismo dos próprios moradores e ex-moradores, já vislumbrando o fim corrente das

relações de vizinhança, é da fala deles que extraio as principais perspectivas futuras. Alguns mencionaram a tentativa de resgate de antigas práticas, outros se esforçam pela manutenção e para passar esses valores adiante no ciclo das gerações. Mais além disso estão os símbolos que se sustentam em volta dessas e de outras vizinhanças: as tradições ainda permanecem e encontram nos marcos físicos seu enraizamento. São as igrejas, feiras, praças, algumas ruas que são enxergadas por ainda terem algo a dizer sobre as pessoas que lá vivem.

Todavia, não preciso buscar exemplos tão distantes como os marcantes moradores do Alecrim. No grupo de pesquisa do qual faço parte, tivemos exemplos recentes de alunos de mestrado que mostraram o valor local de um espaço como a praça (Sousa, 2010; Liberalino, 2011), a importância de identidade local em lugares completamente tomados pelo mercado turístico (Medeiros, 2010; J.Y. Abe-Lima, pesquisa em andamento), ou a relação local na formação da identidade (Albino, 2010), além dos próprios interesses desses e outros estudantes em mostrar que progresso não deveria significar apagar marcas que são organizadas a partir do passado.

Muitos dos temas ligados e esses interesses mencionados podem não se relacionar diretamente com os laços afetivos entre indivíduos e ambientes, mas esse é um fator que fundamenta, com mais ou menos força, qualquer vínculo dessa natureza. Por esse motivo, os estudos em ambientes culturalmente carregados, como os que denominei *vizinhanças vivas*, são fundamentais para trazer à tona a qualidade das relações inter-pessoais e pessoas-ambiente. Num lugar como a vizinhança – nesse caso, vizinhança apegada – os motivos, os meios, os produtos e subprodutos dessa relação explicitam hábitos, valores, raízes, interesses comunitários, relação com o passado, perspectiva de futuro, conhecimentos locais, tradições e resistência.

Vale ressaltar que esse aprofundamento só foi possível numa perspectiva qualitativa e exploratória. No campo de estudo das relações pessoa-ambiente, que visa o entendimento dessas relações na forma como elas acontecem na realidade experiencial, é fundamental dar voz aos protagonistas de tais interações.

Apesar de ser uma abordagem difícil de lidar, especialmente num tema que trata literalmente de implicação subjetiva, um conteúdo cientificamente relevante pareceu se destacar. Os moradores foram responsáveis por dar indícios expressivos do que é relevante para existir implicação numa vizinhança. Além disso, pouco se tem dado de atenção para a importância dos elementos simbólicos e valores na constituição desses laços. Destacar esses aspectos é atentar não só para a complexidade, mas para a sua indissociabilidade nas transações pessoa-ambiente, ou seja, as qualidades simbólicas dessa relação tem a marca da bi-lateralidade de influências nessa relação.

Tal abordagem desses elementos é fundamental para pensarmos em políticas públicas de urbanismo e meio ambiente. Já não é nova a discussão de que a educação ambiental e as políticas comunitárias devem envolver a participação dos protagonistas locais. Mas o que engendra esse protagonismo, quais são os valores que estão por trás de atitudes pró-comunitárias ou pró-socialização, o que significa cuidar dessas realidades numa cidade grande? Entender os laços afetivos, como o de apego, nessa realidade pode dar várias pistas para as respostas.

Além disso, por ser uma realidade que tem se resumido a uma faixa sócio-econômica específica, não se busca entender as qualidades desses locais, mas apenas as necessidades geradas por uma situação econômica. Em outras palavras, grande parte das políticas voltadas para as comunidades urbanas possuem o foco em *problemas* sociais, e não em potencializar a existência dessas *qualidades* locais.

É importante destacar que, apesar do evidente envolvimento com o fenômeno e o ambiente dessa pesquisa, a principal dificuldade deste trabalho esteve justamente na distância que tenho em relação ao tipo de vizinhança investigado. Essa aproximação se deu completamente em função da pesquisa e, para fins de análise dessa realidade e do material resultante das entrevistas, foi necessário um processo gradual de apropriação de tal contexto.

Como mencionei na apresentação deste trabalho, essa realidade de vizinhanças, para mim, há algum tempo remetia a uma imagem fantasiosa, por não fazer parte de minha realidade desde a infância. Encontrar tais resultados e valorizá-los teve a ver com a surpresa que conseguiram me causar e por conseguir enxergar neles algumas respostas para tantas outras inquietações advindas de leituras, observações e conversas em mesas de bar. Nesse sentido, cabe a fala do psicólogo Konrad Lorenz (1954, citado por Campbell, 2005) afirmando que

todo estudo realizado pelo Homem foi o resultado genuíno da curiosidade, uma espécie de jogo. Quem quer que tenha vivenciado pessoalmente a facilidade com que a curiosidade de uma criança brincando se transforma em objeto de toda uma vida de pesquisa, nunca duvidará da semelhança fundamental entre os jogos e o estudo (p. 46).

## Referências

- Albino, V. (2010). Uma semente de participação popular: adolescentes pensando o seu lugar. In J. Q. Pinheiro, & G. A. Elali (Orgs.), *Inter-ações pessoa-ambiente: nove estudos potiguares* (pp. 169-186). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Altman, I., & Low, S. M. (1992). *Place Attachment*. Nova York: Plenum.
- Altman, I., & Wandersman, A. (1987). Introduction. In I. Altman, & A. Wandersman (Orgs.), *Neighborhood and community environments* (pp. xvii-xxii). Nova York: Plenum.
- Amaro, J. P. (2007). Sentimento Psicológico Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica* 1(xxv), 25-33.
- American Psychological Association. (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57(12), 1060-1073.
- Amérigo, M. (2010). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés, & M. Amérigo (Orgs.), *Psicologia Ambiental* (pp. 123-145). Madrid: Pirâmide.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (P. Guareschi, Trad.; pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas* (M. Pechel, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bonaiuto, M., Ariello, A., Perugini, M., Bonnes, M., & Ercolani, P. (1999). Multidimensional perception of residential environment and neighborhood attachment in the urban environment. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 331-352.
- Bonnes, M., Uzzell, D., Carrus, G., & Kelay, T. (2007). Inhabitants' and Experts' Assessments of Environmental Quality for Urban Sustainability. *Journal of Social Issues*, 63(1), 59-78.
- Brown, B., Perkins, D., & Brown, G. (2003). Place Attachment in a revitalizing neighborhood: Individual and block levels analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 259-271.

- Burton, L. M., Price-Spratlen, T., & Spencer, M. B. (1997). On ways of thinking about measuring neighborhoods: Implications for studying context and developmental outcomes for children. In J. Brooks-Gunn, G. J. Duncan, & J. L. Aber (Orgs.), *Neighborhood poverty: Context and consequences for children* (pp. 132–144), Nova York: Sage.
- Campbell, E., Henly, J., Elliot, D., & Irwin, K. (2009). Subjective constructions of neighborhood boundaries: lessons from a qualitative study of four neighborhoods. *Journal of Urban Affairs*, 31(4), 461-490.
- Campbell, J. (2005). *As máscaras de Deus: mitologia primitiva (7ª Ed.)*. São Paulo: Palas Athena.
- Carvalho, M. B. (2002). A individualização no trabalho automatizado. *Ágora* 5(1), 19-32.
- Chaskin, R. J. (1997). Perspectives on neighborhood and community: A review of the literature. *Social Service Review*, 71(4), 521–547.
- Churchman, A. (1987). Can resident participation in neighborhood rehabilitation programs succeed? In I. Altman & S. M. Low (Orgs.), *Neighborhood and Community Environments* (pp. 113-162). Nova York: Plenum.
- Coulton, C. J., Korbin, J., Chan, T., & Su, M. (2001). Mapping resident's perceptions of neighborhood boundaries: a methodological note. *American Journal of Community Psychology*, 29(2), 371-383.
- DaMatta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dassopoulos, A., & Monnat, S. (no prelo). Do perceptions of social cohesion, social support, and social control mediate the effects of local community participation on neighborhood satisfaction? *Environment and Behavior*.
- Elliott, D. S., Menard, S., Rankin, B., Elliott, A., Huizinga, D., & Wilson, W. J. (2006). *Good kids from bad neighborhoods: Successful development in social context*. Nova York: Cambridge University.
- Erkip, F. (2010). Community and Neighborhood relations in Ankara: An Urban-Suburban Contrast. *Citie*, 27, 96-102.

- Farrel, S. J., Aubry, T., & Coulombe, D. (2004). Neighborhoods and Neighbors: do they contribute to personal well-being? *Journal of Community Psychology*, 32(1), 9-25.
- Freeman, L. (2001). The effects of sprawl on neighborhood social ties: an explanatory analysis. *APA journal*, 67, 69-77.
- Fried, M. (1963). Grieving for a lost home. In L. J. Duhl (Org.), *The urban condition: People and policy in the metropolis* (pp. 124–152). Nova York: Simon & Schuster.
- Gibson, J. J. (1986). *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In Bonnes, M., Lee, T., & Bonaiuto, M. (Orgs.), *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137-170). Aldershot: Ashgate.
- Giuliani, M. V., & Feldman, R. (1993). Place Attachment in a developmental and cultural context. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 267-274.
- Glynn, T. J. (1986). Neighborhood and sense of community. *Journal of Community Psychology*, 14, 341-352.
- Gonçalves, M. G. M. (2009). A contribuição da psicologia sócio-histórica para a elaboração de políticas públicas. In A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (pp. 277-293). São Paulo: Cortez.
- Guatarri, F. (1990). *As três ecologias*. (M. C. Bittencourt, Trad.). Campinas: Papirus. (Texto original publicado em 1989).
- Guest, A., Wierzbicki, S. (1999). Social ties at the neighborhood level: two decades of GSS evidence. *Urban Affairs Review*, 35, 92-111.
- Günther, H., & Flores, E. (1995). Sense of Neighborhood and Model Quadras: An Evaluation of a Neighborhood Development Program. *Triolog*, 12(46), 40-45.
- Günther, I. A. (2008). O uso da entrevista na interação pessoa-ambiente. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 53-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Hernández, B., Hidalgo, M. C., Salazar-Laplace, M. E., & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27, 310-319.
- Hidalgo, M. C. (2000). Estilos de apego al lugar. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 1(1), 57-73.
- Hidalgo, M. C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 273-281.
- Hissa, C. E. (2006). Ambiente e vida na cidade. In C. A. L. Brandão (Org.), *As cidades da cidade* (pp. 81-92). Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Honoré, C. (2005). *Devagar* (C. Marques, Trad.) Rio de Janeiro: Record. (original – *In praise of Low* – publicado em 2004) pp. 11-30.
- Hummon, D., (1992). Community attachment. Local sentiment and sense of place. In I. Altman & S. M. Low (Orgs.), *Place attachment* (pp. 253-277). Nova York: Plenum.
- Hur, M., & Morrow-Jones, H. (2008). Factor that influence residents' satisfaction with neighborhoods. *Environment and Behavior*, 40(5), 619-635.
- Hur, M., Nasar, J. L., & Chun, B. (2010). Neighborhood satisfaction, physical and perceived naturalness and openness. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 52-59.
- Jodelet, D. (2002). A cidade e a memória. In V. Del Rio, C. R. Duarte & P. A. Rheingantz (Orgs.), *Projeto de lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo* (pp. 31-43). Rio de Janeiro: PROARQ.
- Jorgensen, B. S., & Stedman, R. C. (2001). Sense of place as an attitude: Lakeshore owners attitudes towards their properties. *Journal of Environmental Psychology*, 21, 233-248.
- Kahn, R. L., & Antonucci, T. (1980). Convoys over the life cycle: Attachment, roles and social support. In P. B. Bates & O. Brin (Orgs.), *Lifespan development and behavior* (pp. 253-286). Boston: Lexington.



- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P., & Stevenson, J. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 6(27), 681-694.
- Kyle, G., Graefe, A., Manning, R., & Bacon, J. (2004). Effects of place attachment on users' perceptions of social and environmental conditions in a natural setting. *Journal of Environmental Psychology*, 24, 213-225.
- Leff, E. (2002). *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Lewicka, M. (2005). Ways to make people active: Role of place attachment, cultural capital and neighborhood ties. *Journal of Environmental Psychology*, 4, 381-395.
- Lewicka, M. (2008). Place attachment, place identity, and place memory: restoring the forgotten city past. *Journal of Environmental Psychology*, 28, 209-231.
- Lewicka, M. (2010). What makes Neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 35-51.
- Lewicka, M. (no prelo). On the variants of people's relationships with places: Hummon's typology revisited. *Environment and Behavior*.
- Liberalino, C. C. (2011). *Praça: lugar de lazer. Relações entre características ambientais e comportamentais na praça Kalina Maia – Natal, RN*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.
- Mannarini, T., Tartaglia, S., Fedi, A., & Greganti, K. (2006). Image of neighborhood, self-image and sense of community. *Journal of Environmental Psychology*, 26, 202-214.
- Manzo, L. C. (2003) Beyond house and heaven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology*, 23, 47-61.
- McMillan, D., & Chavis, D. (1986). Sense of community: Definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Medeiros, S. (2010). Amor, apego e afiliação ao lugar: a percepção de Pipa-RN pelos seus moradores. In J. Q. Pinheiro, & G. A. Elali (Orgs.), *Inter-ações pessoa-*

- ambiente: nove estudos potiguares* (pp. 77-96). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Milligan, M. J. (1998). Interactional past and potential: the social construction of place attachment. *Symbolic Interaction*, 21(1), 1-33.
- Min, B., & Lee, J. (2006). Children's neighborhood place as a psychological and behavioral domain. *Journal of Environmental Psychology*, 26, 51-71.
- Mohr, A., & Schall, V. T. (1992). Rumos da educação em saúde no Brasil e sua relação com a educação ambiental. *Cadernos de Saúde Pública*, 2(8), 199-203.
- Molnár, F. (2002). *Os meninos da Rua Paulo* (2<sup>a</sup> ed., P. Rónai, Trad.). São Paulo: Ediouro. (Texto original publicado em 1906).
- Moore, G. T. (1984). Estudos de comportamento ambiental. In J. C. Snyder & A. Catanese (Orgs.), *Introdução à Arquitetura* (pp. 65-88). Rio de Janeiro: Campus.
- Morgan, P. (2010). Towards a developmental theory of place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 11-22.
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (1983). Place identity: physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57-83.
- Putnam, R. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. Nova York: Simon & Schuster.
- Ramirez, B. F. (2010). El medio urbano. In J. I. Aragonés & M. Américo (Orgs.), *Psicologia Ambiental* (pp. 259-280). Madrid: Pirâmide.
- Rio, J. (2007). *A alma encantadora das ruas* (4<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Martin Claret. (Publicado originalmente em 1908)
- Rivlin, L. G. (1987). The neighborhood, personal identity, and group affiliations. In I. Altman & A. Wandersman (Orgs.), *Neighborhood and community environments* (pp. 1-31). Nova York: Plenum.
- Rollero, C., & De Piccoli, N. (2010). Place Attachment, identification and environment perception: an empirical study. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 198-205.
- Sarason, S. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Scamparini, I. (Diretora). (2010, 03 de dezembro). Matera [episódio de programa televisivo]. In S. Sayão (Editora-chefe), *Globo Repórter*. Rio de Janeiro: Rede Globo.
- Scannel, L., & Gifford, R. (2010). Defining Place Attachment: a tripartite organizing framework. *Journal of environmental Psychology*, 30, 1-10.
- Shaake, K., Burgers, J., & Mulder, C. (2010). Ethnicity at the individual and neighborhood level as an explanation for moving out of the neighborhood. *Population Research and Policy Review*, 29, 593-608.
- Simmel, G. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, 11(2), 577-591. (obra originalmente publicada em 1903)
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (obra originalmente publicada em 1917)
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavior research. Tools and techniques*. Nova York: Oxford University Press.
- Sousa, B. (2010). A praça André de Albuquerque ainda existe? Comentários sobre a percepção ambiental de seus principais usuários. In J. Q. Pinheiro, & G. A. Elali (Orgs.), *Inter-ações pessoa-ambiente: nove estudos potiguares* (pp. 137-153). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Speller, G. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e Psicologia Ambiental* (pp. 133-167). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stokols, D., & Shumaker, S. A. (1981). People in places: a transactional view of settings. In J. Harvey (Org.), *Cognition, social behavior, and the environment* (pp. 441-488). Hillsdale: Erlbaum.
- Taylor, J. G., Zube, E. H., & Sell, J. L. (1987). Landscape assessment and perception research methods. In R. B. Bechel, R. W. Marans, & W. Michelson (Orgs.), *Methods in environmental and behavioral research* (pp. 361-393). Nova York: Van Nostrand Reinhold.
- Todorov, T. (1999). *O homem desenraizado*. (C. Cabo, Trad.). Rio de Janeiro: Record. (Texto original publicado em 1939).

- Tuan, Yi-Fu (1983). *Espaço e lugar, a perspectiva da experiência*. São Paulo, Difel.
- Twigger, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and Identity Processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16, 206-220.
- Valera, S., & Vidal, T. (2010) Privacidad y territorialidad In J. I. Aragonés, & M. Américo (Orgs.), *Psicología Ambiental* (pp. 123-145). Madrid: Pirâmide.
- Vemuri, A. W., Grove, J. M., Wilson, M. A., & Burch Jr., W. R. (2011). A tale of two scales: evaluating the relationship among life satisfaction, social capital, income, and the natural environment at individual and neighborhood levels in metropolitan Baltimore. *Environment and Behavior*, 43(1), 3-25.
- Vidal, T., Valera, S., & Peró, M. (2010). Apego al lugar, identidad de lugar y movilidad residencial em estudantes de grado. *Psycology*, 1(3), 291-307.
- Völker, B., Flap, H., & Lindenberg, S. (2007). When are neighborhoods communities? Community in Dutch neighborhoods. *European Sociological Review*, 23(1), 99-114.
- Weiss, R. S. (1982). Relationship of social support and psychological well-being. In H. G. Schulberg & S. M. Killilea (Orgs.), *The modern practice of community mental health* (pp. 148–162). San Fransisco: Jossey Bass.
- Werner, C.M., Altman, I., & Oxley, D. (1985). Temporal aspects of homes: a transactional perspective. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.), *Home Environments* (pp. 1-32). Nova York: Plenum.
- Williams, D. R., & Vaske, J. J. (2003). The measurement of place attachment: Validity and generalizability of a psychometric approach. *Forest Science*, 49, 830-840.

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESPECIALISTAS

1. Entrevistado/a:
2. Profissão e tempo de serviço:
3. Relação com Natal
  - a. Onde você nasceu?
  - b. Há quanto tempo vive em Natal?
  - c. O que acha de morar aqui?
  - d. Em que bairro(s) morou? O que achava/acha de sua(s) vizinhança(s)?
  - e. Você considera que as pessoas eram apegadas às vizinhanças nas quais você morou?
4. Apego aos lugares
  - a. Como você identificaria uma pessoa ou pessoas apegada(s) a um lugar?
  - b. Você conseguiria indicar vizinhanças de Natal às quais as pessoas são apegadas? Se sim, quais?
  - c. Por que, em sua opinião, as vizinhanças indicadas provocam esse apego?

## APÊNDICE B

### TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM O ESPECIALISTA 4

ESPECIALISTA 4 – A gente tem uma cidade que cresceu muito nas últimas décadas por causa de uma migração do campo pra cidade. O migrante quando vem pra cidade ele ganha urbanidade, se adapta a um modo de vida, como ele também traz muitos dos seus hábitos de origem. Então, você passando pelos bairros mais residenciais, as ruas mais movimentadas, você vê as pessoas se reunindo na frente de casa, com as cadeiras na calçada, conversando no início da noite, no meio da noite, etc.

Nos conjuntos habitacionais é assim. Os conjuntos, originalmente, foram ocupados muito por pessoas que vieram do interior, algumas de outros estados. Quando você vai às vilas, tem essa vivência, mesmo porque, as vilas tem uma outra lógica pra explicar. As vilas e as favelas. As vilas são aquelas ruazinhas que fazem atrás das casas que as pessoas fazer pra alugar e ganhar uma renda a mais.

Nas vilas os espaços são exíguos dentro das casas, então, há uma tendência da pessoa fazer uma socialização no exterior das casas, no beco da vila, ou na rua da favela. Os bairros mais carentes também. Se você for nas rocas, por exemplo, que é um bairro popular, ou no alecrim, à noite, você vai ver uma movimentação nas ruas, em torno das rodas de conversa, alguns botequins também vários outros. Há as quadras de esporte, as associações, as igrejas, então essa vivência se destaca dessa forma.

Se você for olhar, há um aspecto de divisão por classes também nisso. Se você analisar um bairro mais elitizado e verticalizado, as pessoas não têm mais esse contato umas com as outras. As relações já se dão mais entre amigos estabelecidos, amigos do trabalho e parentes, não tem mais essa vivência da rua. Os edifícios são isolados, têm muros altos, as pessoas entram e saem de carro, então as pessoas não têm uma relação de vizinhança muito próxima. Nas ruas horizontais de classe média alta que ainda existem, no Tirol, em Ponta Negra, em Lagoa Nova, há alguma relação de conhecimento mútuo de uns vizinhos da frente, do lado, mas pouca convivência. Essa convivência mesmo ela se dá mais nas classes populares.

TADEU – Em sua opinião, o que você chamaria de pessoas apegadas às suas vizinhanças?

ESPECIALISTA 4 – A identidade das pessoas com o lugar. Natal cresceu muito no pós-guerra, mas nós já temos uma geração inteira nascida em conjuntos, nascida nessas áreas novas, nessa zona de expansão da cidade, constituídas ali nas décadas de 50, 60, 70, os loteamentos. O conjunto era, antes de tudo, um loteamento. 37% da área de Natal é ocupada por conjuntos. Então a questão da identidade você tem que analisar caso a caso. As vilas, em sua origem, são rentistas, e a própria estratégia de sobrevivência de quem aluga uma casa numa vila é de estar próximo ao local de trabalho – são pequenas unidades, que você vê que são casais com poucos filhos que se mudam pra lá -, se mudar o emprego muda pra outra vila. As relações de contrato são informais, são mais flexíveis, muito embora os aluguéis sejam relativamente altos.

Essas relações de vizinhança nem sempre se estabelecem nesse tipo de vila, porque a movimentação de pessoas é constante. Mas sempre há pessoas antigas nessas vilas, que se apegam, se apegam à vizinhança. Você vai num bairro como Nova Descoberta, que é um bairro popular, que tem dezenas de vilas lá dentro, as pessoas saem de uma vila e vão pra outra no próprio bairro, de maneira que a convivência se mantém.

E também é uma prática comum, as famílias morarem relativamente próximas umas das outras. Alguém vai pra uma vila e quando vaga uma casa ali, traz um parente pra morar próximo, então é uma prática comum. Agora, a identidade com o lugar, com a casa em si, nesse tipo de situação, talvez não exista tanto, mas com o bairro, sim. É capaz de você achar um nexos nessa vivência nas vilas, outro nos conjuntos, outro na favela. E até ter uma variação se uma favela é urbanizada, se existe há mais tempo.

TADEU – E num bairro histórico como Petrópolis?

ESPECIALISTA 4 – Nos bairros de elite as pessoas têm uma convivência que se dá em torno da vivência profissional também, e das vias que se entrecruzam nos espaços em que essas pessoas convivem. Por exemplo, os filhos que estudam nas mesmas escolas, escolas mais caras. Os mais ricos tendem a se autosegregar, tendem a se estabelecer em espaços exclusivos, espaços que outras pessoas não freqüentem e só pessoas do mesmo padrão econômico. Então há uma convivência, mas não é uma convivência de rua, de

calçada, de bater na porta. E de jantar juntos, fazer uma festa, clube, casa de praia. Aí reúne amigos, alguns até vizinhos e família.

Petrópolis era um bairro todo residencial, uma parte foi verticalizada já nos anos 70 e 80. Mas as pessoas foram deixando suas casas e o mercado imobiliário já se encarrega de oferecer novos produtos, mais sofisticados, para pessoas que têm poder de compra pra isso. E também passam a seduzir os proprietários das casas a verticalizarem os seus terrenos. Os terrenos lá são muito grandes.

TADEU – Você poderia me indicar vizinhanças com esse apego?

ESPECIALISTA 4 – Várias. Por exemplo, Alecrim. O bairro do Alecrim é muito rico. Ele tem uma vida comercial intensa durante o dia e é um bairro residencial à noite. E muitas cidades não é isso, há uma separação entre comércio e residência. O Alecrim tem um misto, então nunca para, está sempre vivo. Nova descoberta também são interessantes, principalmente a parte da vila de ponta negra. Todos os bairros populares são muito interessantes. Os conjuntos mais antigos são muito interessantes. Cidade Satélite você pode ver isso nas ruas de dentro. Esses bairros construídos a partir de conjunto não tinham nada, então as pessoas foram construindo padaria, salão de beleza, um armazém, uma pequena escola, uma creche e esses serviços tendem a ficar nos caminhos principais. Mas se você for pro miolo do conjunto você vai ver que essa vivência de calçada, de amigos ainda acontece em frente às praças. As pessoas se apropriam do espaço da praça, constroem ali uma churrasqueira às vezes ou levam a sua. Às vezes constroem bancos. Quando a praça não existe, quando a prefeitura não construiu a praça, dependendo da casa, eles próprios constroem os bancos de alvenaria.

Lá em cidade satélite, há um espaço central, onde construíram seis torres agora, tem várias praças por dentro, há muito disso, as pessoas mesmas constroem a áreas de lazer da praça que a prefeitura não está cuidando mesmo. E as casa ali são até de terrenos grandes, mas as pessoas ao longo dos anos usam o terreno e constroem um puxadinho pro filho que casou, uma garagem pros carros que comprou e aí vai faltando espaço dentro de casa pra esse tipo de coisa, e aí coloca na frente.

Nova Descoberta também tem muito comércio, mas é um comércio local, o Alecrim tem um comércio voltado p'ra cidade. As Rocas, as Quintas, todo bairro vai ter algum comércio p'ra própria população.

Numa pesquisa que a gente fez, os dados indicam que a centralidade, a proximidade ao trabalho é fundamental. As pessoas preferem pagar aluguel caro em



uma casa pequena em nova descoberta do que pagar mais barato numa casa formal num conjunto da zona norte, às vezes. Aqui (Nova Descoberta), além de ter facilidade do transporte, tem acesso aos serviços da cidade. Escola p'ra filho, pode se locomover de bicicleta, à pé.

## APÊNDICE C

### NOMES E NUMERAÇÃO DAS AVENIDAS DO BAIRRO DO ALECRIM

<b>NOMENCLATURA ANTIGA</b>	<b>NOME POSTERIOR À OFICIALIZAÇÃO DO BAIRRO EM 1911</b>
Avenida 1	Avenida Presidente Quaresma
Avenida 2	Avenida Presidente Bandeira
Avenida 3	Avenida Presidente José Bento
Avenida 4	Avenida Presidente Sarmento
Avenida 5	Avenida Leão Veloso
Avenida 6	Rua dos Canindés
Avenida 7	Rua dos Caicós
Avenida 8	Rua dos Pajeús
Avenida 9	Avenida Coronel Estevam
Avenida 10	Rua Leonel Leite/ Rua dos Paianases
Avenida 11	Rua dos Paiatis
Avenida 12	Avenida Dr. Mário Negócio/ Rua Amaro Barreto

## APÊNDICE D

### ROTEIRO DE ENTREVISTA COM MORADORES

Por que você acha que foi indicado para me falar sobre essa vizinhança?

Você pode me apontar ou dizer o que considera ser sua vizinhança?

O que você considera que há de bom e de ruim aqui? Você acha que os outros moradores compartilham essa opinião?

Você acha que as pessoas gostam de morar aqui? Por quê?

As pessoas da sua vizinhança estão aqui há muito tempo? O que você acha que faz alguns ficarem e outros não?

Você acha que elas se identificam? Você se identifica?

Há quanto tempo mora nesta vizinhança?

Por que veio morar e como se sente morando aqui?

Você gosta de sua vizinhança? Do que você mais gosta e menos gosta?

Você se mudaria daqui? Por quê?

Você considera sua vizinhança apegada? Por quê? Como você identifica esse apego nos moradores?

O que favorece ou desfavorece esse apego?

### Elementos de vizinhança

a) Pedir ou emprestar objetos (ferramentas, açúcar, etc.)
b) Participar de festas familiares dos vizinhos (aniversários, Natal, etc.)
c) Cuidar do filho de algum vizinho, enquanto ele está fora
d) Deixar a chave de casa com algum vizinho
e) Colocar cadeiras na calçada para conversar
f) Praticar esportes na rua
g) Organizar ou participar de eventos em sua rua (Churrascos, São João, Missas, etc.)
h) Pedir ajuda com alguma atividade (Pintar a casa, consertar carro, montar decoração, etc.)
i) Participar de reuniões para buscar melhorias na vizinhança
j) Grupos que representem a rua ou o bairro (blocos de carnaval, time de futebol, etc.)

Outras:

## APÊNDICE E

### TRASCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM UM MORADOR

TADEU - Pelo contexto que eu te dei por que você acha que você foi indicado?

MORADOR 1 - Eu acho que cabe a uma pessoa simples na região. E outra: que é eu conheço muito, vamos dizer, o bairro todo aqui. Até as Quintas, um pouco, eu conheço e tenho amizade. Eu sei a convivência de cada um, o modo de se comportar de outros, o meio de ser e ser amigo, família. Hoje é difícil... Você, por exemplo, seu pai mora aqui em Lagoa Seca aí vem um estranho e diz “rapaz, bora vender a casa e você vai lá pra Zona Sul”. Eu digo “meu amigo, eu não me acostumo ali porque ali é muro alto, mal os vizinhos conhecem os vizinhos, e eu gosto daqui porque a gente aqui vive no meio de gente boa e problemas, né? Mas o que vale é a amizade, o que vale aqui é mais a...”

TADEU - O senhor pode me apontar ou dizer o que você considera a sua vizinhança? Até onde vai?

MORADOR 1 - O limite de minha vizinhança aqui vai de uma extremidade assim, vamos dizer, de dois mil metros.

TADEU - Pra lá também?

MORADOR 1 - É, porque se você for pra cá tem bons amigos.

TADEU - Aqui, você tá dizendo, nas Quintas. É Quintas isso aqui?

MORADOR 1 - É. Eu já ‘tô pegando da Bernardo Vieira a ali o centro do Alecrim, ‘tô pegando assim. Da Bernardo Vieira ao centro do Alecrim eu tenho muitos amigos, muitos vizinhos.

TADEU - E essas pessoas, nesse limite que você deu, todo mundo convive...?

MORADOR 1 - Convive.

TADEU - Pra você, o que é que você acha que há de bom e de ruim nessa vizinhança?

MORADOR 1 - O que eu acho de bom nessa vizinhança aqui é... vamos dizer... é a convivência. De você ainda poder compartilhar com um amigo, se prestar de um amigo. Você, por exemplo, às vezes você tá necessitado... Se eu ‘tô com um problema aqui, e se o problema às vezes não é nem tanto financeiro, mas eu’ tô precisando dele, ele não nega ajuda. Se é do amigo, às vezes vem um amigo aqui também já precisando de uma ferramenta, ou então mesmo de... eu entendo um pouco de hidráulica, de eletricidade. E isso aí não vale nem tanto pelo interesse, é pela amizade. Pelo que eu sei que ele é igual

a mim, na posição financeira é a mesma. Então, quer dizer, é isso que hoje ainda envolve a comunidade. Se é o caso de uma doença, se é o caso de um socorro, estamos todo mundo junto. Não é aquele “você tem, então você que se vire”, né?, “Você tem condições, você que se vire sozinho”. Mas tem o lado humano, o lado do ser humano. Que nessas periferias mais pobres ainda existe o lado humano, o ser humano. Por mais que com dificuldades - que a gente tem problema de droga, tem problema de saneamento, nós temos problema de educação - mas tudo isso aí, isso aí é um, vamos dizer assim, é um paralelo. A gente tem que deixar de lado o...

TADEU - Se compensa pelo...

MORADOR 1 - Exatamente. Pela amizade, relação, as festas...

TADEU - Tem muita festa aqui?

MORADOR 1 - Tem, por exemplo, na festa de São Sebastião - porque devido à violência acabou a festa de São Sebastião.

TADEU - Acabou?

MORADOR 1 - É, acabou o parque. Nós tínhamos um parque aqui, ficava cheio de carrossel isso aqui... E o pessoal se mobilizava, cada um enfeitava suas casas. E aqui era um cinema, o antigo cinema do Alecrim, que era o São Sebastião.

TADEU - Não tem mais o cinema. A festa...?

MORADOR 1 - A festa continua só uma procissão e as novenas. Aí, depois da procissão, pronto, isso aqui é totalmente cercado porque é muita gente, né? Então é isso. E eu vejo a diferença entre você morar em certos bairros que dá conforto a você, mas cobra de você também certas coisas. Eu acho que é, quer dizer, aquele calor humano. Você quando vai morar no interior... Eu sou do interior, eu sou de Caicó. Minha esposa é daqui do Açu, da parte do Açu. Mas quando a gente vai pra lá a gente sente mais ainda aquele calor humano, aquela vida pacatazinha. Deveria ser isso aí.

TADEU - Você disse essa coisa mais de vida pacata... Você acha que essa coisa mais devagar, essa coisa mais lenta, mais calma, facilita as pessoas de ter...?

MORADOR 1 - Facilita muito.

TADEU - O que é que o senhor considera que tem de negativo hoje?

MORADOR 1 - De negativo, eu digo, é o progresso. Mas hoje se você olhar a maioria das doenças - urbanas - é uma parcela muito alta do progresso. É a poluição, é a zoadada... Falando poluição em tudo, né? É a zoadada, é a violência, é o poder aquisitivo. Tem jovem que nem precisa roubar, mas por causa de ter o poder melhor do que aquele outro

que tá lá, vai roubar. E não sabe realmente valorizar o que é a família. Se você tem uma família, não precisa você ter bens. Precisa você ter uma educação em família, né?

TADEU - O senhor acha que essas coisas que o senhor está apontando como coisas negativas já acontecem aqui?

MORADOR 1 - Já acontecem. Por exemplo, no caso aqui foi uma mudança da prefeitura que mudou o roteiro do trânsito. Tem muitos moradores antigos aqui, que jamais... “eu morro aqui”. E hoje tão se mudando por causa do barulho dos carros. Hoje é festa... Ninguém aceita mais aqui um bar, no caso aqui. Que tenha som, tenha... Não quer por causa por causa do barulho. Aqui, quando o pessoal dá aqui, hoje, nove horas, está todo mundo no silêncio. Nove horas. E antigamente não. Antigamente isso aí a gente via até festa, tinha festa nos bares. Agora uma coisa aqui pra mudar, mudar o ritmo.

TADEU - Mas se tá acontecendo essa mudança, por causa desse progresso, dessas coisas que tão acontecendo, muita gente tá saindo, mas alguns tão ficando...

MORADOR 1 - Alguns ficando...

TADEU - O que faz alguns ficarem, enquanto outras saem? Porque você já falou que outras mantêm “eu vou ficar aqui, eu vou morrer aqui”.

MORADOR 1 - Exatamente pela... Eu, por exemplo, eu no meu caso, eu não saio daqui porque já é tradição, certo? Pode até me dizer assim, “olha, então borá pra uma casa boa lá em Lagoa Seca”. Eu digo “não. Eu quero é aqui”. Que a minha convivência aqui é onde eu me desloco pro meu trabalho sem precisar de ônibus. Eu trabalho aqui perto.

Eu conheço todo mundo. Se na “hora H” você precisa de algum socorro, de alguma coisa, você sabe realmente as pessoas que você procura. Você conhece todo mundo, quem é mau, quem é ruim. Eu trabalhei aqui... Às vezes quando eu entro de férias eu venho pra cá, pra o supermercado aqui, o dono dela acha bom porque eu conheço todo mundo. Às vezes uma pessoa estranha, eu já fico de olho. Quando chegar um cabra. Tem menino aqui que gosta daquele negócio de rock, roqueiro. Às vezes vem com aquela roupa... Alguém não entende bem, acha que já é um... “Não, aí é um filho de fulano de tal, é”...

TADEU- Você já conhece...

MORADOR 1 - Já conheço. Em compensação às vezes vem um cabra diferente, todo bem arrumado, mas eu não conheço. Aí a gente tem que ficar hoje...

TADEU - Você acha que, outras pessoas também que moraram sempre aqui que tenham uma relação parecida com a sua com a vizinhança, você acha que elas também ficam, gostam por causa disso? Que elas já conhecem, que elas sabem identifica?.

MORADOR 1 - Já conhecem. E outra: tudo aqui é perto. Tudo aqui favorece você, né? Nós somos, vamos dizer assim, privilegiados aqui, porque passa ônibus pra qualquer canto, nós estamos praticamente no centro do Alecrim... Coisa de dez minutos. Se quer ir pra Zona Norte também tem meios de transporte. Muita gente aqui se mudou pra Zona Norte: “Rapaz, tu num queira saber a dificuldade que eu tenho pra vir trabalhar”. Tem que pegar a Bernardo Vieira. Se for de noite aí já vem o problema do perigo. E aqui tem muita gente, olhe, tem gente caduca aqui. Gente de oitenta, noventa anos. Tem condições de ir pá outro canto, mas não querem sair da sua comunidade. Por quê? Porque todo mundo conhece.

TADEU - Isso você acha que também vale para outras faixas etárias? Tipo: as pessoas mais velhas têm toda uma ligação. Mas pessoas mais novas, jovens ou adultos novos, você acha que também eles têm essa coisa de gostar de ficar aqui? Gostar de morar?

MORADOR 1 - Tem. Mesmo os mais novos. Porque aqui somos criados, como diz um ditado, “sem porteira”. Quer dizer, nós não somos a pessoa trancada.

Por exemplo, se você vier conviver aqui, se você for crescendo aqui, você vai crescer soltando pipa, você vai crescer indo a pé pra praia. Às vezes vai, que hoje ainda tem essa tradição. Às vezes a gente vai aqui no sábado de manhã com uma turma de camarada, vai jogar bola. Às vezes eles mesmos “não, vamos a pé”. Então, quer dizer, é as coisas que hoje ninguém vê mais. Grande metrópole você num vê mais. Essa convivência de ‘tá todo mundo e vamos fazer um piquenique. Que aqui a gente de vez em quando tem piquenique. Pára um ou outro aqui, aí os meninos vêm “não, é só pra bater um pagode”. Eu era um que eu tenho uma roda de pagode. Pronto, essa hora eu já não tava bebendo mesmo, essa hora a gente já tava comendo aqui no centro do pagode.

TADEU - E eles faziam onde isso? Na rua mesmo?

MORADOR 1 - Fazia na rua mesmo. Pronto, na rua a gente tinha um pé de pau de árvore aqui. Aí, pronto! Cada um aqui já trazia se era, no caso, uma perna, já trazia uma perna. Outro já trazia o jerimum, certo? Pronto, sábado lá na minha casa vai ter outro pagode. Então botava a churrasqueira ali e até quatro horas da tarde a gente...

TADEU - Isso aí de alguma forma ainda acontece?

MORADOR 1 - Às vezes acontece. Quer dizer, hoje eu olho -por exemplo - eu trabalho no colégio. Trabalho com infância. E essa juventude, dia de hoje, acho que tá faltando é



isso. Quer dizer, rapaz, a gente quando era pequeno não se envolvia com droga porque a gente tinha vários lazeres. Você passava o dia jogando bola. Jamais esse sujeito ia pensar em se envolver com droga. Tinha droga na época da gente, mas a gente já tirava de lado “não, rapaz, isso aí num tem nada a ver com a gente não”. Nós tínhamos um campinho aqui, jogava bola... E hoje, os jovens de hoje, tá se envolvendo muito pro lado eletrônico, pra informática, pra jogo eletrônico.

Então tá acabando esse negócio, a convivência com o ser humano tá acabando. O que era pra ser o contrário, né? Você imagine você numa casa de *lan house*, tem ali quanto? Vinte colegas. Mas é um colega entre aspas, que quando você sair não sabe o nome dele, num sabe telefone. Se é um trabalho que ele tá com uma dificuldade, ele não aceita você dar palpite. E antigamente não. A dificuldade era tão grande, mas em compensação era bom, que se você tivesse um livro vinham cinco colegas seus pra fazer um trabalho na tua casa. Porque muitas vezes um tinha o poder melhor do que os outros, vinha todo mundo. Daí já surgia uma rodada de futebol, daí surgia um piquenique, outra coisa... Aqui na rua eu marquei, eu marcava na época de São João, cinco arraiá. Da rua da linha do trem até a Quatro eram cinco arraiá aqui.

Num sei se você se lembra do arraiá da Esmeralda. A gente era o melhor e a gente ganhou aqui o primeiro lugar da Esmeralda. Então, quer dizer, essa convivência todinha é fruto de quê? De uma boa vizinhança. O vizinho tem um problema com teu filho, a gente sabe. Mas os pais, a gente sabe que os pais é outra personalidade. Não foi criado daquele jeito, foi com respeito, né? Ser um cara prestativo. Pronto, se eu tô aqui e vier rapaz “tô precisando aqui, deu um problema ali no meu cano”, eu corro. Aí já vou atrás de um colega.

TADEU - Você acha que as pessoas que moram aqui se identificam com essa vizinhança?

MORADOR 1 - Se identificam. Porque é, como eu disse a você, nós temos problemas, mas não é isso aí que abala toda a vizinhança. Dizer “olha, isso aqui já foi bom”. Não. Continua. Até mesmo pelo respeito pelos pais. “Rapaz, teu pai sempre foi caba, cabra bom, gente boa, você também deve ser por aí, né?”. E essa velha guerra. Olhe, a gente tá agora conversando aqui, pode a qualquer hora passar a polícia aqui correndo atrás de um camarada. É rotina. Ou também pode você, quando pensa que não, desce uma procissão aqui. De igreja. Então, quer dizer, é isso aí que jamais eu saio daqui.

TADEU - Há quanto tempo o senhor ‘tá no Alecrim?

MORADOR 1 - Olhe, eu 'tô com quarenta e seis, cheguei aqui com doze anos. Tá numa faixa aí de trinta e... Acho que uns trinta e três, ou bota uns trinta e quatro anos.

TADEU - Mas você veio com seus pais. Por que é que eles vieram morar aqui? Você lembra?

MORADOR 1 - Quando eu vim pra cá, de Caicó pra cá, a gente morou aqui na Avenida Cinco, que também faz parte da vizinhança. Morei aqui. Então essa casa aqui era de um colega dele de Caicó, então ele preferiu passar a casa pra papai. Papai veio pra cá, se instalou aqui, a gente foi criado aqui. Os irmãos, todos dois, são formados, já aposentados. Fizeram a licença de todos saírem daqui, só eu que fiquei. Por uma que eu me destacava muito aqui na Dez, era eu que vivia mais aqui na Dez. Os irmãos eram estudando direto e eu aqui na avenida Dez. Se você perguntar a primeira pedra que foi colocada aqui, qual foi o prefeito que colocou aqui, eu sei dizer. Tudo, até na minha mente, ainda tem muitas coisas aqui na Avenida Dez que mudou.

TADEU - Você conhece a maioria das pessoas aqui. A maior parte da vizinhança - também tem isso de eles terem continuado na casa, os pais terem passado? Então são pessoas que permanecem aqui a mesma época...?

MORADOR 1 - E isso aqui, na Avenida Dez isso aí é pioneiro. Porque, o bairro do Alecrim, e a Avenida Dez que todo ano tem uma festa pra comemorar os moradores da Avenida Dez, é todo ano lá no América. Então é dos moradores da Avenida Dez. Pronto, o irmão de Babau mora aqui. A irmã de Babau. Babau foi criado na avenida Dez. Do jeito que ele, com a música falando sobre a avenida Dez, ele se referia à infância dele, né?,

Que isso aqui era dunas. Isso aqui se você chegasse na Bernardo Vieira, isso era dunas. Tinha o rio das Quintas que era aí, digamos daqui como... Não dava mil metros não, mas aquilo era água... Tomei banho no Rio das Quintas. Hoje é só esgoto. E, Babau, realmente, na música dele ele diz é poste era no meio da rua... Aí, quer dizer, Babau morou aqui. O pai dele foi vereador. Aí ficou a irmã. Com a irmã ficou os sobrinhos. Aí foram pra Candelária. Aí ela, essa aqui, disse "não, eu sempre gostei da Avenida Dez". Veio e construiu o dela... Aqui era propriedade da família dele. Aí destruiu e fez isso aí. Aqui tem umas casinhas baixas, olhe, tem umas casinhas baixas que já tá praticamente passando pra neto. Seu Antônio, aí mora os filhos. Uns foram pra Fortaleza. Tiveram os filhos aqui, agora já tem os netos. Porque os filhos foram tudo criado aqui, os netos, os filhos...

TADEU - Pouco antes o senhor falou que não tinha muita necessidade de sair porque também tudo por perto. Então, as pessoas aqui também não devem sair tanto pela cidade. Provavelmente a maioria trabalha por aqui também?

MORADOR 1 - Trabalha. A maioria trabalha no centro do Alecrim, outros trabalham próximo ao Machado, né? É um meio de transporte que você não tem dificuldade de dizer “não, eu vou me mudar”, como diz o cara “porque minha vida tá se tornando cara, tá se tornando difícil porque eu moro nesse bairro”. Eu tenho um colega que ele, pra ir trabalhar, ele pega quatro transporte. Onde Natal, de primeiro, você só ia pro Alecrim e pra Ribeira. Hoje não, Natal se expandiu muito. Tem gente trabalhando tem que pegar quatro transportes. A maioria aqui os filho foram aprender... Por exemplo, eu tenho quatro filhos. Nenhum depende de transporte. Porque é tudo por perto, no Alecrim. Dá condições de você estudar, de você trabalhar.

Então, quer dizer, é um bairro e hoje tá fazendo noventa e nove anos. O Alecrim hoje tá fazendo noventa e nove anos de aniversário. Então, quer dizer, a Igreja São Pedro tem noventa e um. Tem noventa e um anos a Igreja São Pedro. Aqui hoje nosso Alecrim, acho que mais tarde vai ter uma festa. Sempre tem, todo ano tem festa aqui no Alecrim. Faz um bolo de não sei quantos metros. Então, quer dizer, é isso aí que cativa a gente. Olhe esse rapaz, já é neto da moradora. A avó dele e os pais dele já moraram aqui. Aí ficou a avó dele, os pais dele e agora é ele, neto.

TADEU - Você acha que isso - acho que você até mencionou – mas eu queria falar um pouco mais disso... O fato dessas pessoas mais novas ainda ficarem é uma coisa de herança, de o pai passar pro filho “ó, esse lugar aqui você vai gostar...”? Você passa isso pros seus filhos também?

MORADOR 1 - Passo. Sempre passo isso aqui pra eles, por exemplo, eles vão crescendo a primeira coisa que a gente faz é eles respeitar os vizinhos. Procurar, a primeira coisa, respeitar os vizinhos. Brincar respeitando. Tem colegas da gente que já se envolveu em droga, a gente alerta também. Mas a maioria, todo mundo termina ficando aqui na casa dos pais. Cresce, se forma... Mas, por exemplo, Dona Maria, que é uma das antigas moradoras daqui também, todo domingo os filhos - mora cada um no seu apartamento - tem que comer o feijão da mãe na Avenida Dez. É uma tradição que já tá passando também pros bisnetos dela.

Já tem neto dela, bisneto dela que já são rapazinhos, mas quer ir pra Avenida Dez. Porque na Avenida Dez nós temos um carnaval fora de época. Estamos agora pra ver se a gente reabre de novo o São João que tem aqui. Mas tudo num é pra dar início à

festa, e sim pra reunir os amigos, amigos antigo. Quer dizer tem tudo na Avenida Dez. Se você começar a olhar bem, se você for pra uma festa, que conversa muito, e disser “rapaz, eu sou de bairro do Alecrim”. “Avenida Dez?”, aí você sai dizendo: fulano...

TADEU - Então o senhor considera que essa vizinhança ainda é uma vizinhança apegada?

MORADOR 1 - É uma vizinhança apegada.

TADEU - E, como é que você identifica esse apego nas pessoas?

MORADOR 1 - Olha, de primeiro é, vamos dizer assim, os termos de vida pacata. Que você tem a facilidade de conhecer as pessoas. Você pode até tá num supermercado. Às vezes você vê que ele é cliente da sua loja, mas você num sabe nem onde é que ele mora. Num sabe nem quem... Você não dá nenhuma credibilidade a ele. E isso às vezes, na periferia, a primeira coisa que a gente faz é dar credibilidade àquela pessoa. Então eu acho que é isso aí, sabe? Por exemplo, você se pega quer dizer, eu já to lhe protegendo. Você, que é meu vizinho, me protege na hora de eu sair da minha casa.

TADEU - Você vê as pessoas aqui fazendo isso?

MORADOR 1 - Muitos fazem isso. Você pode viajar. Ninguém mexe com a sua casa, porque se mexer a gente já sabe que não é do bairro. Um caso aqui, ó... Teve uma vez aqui que tava todo mundo com medo de um cara por cima das casas. Nesse quarteirão – quarteirão do colégio - todo mundo se uniu pra ficar vigilante. “dá pra você ficar hoje?”, “Dá”. Aí o menino: “dá pra você ficar hoje?”. E a gente ficava. Até o dia de selecionar o doente, quer dizer. Então é uma vizinhança que a gente sabe o problema de cada um. Se o filho tá com um problema a gente sabe.

TADEU - E assim, com relação à vizinhança mesmo, à rua, à questão que você falou de saneamento? Vocês têm campinho por aqui perto?

MORADOR 1 - Tem não.

TADEU - É como é essa coisa de cuidar do ambiente em comum, assim? Tem isso de mobilizar?

MORADOR 1 - A gente se mobiliza aqui quando a nossa comunidade, a gente, vê que tá sendo prejudicado. Por exemplo, o caso dos arraiá. O caso dos arraiá foi mais um pedido dos mais velhos, né? Os mais velhos diz “rapaz, nós já tá... tem que diminuir o som, vamos procurar acabar porque já tá...”. Não era pelos participantes, mas em consideração aos moradores

Tem gente, num ano, que a gente recebia reclamação. “Olha, o pessoal tá reclamando que tá um barulho imenso”. A gente tem um irmão evangélico aqui que

todo ano ele fazia aqui um palco, botava um palco com as carretas bem grande aqui e fazia uma “assembléia”, como diz os jovens, um “mega show”. Então depois a gente começou a falar “olhe, irmão, é bonito, é bom que anima nossa rua, mas o problema tá na zoadá”, ‘tá incomodando a muitas pessoas. E outra: tá prejudicando o trânsito pra cliente pra quem tem comércio. Porque quando você fecha a rua os clientes não têm como ter acesso à loja dele. Aí ele procurou outro meio “não, vamos fazer outro culto lá pra dentro?”. “Podê”. Pronto, a gente gosta. Mas se for por um meio que não prejudica ninguém, né? Então no caso, por exemplo, do saneamento, que eu falei pra você... Na prefeitura de José Agripino ele calçou essa rua, ele quem foi o prefeito responsável por calçar essa rua.

TADEU - Isso foi em que ano, mais ou menos?

MORADOR 1 – Foi de oitenta a oitenta e dois, por aí. Setenta e nove... Setenta e nove a oitenta, oitenta e dois, por aí. Na primeira chuva que deu por aqui todas as casas nessa baixa que vem assim encheu d’água. Todo mundo saiu arrancando paralelepípedo, fazendo vala pra descer a água. Aqui tem um morador... Era uma casa aqui, nessa rua. Hoje que é Avenida era uma casa. Então José Agripino veio e disse “qual é a solução aqui? A solução é que quando essa água chega aqui na Avenida Dez ela não tem pra onde correr”. Então veio um engenheiro, indenizou essa casa aqui, abriu essa rua aí, certo? Que era só vila, indenizou. Aí melhorou, inclusive, melhorou bastante, mas em compensação a gente ainda tem problema de água aqui. Se chover bastante aqui fica alagado.

Então, quer dizer, teve outros que queria fazer show aqui. Eu fui um, fui o pioneiro que disse aqui: “olhe, isso aqui vai trazer aqui pessoal novo, pessoal de outro bairro, aí termina um filho da gente aqui pagando um preço aqui, tem uma bala...”. Caso que foi o parque de São Sebastião. A gente também, falando com o pároco, falando com um que na época era o chefe da polícia. Era Coronel Altamiro. Ele veio pra reunião, disse “Coronel, a festa a gente não somos contra dar festa. O problema é o parque que vai até certa hora da noite e amanhece o dia, e a gente não dorme porque é carreira, é bala, é pau, é gente gritando na rua... E até a gente mesmo da vizinhança não pode chegar tarde em casa por causa da vizinhança do parque.”

Então, quer dizer, a população se reúne quando tem um problema que tá atingindo... Porque poderia, vamos dizer assim, “rapaz, olhe, só tá atingindo mesmo a Avenida Dez”. Então os outros não precisavam se importar, mas todo mundo se importa porque o problema da Avenida Dez pode tá causando um problema na Avenida Oito

que tá perto. Aí é como eu disse a você: um raio de um mil metros, que faz parte dum... Que todo mundo se preocupa.

TADEU - Tem umas coisas assim que eu listei que geralmente pode ter, como pode não ter, numa vizinhança e eu queria que você me dissesse se isso acontece muito aqui. Não só você, mas se as pessoas fazem muito isso aqui. Por exemplo, você já falou um pouquinho de pedir ou emprestar coisas, de um açúcar... Dizer, isso aí ainda acontece?

MORADOR 1 - Ainda acontece. Hoje não é mais nem mesmo pedir um açúcar. Às vezes é mais, por exemplo, você tem um cartão. Então eu 'tô no SPC, no CERASA, eu peço emprestado. Aí como a gente tem uma confiança, você sabe que eu sou honesto... Já faltou uma vez lá em casa já... Até feira. Até feira o colega vai lá, empresta seu cartão e você paga a feira. Final do mês você paga...

TADEU - Tem essa coisa de participar, por exemplo, festa na família do vizinho? Uma festa de Natal você vai lá...

MORADOR 1 - Uma festa que tem tradicional, que num pode jamais faltar, é uma festa de quinze anos. Então, quer dizer, todo mundo é convidado. Às vezes é até aquela festa que você leva um presente. Eu levo a bebida, outro leva um galeto, por exemplo, isso ainda existe. Festa de quinze anos.

Tem um problema até mesmo de saúde. Por exemplo, eu fui um que... Meu vizinho ele é muito ocupado e tem muito irmão, mas nenhum irmão tava disponível a ficar com o pai dele no Walfredo. Então uma noite eu ia, a minha vizinha ali a outra noite ia, porque sabia que não era... Não era só querendo dizer “é os filho que são safado mesmo e não querem ver o pai”. Mas não, a gente via que cada um era ocupado mesmo e morava distante. Então, quer dizer, eu digo “não, hoje eu não posso ir ficar com teu pai no Walfredo, mas eu vou”.

Então, quer dizer, isso eles retribui do mesmo jeito, sabe? Se você precisar, se for o caso dele, pelo menos de carro aqui. Por exemplo, de carro. Quem não tem carro, você pode bater a qualquer hora aqui na porta dele que ele vai sem aborrecimento, sem pedir preço, sem nada. É só você precisar. Tem muita gente diz “rapaz, precisou, não se acanhe, pode bater que a gente...”

TADEU - Por exemplo, já se você precisar deixar a chave de casa com algum vizinho, cuidar de filho...?

MORADOR 1 - Meu vizinho aqui deixa a chave dele. Quando a gente sai deixa a chave com ele. O dono do supermercado aqui. Quando vai pro interior deixa a chave aqui pra eu abrir, olhar, ver como é que 'tá... Tudo é uma confiança. Confiança que... Eu tenho

uma confiança em você, cem por cento. Aí eu tenho uma confiança ali noutras, sessenta por cento, mas não é a mesma. Somo mais ligados. Por exemplo, eu num gosto de sair aqui noite de ano. Quando eu viajo, eu aviso. Então, por exemplo, aqui na minha casa são a base de umas cinco chaves. É do homem do alto falante, é do outro aqui, é do meu vizinho aqui, é de outro que pega pra ir comprar a água dos bichos dele.

TADEU - Você falou que, de vez em quando, procissão passa. O que mais, na rua, você pode me dizer que acontece? Aqui é complicado porque não dá pro pessoal jogar bola, mas tem umas ruazinhas aqui que acontece isso de o pessoal jogar bola, de ainda fazer fogueira de São João...?

MORADOR 1 - Tem. No São João aqui não falta uma fogueira. Todo mundo nas calçadas. Se uns lá na frente tem um churrasco, vem deixar os churrasco aqui. A gente já deixa o milho. A mulher aqui, a minha esposa, ela tem uma tradição com outros vizinhos aqui. Faz uma canjica aí vai deixar um prato de canjica lá, aí os outros fazem um bolo aí os outros vizinhos bota pra cá. Na semana santa do mesmo jeito.

No interior tem, né? É “esmola”. “Vou dar esmola pra fulano de tal”. Então, vamos dizer, eu tenho uma amiga aqui que às vezes eu ‘tô aqui e vou deixar a esmola dela. Ela tem um negócio que veio do interior pra ela, ela vem deixar aqui. Quer dizer, inda tem esse laço. Tem esse laço que você pode contar. Pode contar com qualquer um.

Não acabou os dele lá. Então os mais novos vêm isso aí e vão se abraçando. Quer dizer, tem filho de colega meu aqui que já casou, sabe que eu tenho carro de mão, sabe que eu tenho escada, sabe que eu tenho... Eles vêm, mas eu sei que eles já vêm através de quê? Dos pais. “Ei, me empreste sua colher de pedreiro, me empreste seu carro de mão...”. Aí eu tenho uma bicicleta aqui, pede a bicicleta. Mas tudo vem deixar tudo normalmente e vice-versa, né? É aquela convivência, a convivência que é boa. É o que eu falei pra você, se disser “ei, vamos morar no Satélite”, eu vou fazer o que no Satélite? Não conheço ninguém. Vou me isolar dentro de casa. Porque lá onde eles moram, em Lagoa Seca, o pessoal, quer dizer, faz o muro alto mesmo, se isola, né? Um dia desse eu tava dizendo “rapaz, eu gosto mesmo de assistir muito filme medieval”. E hoje, pra quem mora num condomínio, “vige, é uma maravilha!”. É um negócio muito bom. Mas eu digo “olhe, isso aí o pessoal antigamente usava essas muralhas até pra proteger de bicho, de ataque de bárbaros”. Então a gente, quer dizer, a gente não mudou nada. Se a gente olhar bem, quer dizer, estamos fazendo as muralhas, se isolando, mas estamos nos isolando de que? Do vizinho. No lugar de fazer amizade com seus vizinhos

tão se isolando, cada vez mais se isolando. Você se isolando, meu amigo, aí acabou tudo.

Quer dizer, você pode ter tudo, de que adianta eu tá aqui, eu me fechar aqui e ter todo tipo de eletrônico. DVD, televisão, antena parabólica, ter bebida, ter churrasco, ter o som melhor do mundo, mas eu curtir isso sozinho não vale à pena. O que vale a pena é você chegar, olhe, “amanhã vamos fazer um pagode lá em casa? Tu me dá o que?”. “Tá precisando de que?”, “tô precisando só das lingüiça”. Aí um já vem com as lingüiças, aí traz o filho dele, traz a mulher dele. E você brinca, não tem confusão, não tem nada. E se tiver confusão se arruma ali mesmo.

TADEU - Me chamou atenção, em algumas casas, são figuras simbólicas, folclóricas... E não só figuras, mas festas - como você já falou da festa de São Sebastião - mas uma festa que seja uma coisa só característica daqui?

MORADOR 1 - Temos. O clube Mauá. É esse, que se você pega essa rua você sai de frente a ele.

TADEU - Então, quais são as outras que você possa dizer que representa assim a vizinhança? Pode ser tanto uma figura individual, um personagem ou lugar.

MORADOR 1 - Temos... Aqui no Alecrim temos o “cheiro do Alecrim”, que é uma banda pré-carnaval, que sai numa semana, duas semanas antes nas ruas. O ano passado a gente fundou um aqui que, se eu não me engano, parece que é “Nota Dez”, já pra dar continuidade. E estamos com um projeto aí... O menino que veio da Bahia, tava trabalhando na Bahia, veio e aí disse “vamos voltar os antigos carnavais que é puxado de trator”. Já tudo programado porque antigamente os carnavais da gente era um trator puxando, o pessoal vai entrando. Quem tá cansado aí sobe em cima daquele trator.

E os assaltos. A gente chamava os assaltos, por exemplo, deixava a bebida na sua casa. A gente sabia que o bloco tá programado pra vir pra minha casa. Ficava toda bebida aqui e dava todo tipo de apoio para o bloco, quando chegar, passar uma hora, duas horas. Aí já saia pra outro assalto.

Mas no dia sete de setembro, que ainda não caiu... As coisas que não caiu ainda foram a procissão de São Sebastião, hoje o sete de setembro, que nas nossas ruas as escolas desfilam, desfila aqui, tem os São João, os São João tradicional que ia até... Parece que foi o ano passado... Que faz parte também aqui, porque, se você olhar, tem uma hora que você pensa que tá no Alecrim, você tá nas Quintas. Por exemplo, você passou da linha do trem aí você já tá nas Quintas. Desceu a linha do trem aí já é o Alecrim. Então, quer dizer, pra não perder o costume de dançar...



Nós temos uma participação muito grande aqui, por exemplo, meu vizinho tem uma casa na Redinha. Tem outros vizinhos aqui a gente fazia praticamente o bloco dos cão. Então, quer dizer, só eu tinha uma margem de oito a dez instrumentos. Só que levava aquele pessoal todinho, a maioria do pessoal levava ali pra Redinha. Era gente! Os cão nunca teve instrumento, o pessoal num botava por causa da lama. Aí nós vamos botar uma banda, vamos fazer uma banda... A gente se organizou aqui, o pessoal da Dez, fez uma banda. Teve o caso de Galvão, o cara de folclore aqui foi ele. Foi ele que deu início a tudo de folclore, as tradições de brincadeira. E quando a gente quer fazer um torneio aqui a gente pede autorização da prefeitura, pronto. Passa o dia todinho aqui. Fecha a rua. Se é Dia da Criança, pronto, vamos botar os menino tudo pra... Então, quer dizer, é umas coisas da brincadeira da gente que ainda tem gente que puxar, né? Diz “olhe, tá vindo aí o dia das crianças, vamos fechar a rua”. Fazer uma assinatura, a gente faz uma assinatura, mas tudo dentro da realidade. Antigamente não, antigamente a gente promovia um arraiá, a gente promovia várias festas aqui. Eu falo sempre... Você já ouviu falar nessa palavra “sustado”...

TADEU - “Assustado”?

MORADOR 1 - É. Que era um...

TADEU - As festinhas, né?

MORADOR 1 - ...as festinhas. Que era muito. A gente chegava e dizia “vai ser lá na casa de Seu Antônio”. Ninguém dizia nada, dizia não, nem o pai sabia, né? Aí quando o pai sabia que via que todo mundo era amigo ali... A gente já conversava com a mãe, pra a mãe ir ajeitando o pai: “ó, os meninos vão fazer uma brincadeira aqui”. E, quer dizer, tinha uma “sustada”. Terminavam a “sustada”, tinha o Mauá. Mauá nessa época era a festança do tempo da brilhantina, né? Foi na época da brilhantina, dos anos oitenta... Então, pronto. O divertimento da gente é esse aqui. Se um cano se estourasse, pronto, já era. Já era o motivo de o cara fazer uma festa, então pronto. Aí vinha outro, com o cano fazia um chuveiro, tomava banho, jogava bola. É essas coisas daqui que todo mundo sabe que, eu saindo daqui, isso aqui morre.

Quer dizer, eu praticamente vou... Não, vou esquecer tudo porque eu vou ter que reconstruir de novo tudinho de novo. Quer dizer, vai modificar a minha vida, minha rotina, dos meus filhos, dos meus, vou procurar até mesmo se estabilizar, vou procurar saber até mesmo a primeira Igreja onde é que fica, né? Porque se você olhar, olhe, tem a Igreja de São Sebastião, tem o supermercado. Se você botar numa medição dá quase

tudo uma medida igual à outra. Se você morar na Oito e você fizer a mesma trajetória dá quase idêntico.

Então, quer dizer, tem nego aí que tá mamando na Dez e não vende a casa. Tem um aqui que já era pra vender. Mas só que tem uma irmã que diz “não vendo não. Não vendo não porque é aqui onde mamãe morreu e é aqui que a gente vai ficar”. Juracir mesmo, Juracir foi um. Ele chegou aí rapazinho, seus vinte e poucos anos. Isso aqui era tudo casa. Esse muro branco, tudo aí era tudo casa. Tudo casinha. Ele alugou essa padaria e começou a trabalhar devagarzinho, foi comprando uma casa e fechava, comprava outra e fechava, foi ajeitando... Mas muitos moradores daqui se mudaram ou então deixaram suas raízes aqui.

Só o que modifica mesmo, é como eu falei a você, é o trânsito hoje que está insuportável. Por mais que você goste, mas não é aquele... Por exemplo, essa hora a gente já tava batendo bola hoje aí onde é prédio do Estado, que é o almoxarifado. Era esse campão bem grandão. Hoje pra você jogar bola, a não ser quadra, tem que primeiro pedir o direito ou então você num joga. E é isso, quer dizer, é isso que separa um filho de cada... No lugar daqueles filhos tudinho como a gente foi criado, jogando bola. As mães nem se preocupavam, sabiam que estavam na pelada. Chegava, almoçava, quando dava uma hora já tava jogando bola de novo no meio da rua ou no campinho. O troféu da gente era um quilo de... Fazia um saco de um quilo de dindim e pronto o troféu. E fora as outras brincadeiras, né? Às vezes a gente faz aqui na rua é o pau no sebo, tem a competição, tem torneio. Isso aí ainda é vivo na comunidade.

Um dia desses veio um cineasta de São Paulo pra saber do cinema. Aí eu disse: “meu amigo, eu ainda tenho as fotos do antigo cinema”. Disse: “homem, não diga isso não”. “Tenho”. Aí ele me disse: “e você sabe onde tá essa máquina de passar esses filmes?”. Eu digo “não sei não, mas é fácil, porque o rapaz que morou aí, que passava os filmes, ele ainda mora aqui na nossa comunidade”. Ele disse: “tem como eu vir aqui outro dia pra...?”. Eu disse: “tem. Você me dê dois dias que eu procuro ele. Ele mora aqui perto”. Aí fui lá, “me dê notícia da máquina, aquela máquina, a primeira máquina pra passar filme, que é aquela das fita grande”. Ele disse: “rapaz aquelas fita, aquela máquina ela tá em São José de Mipibu”. Aí mostrei as foto, como era o retrato do jeito do cinema. Que ainda era essa parede aí uma parte, né? Uma parte. Mas ele... A tradição da gente aqui no domingo era ir pro cinema. Aí ele levou um bocado de foto. “Rapaz, me dê essas fotos.” Eu digo “não, depois o senhor quiser vir deixar aqui, pode deixar, mas eu inda tenho alguns vasculhozinhos lá”. Ele já levou umas três foto. Aí ele bateu

num ponto: “sabe porque eu tô procurando isso?”. Eu disse “não”. “Porque eu fui menino aqui na Avenida Dez”. Eu disse “rapaz eu não acredito não”. “Fui menino aqui na avenida dez”. “Hoje eu produzo filme, moro em São Paulo, mas se eu vier aqui no Rio Grande do Norte e num vier na Avenida Dez, eu não vim em Natal”. Aí saiu dizendo o nome do pessoal, que hoje ele é médico, falou de Babau, aí procurou os outros, outros que já tinha morrido, Seu Araújo, Dona Mariana, Dona Alzira... “Dona Alzira?”. Eu digo “Dona Alzira já tava com noventa e poucos anos, morreu foi esse ano agora, logo no começo desse ano”. Aí também, aí também me dava detalhes, né? “Rapaz, você se lembra que aqui a gente tinha uma fonte? Isso aqui antigamente se chamava ‘baixa da coruja’, esse setor aqui se chamava ‘baixa da coruja’. Me mostrou a foto da primeira capela, que hoje é a de São Sebastião, que era a casinha de taipa. Disse “olhe, tá vendo aqui, onde hoje é essa igrejoná aí, começou assim”. “Mas rapaz...”. Quer dizer, um cara, que é como diz o ditado, que tá “bem de vida”, né? Viaja o mundo todo, né? E depois ainda volta atrás das raízes dele pra saber, quer dizer, é uma coisa que quando é boa a gente não esquece.

É igual a tua avó. Se você tem sua avó, que você gosta da sua avó, você queria que ela pro resto da vida ela vivesse, né? Que é aquele aconchego bom, você vai na sua avó. Quando eu tinha minha avó, a primeira coisa que eu fazia era ir pro sítio dela, chegava em Caicó, eu corria pro sítio, ficava tomando banho de açude, pescando, de noite facheando, caçando... Quando os pais dela, da minha esposa, morreu, pronto. Eu já não, já não me interessa mais em ir pro interior. Tem ali, não sei se você conhece, Alto do Rodrigues, aquela região. Mas eu achava bom porque eu pegava, quando eu pegava meus trinta dias, era trinta dias que eu passava no interior. Só jogando bola, pescando, caçando... De noite nos forró. Mas era todo mundo conhecido, conhecia todo mundo. Quando eu chegava, batia um “ô, rapaz”. Às vezes eu perguntava até a outros “quem é esse?”. “Não é filho de fulano de tal?”. Quer dizer, através dos pais dele os filhos já pegava a gente. Aí a Petrobrás chegou lá e acabou com tudo. É gente de todo canto, é da Bahia, é do Rio, é de São Paulo, é do Rio Grande do Sul...